

O AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA DE INTERVENÇÃO ARTÍSTICO-SOCIAL COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Relatório de Projeto

Rita Isabel Ferreira Assunção

Trabalho realizado sob a orientação de

Prof. Doutor Andrzej Kowalski

Prof.^a Doutora Carla Freire

Leiria, setembro de 2018

Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

Gostaria de apresentar os meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram de diferentes formas para a conclusão de mais uma etapa da minha formação:

À Professora Doutora Carla Freire, minha orientadora, por todo o apoio e orientação prestado ao longo deste trabalho, desde comentários à partilha de saberes. Pelas palavras de incentivo e compreensão e acima de tudo por ter sido a minha maior crítica em todas as horas.

Ao Professor Doutor Andrzej Kowalski, meu coorientador, pela sua colaboração e apoio precioso sobre as inúmeras recomendações ao nível técnico e que sem os quais não seria possível a concretização deste trabalho.

Aos restantes professores do MIAA por me terem acompanhado nesta jornada, em especial, à Professora Doutora Maria de São Pedro Lopes, à coordenadora de curso, pela disponibilidade e simpatia reveladas para comigo.

Às técnicas do CAARPD da APPACDM, pela amabilidade em me receberem e por me terem proporcionado as condições favoráveis para o desenvolvimento do meu projeto de intervenção.

Aos jovens que participaram no estudo e a quem se deve todo o meu estudo. Pela ternura sempre manifestadas e pelo entusiasmo, seriedade e empenho com que sempre realizaram as atividades propostas.

Ao André Souza e à Vânia Oliveira, meus colegas e amigos, pelos proveitosos momentos e pelas palavras de ânimo, mesmo a quilómetros de distância. Pela excelente amizade.

À Cristina Assunção, minha mãe, pelo seu apoio eterno e por me educar e ensinar a fazer sempre mais e melhor. Pela inestimável paciência quando o mundo parecia que ia desabar.

E, por último, um agradecimento especial, ao Ricardo Cardoso, meu namorado e fiel amigo, pelo seu amor e carinho incondicional, por ter

estado sempre presente e por ter acreditado sempre em mim. Pelas palavras de confiança e força, sem as quais por diversos momentos teria desistido.

RESUMO

Com a rápida expansão da era digital que temos assistido ao longo dos últimos tempos, a compreensão e a utilização das novas tecnologias torna-se uma componente essencial para pudermos acompanhar o processo de atualização da nova era.

As consequências desta evolução, transformaram-se em fator de exclusão e discriminação pela falta de igualdade de oportunidades de acesso ao mundo tecnológico por parte de determinadas populações mais fragilizadas. A subvalorização e estigma associados aos problemas de saúde mental contribuem para a falta de oportunidades de aprendizagem da literacia da linguagem audiovisual.

Perante o exposto, o presente relatório procura consciencializar para o combate à literacia audiovisual refletindo sobre o papel do audiovisual como uma ferramenta artística e social e compreender quais os seus contributos, numa perspetiva de investigação social e humana, associada a um contexto específico: Deficiência Intelectual e Desenvolvidamental (DID).

No sentido de aferir esta problemática, *Olho para a Coisa*, foi um projeto de experimentação de criações audiovisuais que culminou num filme, totalmente idealizado e construído pelos participantes do projeto.

O grupo deste projeto foi um conjunto de oito jovens-adultos, bastante heterógenos e com diferentes diagnósticos de DID associada a perturbações do foro psicológico de um Centro de Atendimento, Acompanhamento e Reabilitação Social para Pessoas com Deficiência e Incapacidade (CAARPD).

Por meio de sessões semanais, durante seis meses, as atividades desenvolvidas tinham como intuito aprimorar a criatividade, a descoberta e propiciar momentos de trabalho em equipa e cooperação, de socialização entre pares e a valorização de ideias e opiniões de cada um.

Trata-se de um estudo com uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, inserido na tipologia de investigação-ação. E tendo como instrumentos de recolha de dados a observação participante, o grupo focal e inquéritos por questionário e como instrumento de avaliação, a análise de conteúdo.

Assim sendo, o trabalho apresentando neste relatório, apresenta a revisão da literatura e um enquadramento sobre a metodologia utilizada, bem como, os resultados do estudo sobre a problemática em questão, após o tratamento e a análise das informações recolhidas ao longo do desenvolvimento de todo o estudo.

Posto isto, os resultados obtidos indicam que o audiovisual é uma ferramenta útil como estratégia de intervenção artístico-expressiva, aliada às práticas socioculturais e, conseqüentemente, um marco fundamental na promoção de aprendizagens sociais e vivências em grupo, essenciais para o processo criativo dos indivíduos.

Palavras-chave

Audiovisual; Competências Psicossociais; Deficiência Intelectual e Desenvolvemental; Diagnóstico Duplo; Novas Tecnologias; Processo Criativo

ABSTRACT

Despite the rapid expansion of the digital age we have witnessed in recent times, the understanding and use of new technologies becomes an essential component for us to be able to follow the process of updating the new era.

The consequences of this evolution have become a factor of exclusion and discrimination due to the lack of equal opportunities for access to the technological world by certain more vulnerable populations. The undervaluation and stigma associated with mental health problems contribute to the lack of learning opportunities about literacy of audiovisual language.

In view of the above, this report seeks to raise awareness of the fight against audiovisual literacy by reflecting on the role of audiovisual as an artistic and social tool and to understand what its contributions, from a social and human research perspective, are related to a specific context: Intellectual and Developmental Disabilities (IDD).

To assess this problem, *Olho para a Coisa*, was a project of experimentation of audiovisual creations, culminating in a movie, totally idealized and constructed by the participants of the project.

The group of this project was a set of eight young adults, quite heterogenous and different diagnoses Intellectual and Developmental Disabilities (IDD) associated with disorders of psychological conditions of Centro de Atendimento, Acompanhamento e Reabilitação Social para Pessoas com Deficiência e Incapacidade (CAARPD).

Through weekly sessions, for six months, the activities developed were aimed at improving creativity, finding and providing moments of teamwork and cooperation, socializing among peers and valuing each other's ideas and opinions.

It is a study with a qualitative approach, exploratory and descriptive, inserted in the typology of action research. With participant

observation, focus group and questionnaire surveys as instruments of data collection, and as an instrument of evaluation, the analysis of the content is a data collection tool.

Therefore, the presented work in this report shows the literature review and a framework on the methodology used, as well as the results of the study on the problem in question, after the treatment and analysis of the information collected throughout the development of all the study.

That said, the results indicate that the audiovisual is a useful tool as artistic and expressive intervention strategy, combined with the socio-cultural practices and, consequently, a fundamental landmark in the promotion of social learning and group experiences, essential for the creative process of individuals.

Keywords

Audiovisual; Psychosocial Skills; Intellectual and Developmental Disabilities; Dual Diagnosis; New Technologies; Creative Process

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	ii
Resumo	iv
Abstract.....	vi
Índice Geral	viii
Índice de Figuras	xi
Índice de Tabelas.....	xiii
Índice de Gráficos.....	xiv
Abreviaturas.....	xv
Introdução	1
Motivação Pessoal	2
Questão de Investigação e Objetivos.....	3
Estrutura do Trabalho	3
I Enquadramento teórico	5
1.1 Conceitos de Saúde Mental.....	5
1.1.1 Perturbação Mental.....	5
1.1.2 Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental.....	8
1.1.3 Diagnóstico Duplo.....	10
1.2 Conceitos de Audiovisual	13
1.2.1 Processo de uma Produção de Vídeo.....	14
1.3 O Audiovisual como Ferramenta de Intervenção	21
1.3.1 Uma Introdução aos Novos Desafios do Audiovisual.....	21
1.3.2 Potencial do Audiovisual como Ferramenta Artística-Social.....	23
II Olho para a Coisa: Descrição do Projeto	26
2.1 Contexto Genérico	26
2.2 Objetivos Do Projeto	27

2.2.1	Objetivos Gerais	27
2.2.2	Objetivos Específicos	27
2.3	Instituição do Estudo	27
2.4	Participantes do Projeto	29
2.5	Etapas de Desenvolvimento do Projeto	29
III	Metodologia.....	31
3.1	Questão de Partida e Objetivos de Investigação	31
3.2	Tipo de Estudo	32
3.2.1	Investigação Qualitativa	33
3.2.2	Estudo Exploratório-Descrito	34
3.2.3	Investigação-Ação	35
3.3	Caracterização dos Participantes.....	38
3.4	Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados.....	40
3.4.1	Observação Participante	40
3.4.2	Grupo Focal	42
3.4.3	Inquérito por Questionário.....	44
3.5	Técnica de Análise de Dados.....	45
3.6	Aspetos Éticos em Investigação Social	46
3.7	Procedimento da Intervenção.....	48
IV	Apresentação e Discussão de Resultados.....	51
4.1	Estratégias e Práticas Utilizadas na Intervenção.....	52
4.2	Avaliação da Intervenção.....	58
V	Conclusões.....	71
	Referências Bibliográficas.....	78
	Anexos.....	86
	Anexo I – PowerPoint Utilizado na Primeira Sessão	86
	Anexo II – PowerPoint Utilizado na Segunda Sessão.....	87

Anexo III – PowerPoint Utilizado na Oitava Sessão.....	88
Anexo IV – Notas de Campo Incluídas no Diário de Bordo	89
Anexo V – Transcrições das Reuniões de Grupo Focal	109
Anexo VI – Modelo de Questionário de Avaliação na Perspetiva da Equipa Técnica	144
Anexo VII – Modelo de Questionário de Avaliação na Perspetiva do Cuidador Legal	147
Anexo VIII – Modelo de Questionário de Avaliação na Perspetiva do Participante	150
Anexo IX – Grelha de Análise de Conteúdo do Grupo Focal	154
Anexo X – Grelha de Análise de Conteúdo do Diário de Bordo	158
Anexo XI – Carta de Explicação do Estudo e do Consentimento Informado, Livre e Esclarecido: Participação num Projeto de Investigação	162
Anexo XII – Carta de Explicação do Estudo e do Consentimento Informado, Livre e Esclarecido: Avaliação do Projeto.....	165
Anexo XIII – Declaração de Autorização de Cedência dos Direitos de Imagem	168
Anexo XIV – Folha de Registo de Presenças.....	169
Anexo XV – Bilhete de Identidade De Personagem	170
Anexo XVI – História Original	180
Anexo XVII – História “O Dom de Ariel”	181
Anexo XVIII – Dados em Bruto dos Questionários Aplicados aos Participantes do Estudo.....	183
Anexo XIX – Registos Fotográficos do Projeto.....	225

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo de Imagem Focada

Figura 2 – Exemplo de Imagem Desfocada

Figura 3 – Tipos de Plano de Câmara

Figura 4 – Panorâmica Vertical

Figura 5 – Panorâmica Horizontal

Figura 6 – Travelling Vertical

Figura 7 – Travelling Horizontal

Figura 8 – Esquema dos Atos da Estrutura Clássica

Figura 9 – Estrutura Clássica de uma História

Figura 10 – Plano Cíclico da Investigação-Ação de acordo com Stephen Kemmis (1989)

Figura 11 - Processo de uma Discussão de Grupo Focal

Figura 11 - Etapa 1: Sessão de Aprendizagem dos Planos de Enquadramento de Imagem

Figura 13 - Etapa 1: Exercícios de Exploração da Câmara

Figura 14 - Etapa 1: Exercícios de Exploração da Câmara

Figura 15 - Etapa 3: Storyboard

Figura 16 - Etapa 4: Construção dos Adereços

Figura 17 - Etapa 4: Construção dos Adereços (Sonhos)

Figura 18 - Etapa 4: Sonhos da História

Figura 19 - Etapa 5: Filmagens da História

Figura 20 - Etapa 5: Filmagens da História

Figura 21 - Etapa 5: Filmagens da História

Figura 22 - Etapa 5: Filmagens da História

Figura 23 - Etapa 5: Filmagens da História

Figura 24 - Etapa 5: Filmagens da História

Figura 25 - Etapa 5: Claquete

Figura 26 - Etapa 5: Participante a escrever na claquete

Figura 27 – Apresentação Pública do Projeto

Figura 28 – Apresentação Pública do Projeto

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Cronograma de Procedimentos do Estudo

Tabela 2 – Dados Gerais dos Participantes

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Ordem de Preferência de Gosto das Etapas do Projeto

ABREVIATURAS

AAIDD – American Association on Intellectual and Developmental Disabilities
(Associação Americana de Perturbações Intelectuais e do Desenvolvimento)

ADEB - Associação de Apoio aos Doentes Depressivos e Bipolares

APPACDM – Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental

APA - American Psychological Association (Associação Americana de Psiquiatria)

CAARPD - Centro de Atendimento, Acompanhamento e Reabilitação Social para
Pessoas com Deficiência e Incapacidade

CIF – Classificação Internacional de Funcionalidade

DD – Diagnóstico Duplo

DID – Deficiência Intelectual e Desenvolvimental

DM – Deficiência Mental

EMCDDA – European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction (Observatório
Europeu da Droga e da Toxicodependência)

NADD – National Association for the Dually Diagnosed (Associação Nacional para o
Diagnóstico Duplo)

NCDD – National Coalition on Dual Diagnosis (Coligação Nacional sobre o Duplo
Diagnóstico)

NAMI – National Alliance on Mental Illness (Aliança Nacional para a Saúde Mental)

OMS – Organização Mundial de Saúde

PBP - Perturbação Borderline da Personalidade

POC – Perturbação Obsessiva-Compulsiva

QI - Quociente de Inteligência

SAMHSA - Substance Abuse and Mental Health Services Administration (Serviços de Administração de Abuso de Substâncias e de Saúde Mental)

SPPSM – Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Saúde Mental

INTRODUÇÃO

Com a evolução das tecnologias, a comunicação visual, tem vindo a alterar-se gradualmente, uma vez que, com o aparecimento de telemóveis com câmara e de máquinas fotográficas ou câmaras de filmar qualquer pessoa está a um clique de captar e registar uma imagem.

A rápida expansão da era digital permitiu que, nos dias de hoje, a utilização das novas tecnologias se tornasse uma parte integrante do nosso quotidiano como uma nova forma de comunicação.

No entanto, atualmente, ainda existem populações, em que, pessoas com DID, não têm igual acesso ao mundo da tecnologia, pelos mais diversos estigmas e estereótipos que existem em relação às suas dificuldades de aprendizagem face à utilização de equipamentos audiovisuais e acabando por não conseguirem usufruir dos seus benefícios.

Desta forma, o vídeo pode tornar-se um recurso útil como ponte de acessibilidade aos meios audiovisuais e assim, possibilitando um maior envolvimento desta população a uma diferente linguagem expressiva, em práticas socioculturais e contextos não-formais aliados à intervenção artístico-social.

Perante esta abordagem, torna-se importante apostar no aprofundamento de investigações nesta área, na tentativa de procurar compreender em que medida pode os recursos audiovisuais ser uma ferramenta promotora do «desenvolvimento de competências, através de atividades e ações relacionadas com a linguagem e produção de audiovisual» (Freire & Silva, 2014, p. 166).

Neste sentido, o tema de estudo da presente dissertação prende-se com a utilização do audiovisual, para minimizar a pouca acessibilidade das pessoas com DID às novas tecnologias, como forma de envolvimento e do desenvolvimento de competências. Pretende-se, desta forma, saber quais os seus benefícios para a melhoria do bem-estar psicossocial do ser humano com DID.

Assim, para a realização desta investigação, a instituição na qual o projeto se insere é um CAARPD, situado em Setúbal, valência da APPACDM (Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental).

MOTIVAÇÃO PESSOAL

Desde que tenho quinze anos, quando entrei para o curso profissional de Animação Sociocultural, que soube o que queria fazer como atividade profissional, ainda que não estivesse bem delineado, sentia que trabalhar com pessoas com DID era a minha verdadeira vocação.

Desde então que procurei conhecer e pesquisar projetos que me mostrassem mais sobre esta realidade e fui tendo algumas experiências, ainda que não muitas, com este tipo de população.

Em 2016, quando ingressei para o mestrado, conforme me fui familiarizando e conhecendo a imensidão de estratégias de intervenção artística, apercebi-me que existiam algumas lacunas no que diz respeito às práticas através das novas tecnologias com pessoas com DID.

Do meu ponto de vista, existe uma alguma discrepância entre pessoas com e sem DID, particularmente, em relação à acessibilidade de utilização das novas tecnologias como por exemplo: máquinas de filmar, câmaras fotográficas, computadores ou até mesmo telemóveis.

Perante esta abordagem, penso que esta população é muitas das vezes desvalorizada em função da sua deficiência ou incapacidade, sem serem consideradas as suas capacidades. Criam-se estigmas em torno das suas dificuldades ao invés de se valorizar e dar a possibilidade de desenvolverem as suas habilidades e mostrarem aquilo de que são capazes.

QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO E OBJETIVOS

Perante esta ordem de pressupostos, com a temática que me propus estudar defini a questão de partida: **em que medida a utilização dos recursos audiovisuais permite o desenvolvimento de competências e promove a melhoria das relações interpessoais de pessoas com DID?**

De modo a responder à questão de investigação, foi formulado como objetivo geral: compreender de que forma os recursos audiovisuais contribuem para a melhoria das competências sociais, expressivas e pessoais. Neste sentido, defini os seguintes objetivos específicos:

- Explorar estratégias e práticas com recurso ao audiovisual que promovam as relações interpessoais;
- Descrever as reações e comportamentos dos participantes face à introdução de recursos audiovisuais no processo de reabilitação social;
- Analisar em que medida a utilização de estratégias com recurso ao audiovisual permite desenvolver, nos participantes, competências pessoais, sociais e expressivas.

ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente relatório de investigação está organizado em cinco capítulos. O primeiro capítulo refere-se à revisão da literatura. São analisados diversos autores e as suas perspetivas em relação à problemática deste estudo: a panorâmica de intervenções que utilizam os recursos audiovisuais e a sua relevância para o desenvolvimento do bem-estar psicossocial dos indivíduos.

Nesta sequência, segue-se uma definição técnica dos conceitos que dizem respeito ao processo de produção de vídeo, nomeadamente, o guião, planos e movimentos de câmara

e a construção da narrativa. É ainda contextualizado a noção de saúde mental focada nas perturbações do foro mental associada à DID: o diagnóstico duplo.

O segundo capítulo apresenta os aspetos inerentes ao desenvolvimento projeto. É feita uma breve contextualização do projeto e em seguida, são descritos os objetivos de intervenção, as diferentes etapas de atuação, a caracterização das sessões, dos participantes e da instituição onde é implementado o projeto.

O terceiro capítulo refere-se à metodologia do estudo, onde é definida a problemática, caracterizada a amostra, descrito o tipo de estudo efetuado e técnicas e instrumentos utilizados na recolha e tratamento de dados e por último as questões éticas e deontológicas associadas à investigação social.

Finalmente, no quarto capítulo são analisados os dados obtidos e apresentados os resultados do estudo e relacionados entre si mesmos e confrontados com a literatura.

Por último, no quinto capítulo, apresenta-se a conclusão, em formato de reflexão e síntese de todo o processo de desenvolvimento do estudo realizado bem como, são ainda indicadas propostas para futuros estudos sobre o audiovisual como ferramenta de intervenção artística e social.

I ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 CONCEITOS DE SAÚDE MENTAL

O conceito de saúde mental pode ser definido pela Organização Mundial de Saúde – OMS - (2014) como um estado completo de bem-estar, e não apenas a ausência de doença. De acordo com a OMS cada indivíduo tem consciência das suas capacidades, é capaz de lidar com o stress e os problemas normais do quotidiano, possui autonomia para realizar as atividades da vida diária, consegue trabalhar de forma produtiva e é capaz de contribuir a diferentes níveis na comunidade em que está inserido.

De acordo com Parekh (2018) e a Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Saúde Mental – SPPSM - (2016) este bem-estar psicológico difere de pessoa para pessoa, dependendo das especificidades próprias de cada um. Deste modo, é influenciado pelo equilíbrio de fatores ambientais, socioculturais, políticos e económicos dos quais resultarão no desempenho das funções mentais que se traduzem em comportamentos adaptados a diferentes circunstâncias, tais como, na habitação, no emprego, na tomada de decisões, educação, relações interpessoais entre outros.

Por outro lado, a SPPSM (2016) refere que em situações em que a pessoa com uma perturbação psiquiátrica esteja fragilizada pode «afetar negativamente a sua capacidade de escolha, levando não só a uma diminuição das funções a nível individual, mas também a um nível mais amplo com perdas de bem-estar para a família e sociedade»¹.

1.1.1 PERTURBAÇÃO MENTAL

A perturbação mental, conforme refere a SPPSM (2016), é uma condição que se traduz por alterações comportamentais relacionadas com um mal-estar mental que poderão ter origem num grupo de causas e condições psicológicas, sociais, biológicas do indivíduo.

¹ <http://www.sppsm.org/informemente/guia-essencial-para-jornalistas/termos-em-saudeperturbacao-mental/>. Obtido em 29 de julho 2018

Segundo o Relatório Mundial da Saúde da OMS (2002), entende-se por perturbação mental e comportamental as «condições clinicamente significativas caracterizadas por alterações do modo de pensar e do humor (emoções) ou por comportamentos associados com a angústia pessoal e/ou deterioração do funcionamento» (p. 53). De modo geral, a perturbação mental é caracterizada por uma mudança no funcionamento cognitivo e comportamental que dificulta o modo de pensamento e das emoções e que normalmente se traduz em complicações na sua vida diária ao nível da família, do emprego, etc. (SPPSM, 2016).

Face ao exposto, estas alterações manifestam-se de forma continuada ou recorrente indicando que a pessoa sofre de um problema grave, resultado de uma condição médica, e não uma falha de carácter ou imaturidade (Associação de Apoio aos Doentes Depressivos e Bipolares - ADEB, 2015).

Neste sentido, a SPPSM (2016) distingue dois tipos de perturbação mental: *minor* e *major*. No que diz respeito à perturbação mental *minor* pode relacionar-se, por exemplo, com depressões ou perturbações de ansiedade. A perturbação mental *major* refere-se a questões mais graves e que têm implicações significativas até mesmo, na maioria das vezes, cuidados hospitalares. Como por exemplo, a esquizofrenia e a perturbação bipolar.

Tipos de Perturbações Mentais

Neste capítulo abordaremos as perturbações mais comuns inerentes à saúde mental diagnosticadas no grupo de participantes deste estudo. Neste sentido, uma série de organizações (Institute of Museum and Library, 2011; American Psychological Association - APA, 2014; ADEB, 2015; Substance Abuse and Mental Health Services Administration - SAMHSA, 2016) conceptualizaram os comportamentos e características sobre as doenças:

- **Perturbação Bipolar ou Doença Maníaco-Depressiva** - A bipolaridade é uma doença caracterizada por oscilações drásticas de humor que vão de períodos de intensa exaltação (felicidade, enérgicas, euforia e hiperatividade) e que muito rapidamente se tornam em períodos mais depressivos (impulsividade, tristeza e

irritabilidade). Estes episódios de humor geram alterações comportamentais comuns associadas a sentimentos de inutilidade, perda de interesse ou prazer em realizar tarefas e perda de energia.

- **Perturbação Depressiva ou Depressão** - A depressão é uma condição caracterizada por um sentimento de tristeza profunda e perda de interesse pelas atividades que antes foram tidas como agradáveis, durante um longo período, pelo menos duas semanas. Esta condição é acompanhada por uma variedade de alterações que incluem: fadiga, dificuldades de concentração, alterações no apetite, sentimento de desespero, entre outros.
- **Perturbação Obsessiva-Compulsiva (POC)** - A POC é uma condição caracterizada por pensamentos persistentes, impulsivos e involuntários que provocam ansiedade e mal-estar. Geralmente a pessoa realiza um ritual ou uma compulsão repetitivamente como uma resposta a uma obsessão interferindo significativamente com as rotinas da pessoa. Estas compulsões podem ser: **limpar** (medo de contaminação), **repetir** (repetir nomes ou frases para dissipar a ansiedade), **verificar** (verificar vezes sem conta uma determinada situação), **ordenar** e **organizar** (reduzir o desconforto).
- **Perturbação da Personalidade** – A personalidade refere-se à forma de pensar, sentir e agir. Quando a personalidade dos indivíduos é influenciada negativamente pelo ambiente e experiências externas aos mesmos, pode prejudicar as relações sociais, resultando assim em perturbações da personalidade.
 - **Perturbação Borderline da Personalidade (PBP)** – É uma das diversas perturbações da personalidade. É uma condição que se caracteriza por uma dificuldade em estabelecer relações interpessoais e no controlo dos impulsos. Há uma tendência acentuada para serem emotivas, inseguras, dramáticas imaturas e instáveis no que concerne a agressividade e na autoimagem (Herédia & Henriques, 2015).

1.1.2 DIFICULDADE INTELECTUAL E DESENVOLVIMENTAL

O conceito de Deficiência Mental (DM) como usualmente mencionamos, sofreu inúmeras modificações ao longo dos séculos (Ferreira, 2015). As pessoas que nasciam com DM desde sempre foram olhadas pela sociedade como incapacitadas e frequentemente rotuladas de malucas, retardadas, anormais, entevadas, entre outros significados, e excluídas por essas razões (Alves, 2010; Seixas, 2015).

Para Alves (2010) estas denominações sobre a deficiência estão diretamente associadas às limitações que impendem ou dificultam a comunicação e autonomia dos indivíduos.

Muito do estigma que as pessoas com DM sentiam por parte da sociedade acontecia pela forma tradicional como a DM era diagnosticada. Até à primeira metade do século XX, a aplicação de testes de medição de QI (Quociente de Inteligência) era o único instrumento utilizado para diagnosticar a DM e tinha como objetivo medir a capacidade de raciocínio e de aprendizagem dos indivíduos (Belo, Caridade, Cabral & Sousa, 2008).

Face ao exposto, Silva e Coelho (2014) referem que «o QI abaixo do considerado normal começou desde então a estar relacionado com as capacidades das pessoas, contribuindo para uma rotulação negativa, limitativa» (p. 168). Desta forma, devido às suas limitações, agravadas pela superproteção e pelas fracas expectativas associadas, pessoas com DID, viverem sempre de modo restrito com o meio e a realidade que os rodeia (Alves, Faria, Mota & Silva; 2008).

Porém, conforme a revisão da literatura, atendendo às críticas que surgiram face ao sistema de classificação que vigorava, uma nova conceção científica apareceu mediante as necessidades de melhoria desejadas. Neste sentido, as doenças de foro psiquiátrico deixaram de ser diagnosticadas apenas por testes de QI e começaram a contemplar um conjunto mais complexo de condições que englobam aspetos sociais e educativos (Belo, Caridade, Cabral, & Sousa; 2008; Silva & Coelho, 2014) e que serão mencionadas mais posteriormente neste capítulo.

Sob este prisma, noções mais recentes e humanitárias têm vindo a desconstruir esta terminologia pejorativa imposta pela palavra deficiência, para passar a conceptualizar um novo paradigma, com uma abordagem mais integradora. Para tirar o foco da incapacidade

do indivíduo, e valorizar a sua funcionalidade, aquilo que é capaz de fazer. É nesta linha de pensamento que se verifica uma alteração da terminologia. O termo até então denominado de DM passou para DID.

O marco importante para a mudança de paradigma aconteceu com a elaboração de um sistema de classificação de referência universal e padronizada, produzido pela OMS, datado em 2004, na qual se definiram políticas para avaliar e medir a deficiência ou incapacidades – problemas nas funções ou na estrutura do corpo provocadas por um defeito, anormalidade ou perda que pode ser temporária ou permanente - dos sujeitos. Esta classificação passou a realizar-se a partir de um manual padrão denominado de CIF (Classificação Internacional de Funcionalidade)

Assim, de acordo com a CIF, a atribuição deste novo termo, introduziu uma noção multidimensional de diagnóstico na medida em que, deixou de contemplar uma razão apenas de cariz biomédico para se centrar também numa estrutura psicossocial. Portanto, a DID, passou a relacionar-se em torno de ambos os aspetos.

Neste sentido, a mudança de paradigma, passou a caracterizar as limitações ou restrições funcionais – mentais ou físicas - que um sujeito apresenta no funcionamento cognitivo e no desempenho de tarefas do quotidiano, como os cuidados pessoais básicos, dificuldades de comunicação e interação social (Alves, Faria, Mota & Silva, 2008)

Segundo a OMS, a DID é um conceito que abrange limitações de atividade, isto é, dificuldades encontradas pela pessoa ao fazer uma determinada tarefa e restrições de participação, quer isto dizer, problemas experienciados em situações do dia-a-dia no seu meio envolvente.

No seguimento desta ideia, a *American Association on Intellectual and Developmental Disabilities* (AAIDD) - Associação Americana de Deficiência Intelectual e do Desenvolvimento - definiu três grandes critérios de inovação para diagnosticar um indivíduo com DID:

- **Limitações no funcionamento intelectual** - Refere-se à capacidade cognitiva geral (também denominada de QI) tal como a capacidade de aprendizagem.

- **Limitações significativas no comportamento adaptativo** – Habilidades sociais e práticas da vida diária necessárias para um indivíduo conseguir comunicar, interagir e adaptar-se independentemente no contexto social em que está inserido.
- **Manifesta-se antes dos 18 anos**

Relativamente ao comportamento adaptativo, a AAIDID explica que abrange três áreas de habilidade:

- **Conceituais** – Capacidade de ler e escrever e de aprendizagem de outros aspetos cognitivos.
- **Sociais** – Capacidade de comunicar e de se relacionar em grupo.
- **Práticas** – Autonomia na realização das atividades de vida diária como a gestão de dinheiro, a utilização de transportes públicos, preparação de refeições simples, etc.

Posto isto, facilmente percebemos nos últimos anos, a terminologia de pessoas com DID eram sobretudo de carácter depreciativo e que nos dias de hoje, tem-se demonstrado uma valorização do indivíduo pelo que é capaz de fazer e não pelas suas incapacidades.

Em suma, na atualidade a DID é caracterizada por uma condição complexa que não se define apenas pela inteligência, mas também, por uma «amplitude de aptidões de independência pessoal e interação social, como a presença ou ausência de problemas de comportamento» (Belo, Caridade, Cabral & Sousa, 2008, p. 4). Por outras palavras, é uma dificuldade que abrange duas grandes esferas: funcionamento cognitivo e desempenho de tarefas autonomamente (relacionamento interpessoal e cuidados pessoais e da vida diária).

1.1.3 DIAGNÓSTICO DUPLO

O termo Diagnóstico Duplo (DD) – também, designado como comorbidade - foi inicialmente utilizado para se referir aos indivíduos que sofriam de um quadro de

perturbações mentais que recorriam a comportamentos aditivos como forma de “tratamento” para melhorar os seus sintomas (National Alliance on Mental Illness - NAMI, 2017).

Segundo Pereira (2015) e *European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction* (EMCDDA) – Observatório Europeu da Droga da Toxicodependência - (2015), o DD está intimamente relacionado com a dependência do consumo de substâncias psicoativas, nomeadamente, a droga e o álcool e a presença ou associação de um ou mais transtornos psíquicos no mesmo indivíduo. Contudo, a revisão de literatura permitiu verificar que novas visões do conceito de DD passaram a abranger um número maior de indivíduos com a coocorrência de distúrbios ou incapacidades, como indivíduos com DID, e não apenas relacionado a comportamentos aditivos (Rassool, 2006).

Contudo, até aos últimos anos, muitos profissionais da saúde acreditavam que pessoas com DID não podiam ser diagnosticadas com perturbações do foro psiquiátrico, não se dando assim a devida importância ao estudo científico deste tema por ser visto como uma condição exclusiva (Deb, Thomas & Bright, 2001; Ferreira & Figueira, 2013).

Todavia, visões mais recentes demonstram que em pessoas com DID, há maior tendência para desenvolver perturbações mentais que pessoas sem DID. Este fenómeno pode ser explicado por estarem mais propensos e vulneráveis a desenvolver stress psicossocial (Ferreira & Figueira, 2013; Ke & Liu, 2015).

Por esta razão, atualmente já é abordado na literatura o termo DD para se referir à condição médica em que o mesmo sujeito é diagnosticado com uma deficiência intelectual e ao mesmo tempo com perturbações mentais ou dificuldades ao nível do comportamento (National Association for the Dually Diagnosed - NADD, 2008; Pereira, 2011).

Contudo esta condição passa na maioria das vezes despercebida (Cooper, Smiley, Morrison, Williamson, & Allan, 2007) dado que os distúrbios comportamentais e emocionais, adjacentes do DD, são frequentemente conhecidos sem uma causa aparente, mais como uma falha de carácter e não como o resultado de um transtorno mental (Deb, Thomas, & Bright, 2001; NADD, 2008; ADEB, 2015).

Posto isto, Alves (2010) refere que «o elemento relacional e comunicacional aparece como importante para determinar que algo está errado na mente da pessoa. É através desse elemento que a noção técnica de deficiência ou incapacidade se associa na visão leiga à doença mental» (p. 174).

Em muitos casos, por exemplo, os indivíduos recebem tratamento para a adição de substâncias enquanto os transtornos mentais vão agravando devido a um rastreamento e diagnóstico desajustado ou então, pela sobreposição de prioridades de problemas de saúde (National Coalition on Dual Diagnosis – NCDD, 2008; SAMHSA, 2016). O melhor, é oferecer aos indivíduos um tratamento integrado precoce sobre ambos os problemas.

Segundo Ke & Liu (2015), os sintomas tornam-se difíceis de detectar pelas incapacidades cognitivas que as pessoas com DID apresentam, resultando assim numa série de situações (p. 19):

- A depressão pode se apresentar como o comportamento retraído, irritabilidade e agressão;
- Episódios maníacos podem se apresentar como períodos distintos nos quais o jovem com DID foge, torna-se turbulento, irritável ou desinibido;
- Agressão sem precipitantes claros e associada com comportamentos bizarros sugestivos de alucinações ou desconfiança pode sugerir esquizofrenia.

De um modo geral, estes distúrbios de comportamento podem estar associados a alguns transtornos tais como: agressão, destruição, procurar chamar a atenção, obstinação, atitudes antissociais, atitudes auto prejudiciais, perturbações do sono, hiperatividade e delinquência sexual (Deb, Thomas, & Bright, 2001). Na maioria das vezes, estes comportamentos estão relacionados com algumas tipologias de doenças do foro mental mais comuns, como a depressão, a bipolaridade, a esquizofrenia, os transtornos de personalidade ou os transtornos de défice de atenção, entre outros (Ferreira & Figueira, 2013).

Face ao exposto, para pessoas com DD representa uma barreira para a sua inclusão dado que acabam por ser alvos de fenómenos como marginalização e estigmatização devido às suas dificuldades de comunicação. São mal-entendidos e encontram-se mais vulneráveis

estando mais propensos a tornaram-se um grupo em risco (NADD, 2008; Pereira, 2015; Ke & Liu, 2015).

O DD ainda não é bem compreendido pelo sistema de saúde, uma razão pela qual maioria das pessoas que sofre desta condição não tenha um tratamento adequado à sua condição pela falta de tratamentos de saúde e serviços de assistência a nível social e laboral que deem resposta a esta condição (Ferreira & Ferreira, 2011; Pereira, 2015; SAMHSA, 2016).

1.2 CONCEITOS DE AUDIOVISUAL

A rápida e constante evolução das tecnologias leva a que grande parte da população, pelas suas características mais vulneráveis, tenha dificuldades em se enquadrar neste novo mundo digital, na era da sociedade de informação (Graça, 2008), de tal forma que o conceito de literacia tradicionalmente associado à alfabetização – capacidade de leitura e escrita – sofreu uma expansão. A literacia passou a referir-se às competências associadas a diversas outras formas de representação (como a imagem, o som, etc.) provocando o surgimento de uma terminologia mais adequada ao período que atualmente passamos (Damásio, 2011).

Posto isto, esta nova literacia, incide sobre o uso das tecnologias audiovisuais como um conjunto de aprendizagens específicas necessárias para se compreender determinados vocabulários e noções técnicas e, também, saber ler/ construir uma linguagem baseada numa variedade de formas de representação, designadamente: a fotografia, a televisão e o cinema (Torres, 2002; Damásio, 2011).

Estas mesmas tecnologias audiovisuais concentram duas formas distintas de representação: o som e a imagem (Damásio, 2011). Neste sentido, a literacia audiovisual, quando considerada em suporte fotográfico, vídeo ou filme significa:

 Ser capaz de adicionar à apreensão do conteúdo duma mensagem audiovisual a «leitura» e compreensão do que está para além da superfície da imagem e do significado literal das palavras ditas. Significa ter acesso a um conjunto mínimo de

códigos, de signos e símbolos, e das razões das escolhas realizadas pelos autores das notícias. (Torres, 2002)²

Face ao exposto, importa compreender a conceptualização de audiovisual. Assim, a palavra audiovisual resulta da aglutinação de áudio e visual. Neste sentido, é utilizado para indicar todos os meios associados à imagem, animada ou não, e ao som, que não dependem, necessariamente, da leitura para transmitir ou comunicar ideias (Parra & Parra, 1985; Ribeiro & Dias, 1999). Neste sentido, de acordo com os mesmos autores, os meios audiovisuais existentes são: fotografia, desenhos, esquemas, música, efeitos sonoros, voz. Mais ainda, relativamente aos instrumentos de comunicação audiovisual são: diaporama, filme, televisão, vídeo, multimédia.

1.2.1 PROCESSO DE UMA PRODUÇÃO DE VÍDEO

Antes de se partir para qualquer produção de vídeo, é necessário planear e estruturar detalhadamente com antecedência uma série de fases de trabalho de natureza teórica e prática que delimitam o processo do projeto a realizar (Pires, 2000). Yancura (2013) definiu um conjunto de seis elementos imprescindíveis para a construção de uma produção em vídeo, no entanto, apenas especificarei quatro por serem os aspetos pertinentes à problemática de estudo deste relatório:

1. Fazer uma investigação e compreender as conceções teóricas sobre o tema-problema do que se pretende filmar;
 2. Adquirir conhecimentos práticos sobre os aspetos técnicos de uma produção cinematográfica;
 3. Ter alguma experiência sobre os elementos básicos de seleção e edição de média.
- Todo este processo pode ser dividido em cinco áreas:

² Torres, E. “Literacia audiovisual: uma descoberta para a cidadania.” Público, 22 Julho 2002. Obtido em 29 de Julho de 2018 de <https://www.publico.pt/2002/07/22/jornal/literacia-audiovisual-uma-descoberta-para-a-cidadania-172997>

- a. **Obter o equipamento necessário para filmar** – O equipamento pode ser subdividido em duas categorias: equipamento para captar a média (câmaras de filmar e fotografar, gravadores) e equipamento para editar os filmes (software de edição de computador, DVD e PEN para arquivar);
- b. **Estruturar o conteúdo do filme** – Elaborar a técnica de *storyboard* para estruturar as cenas e imagens da produção que se pretende fazer;
- c. **Recolher as imagens** – Os média podem ser capturados através de três formas: fotografias, áudio (música e voz) e filmes. Assim como as fontes podem ser genéricas (jornais, efeitos sonoros, mapas, jornais) ou pessoais (fotografias de família, pinturas, artefactos);
- d. **Editar o produto final** – Compilar as imagens capturadas e editar no computador através de programas de edição (Windows Movie Maker, Sony Vegas, Adobe Premiere) o filme;
- e. **Praticar** – Realizar mais projetos para se puder aperfeiçoar as técnicas básicas de *storyboard*, capturar e editar imagens.

O Guião

De acordo com Pires (2000) um guião é um documento escrito que guia toda a produção de um espetáculo, seja ele de teatro, cinema, rádio ou televisão. Existem dois tipos de guião: o literário e o técnico.

O **guião literário** é a base de trabalho para a elaboração do guião técnico (Pires, 2000). É um documento que contém todos os aspetos relativos à descrição da ação dramática, diálogos, entre outros, sem abordar de forma excessiva as questões técnicas relativas às gravações (Comparato, 2009).

Baseando-se no seu conhecimento técnico, Pires (2000) e Comparato (2009) sintetizam cinco etapas de concretização de um guião literário, desde a ideia até à sua forma final. São elas:

1. **Ideia** – Processo que passa por um brainstorming de ideias que podem resultar de um acontecimento, de uma pesquisa, entre outros, transformadas num ponto de partida.
2. **Storyline** – Elaboração de uma síntese da história, no máximo, um parágrafo de cinco a seis linhas que apresenta o conflito básico da ação.
3. **Sinopse** – Elaboração do resumo da história ou uma narrativa breve que inclui as linhas gerais do seu desenvolvimento. Geralmente conta a história de forma sintetizada e abrange a apresentação, o desenvolvimento e a solução do conflito.
4. **Estrutura** – Definição dos espaços de gravação das cenas.
5. **Primeiro Guião/ Tratamento** – Elaboração de uma lauda padrão, papel dividido ao meio que distingue dois campos: uma parte diz respeito à componente da imagem e cenas e a outra parte diz respeito ao som, como a música e diálogos.
6. **Guião Final** – Trabalhar as cenas.

Por um lado, Comparato (2009, p. 30), refere que:

Construir a *storyline* é determinar o conflito, escrever uma sinopse é descobrir as personagens, estruturar é organizar uma ação dramática. Elaborar o primeiro roteiro é chegar aos diálogos e ao tempo dramático, trabalhar o roteiro final é manejar as cenas, isto é, a unidade dramática.

O **guião técnico** é o guião para a construção do produto audiovisual. Por outras palavras, é a transcrição literal escrita das imagens e sons que aparecerão posteriormente no ecrã da televisão. É um documento que contém todas as indicações técnicas necessárias referentes à câmara, iluminação, som e espaço (Ferrés, 1996; Comparato, 2009).

É também no guião técnico que é elaborado o *storyboard*, um documento do estilo banda-desenha, que contém uma série de pequenos esboços desenhados em sequência que indica as principais cenas facilitando as gravações na medida em que contém as indicações exatas sobre quais os movimentos de câmara, etc. (Pires, 2000; Comparato, 2009). É nesta etapa que «cabe ao realizador antever em papel o que quer capturar na gravação» (Pires, 2000, p. 108).

Operação de Câmera

Nitidez

Quando estamos a filmar é importante termos a perceção se a imagem que aparece no ecrã da câmara está focada, isto é, se a imagem está efetivamente nítida e perceptível (conforme Figura 1) ou o oposto, desfocada e impercetível (conforme Figura 2). Para tal, para termos a garantia que não corre o risco de mudar automaticamente o foco, devemos utilizar a câmara em modo de focagem manual.



Figura 1 – Exemplo de Imagem Focada

Fonte: Elaboração Própria

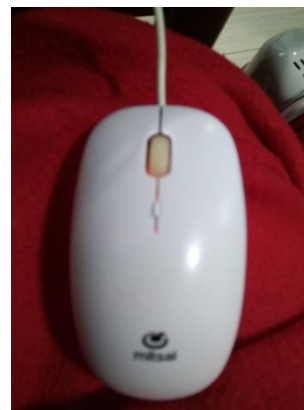


Figura 2– Exemplo de Imagem Desfocada

Fonte: Elaboração Própria

Estabilidade

Outro aspeto importante quando estamos a gravar com a câmara é a estabilidade da imagem. A estabilidade pode ser garantida através de um tripé ou estabilizadores, para evitar os tremores e saltos da imagem.

Planos de Câmera

Os planos são um conjunto de enquadramentos com diferentes escalas captadas pela objetiva da câmara referentes ao corpo humano (Schiavone, 2003; Comparato, 2009). Segundo Pires (2016) os planos habitualmente utilizados na produção cinematográfica são:

- **Grande Plano** – Aproximação da figura humana, com grande intensidade dramática, pormenoriza elementos, objetivos, expressões;
- **Plano Médio** – Plano de enquadramento de personagens, revela o fundo do plano e a figura é o centro da expressão;
- **Plano Americano** – Surge dos filmes americanos sobre o faroeste, pela relação ação/ expressão. Geralmente capta a imagem a partir dos joelhos uma vez que era nessa imagem que os cowboys retiravam as pistolas;
- **Plano Geral** – Plano de contextualização, onde é percebido todo o espaço envolvente.

A figura 3 ilustra um esquema dos diversos tipos de planos de câmara usualmente utilizados na produção cinematográfica.

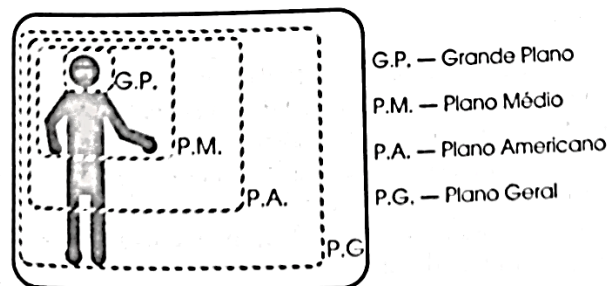


Figura 3 – Tipos de Plano de Câmara

Fonte: Pires (2000, p.23)

Movimentos de Câmara

Os movimentos de câmara podem ser divididos em três técnicas: panorâmica, *travelling* e *zooming*. (Pires, 2000; Schiavone, 2003; Mazzoleni, 2005; Comparato, 2009; Pires, 2016) A **panorâmica** é o movimento (horizontal ou vertical) de rotação da câmara de um lado para o outro sobre o próprio eixo apoiada no suporte fixo de um tripé (conforme as Figuras 4 e 5). A panorâmica tem duas funcionalidades: dar uma visão geral e descritiva do ambiente e acompanhar uma determinada ação, assumindo uma função quase narrativa. Pode cobrir uma volta de 360 graus.

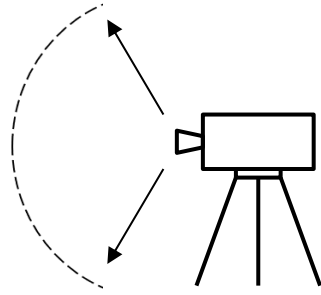


Figura 4 – Panorâmica Vertical

Fonte: Elaboração Própria

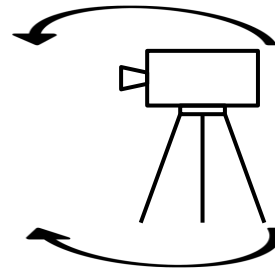


Figura 5 – Panorâmica Horizontal

Fonte: Elaboração Própria

O *travelling* é o movimento (horizontal ou vertical) que acompanha fisicamente o percurso de um objeto ou personagem de um local para o outro enquanto caminham (conforme as Figuras 6 e 7). O deslocamento pode ser feito através de vários meios: no braço ou ombro do operador de câmara, um *dolly* (tripé com rodas), um *steadicam* (colete vestido pelo operador para minimizar os movimentos), um *chariot* (veículo com rodas que possui um braço móvel para colocar a câmara) ou uma grua.

O *zooming* é o efeito ótico de aproximação ou afastamento focal da objetiva sem que a câmara se mova. O *zoom* é diferente do movimento mecânico por ser realizado, não com um suporte, mas sim, por uma variação focal.

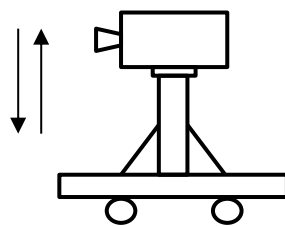


Figura 6 – Travelling Vertical

Fonte: Elaboração Própria

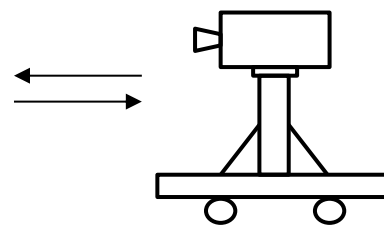


Figura 7 – Travelling Horizontal

Fonte: Elaboração Própria

Construção da Ação Dramática

A ação dramática refere-se ao encadeamento dos acontecimentos segundo uma ordem em que formam uma história, ou seja, a maneira **como** vamos contar a história até ao desfecho final através das personagens. (Pires, 2000; Comparato, 2009). Deste modo, abordaremos a estrutura clássica de uma narrativa. Esta estrutura é dividida em três etapas que têm um

princípio, um meio e um fim. Vejamos, nos exemplos a seguir, o esquema da estrutura clássica (conforme Figura 8) e o diagrama da estrutura clássica (conforme Figura 9):

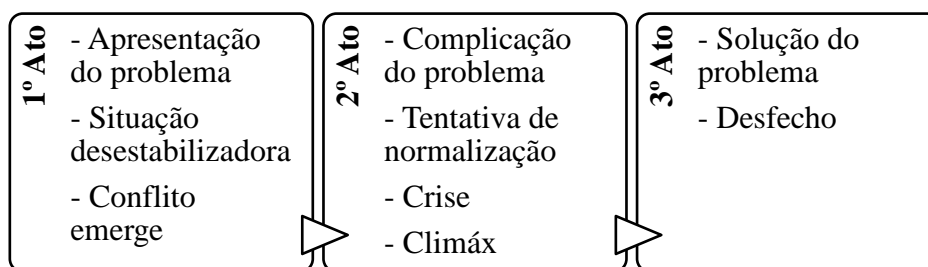


Figura 8 - Esquema dos Atos da Estrutura Clássica

Fonte: Adaptado de Comparato (2009)

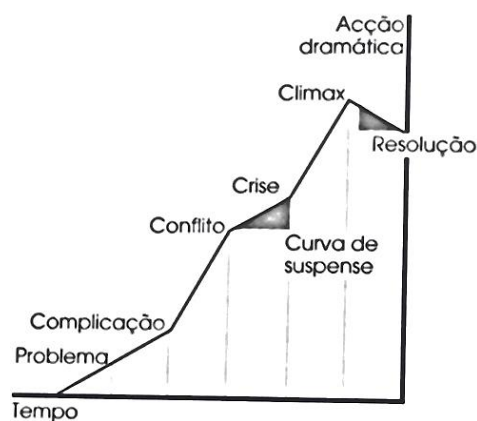


Figura 9 – Estrutura Clássica de uma História

Fonte: Pires (2000, p.32)

Em ambas as imagens, conseguimos facilmente perceber o encadeamento de acontecimentos que ocorrem ao longo da ação. O protagonista encontra um problema e gradualmente o conflito vai aparecendo. O conflito complica-se e entra numa fase de crise, retratada por uma curva de suspense, até chegar ao clímax e finalmente à solução do problema.

O clímax (ou plot) é o centro da ação dramática. Caracteriza-se por ser a parte central da história, onde há problemas e conflitos e em que «todas as forças dramáticas estão no mais alto grau de tensão, porém existe uma solução à vista» (Comparato, 2009, p. 135). Já a crise, define-se pela conflituosa tensão, onde parece não existir solução para o problema, levando o protagonista ao seu limite e sem expectativas.

1.3 O AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA DE INTERVENÇÃO

1.3.1 UMA INTRODUÇÃO AOS NOVOS DESAFIOS DO AUDIOVISUAL

A rápida expansão e mundialização da era digital permitiu que nos dias de hoje, a utilização das novas tecnologias, se tornassem uma parte integrante do nosso quotidiano como uma nova forma de troca de informações e de comunicação (Louro, 1988; António & Lemos, 2014).

Perante esta ideia, é de salientar as inúmeras investigações relativas à contribuição das tecnologias no que diz respeito aos desafios educacionais e mudanças no processo de aprendizagem cognitivo e social: na aquisição de conhecimentos e na dinâmica das relações interpessoais (António & Lemos 2014).

Com a evolução dos recursos tecnológicos, a maneira como vemos o mundo, veio alterar-se gradualmente com o aparecimento de telemóveis com câmara e de máquinas fotográficas ou de filmar, uma vez que, a facilidade com que temos contacto com estes *gadgets* permitiu que qualquer pessoa esteja a um clique de captar um objeto e registar uma imagem, dinâmica ou não, para comunicar audiovisualmente.

Assim, os suportes de multimédia mostraram-se, primeiramente, um proveitoso recurso didático em sala de aula. A sua atratividade desperta o interesse do aluno, pela diversidade de representações sonoras e visuais, para facilitar na assimilação dos conteúdos (António & Lemos 2014).

Relativamente à utilização do vídeo, é descrito por Ferrés (1996) como uma ferramenta utilizada pelos docentes aquando da aprendizagem de conhecimentos específicos sobre determinadas disciplinas. A utilização do vídeo caracteriza-se essencialmente pelo visionamento de um filme de modo a aprofundar a matéria e a posterior análise reflexiva e crítica sobre a mesma, para que os alunos possam compreender e assimilar aquilo que é transmitido para aprofundar o assunto da matéria (Ferrés, 1996; Morán, 2005).

No seguimento desta ideia, Pires (2010) explica que na atualidade, os meios tradicionais habitualmente utilizados em educação – ao nível do ensino formal - já não correspondem

às necessidades dos mais jovens e sobretudo da sociedade no que concerne ao formato de atualização de aprendizagem de conteúdos.

Por outro lado, Freire e Silva (2014) e Cohen³ (2016) referem que outro tipo intervenção da utilização do vídeo enquadra-se como um recurso terapêutico por meio da técnica de cinema terapia que se baseia em assistir a filmes. Este processo, em muito, se relaciona com o modelo supramencionado, na medida em que uma das principais vantagens da visualização de filmes passa por estabelecer metáforas entre aquilo que é a vida real do paciente e a ficção para estimular a autocrítica através da exteriorização de sentimentos e ideias (Oliva, Vianna, & Neto, 2010). Além disso, estes autores referem que esta prática implica um processo de aceitação do transtorno mental do paciente ao perceber que o seu diagnóstico não é único e que existem outras tantas pessoas com problemas e comportamentos semelhantes.

De acordo com um estudo efetuado por Johnson e Alderson (2008) sobre o uso do vídeo na psicoterapia, descrevem que as imagens do filme afetam positivamente a mente dos participantes na medida em que há uma maior tendência para estarem mais relaxados, calmos e emocionalmente mais equilibrados por assistirem imagens animadas/ com movimento.

Paralelamente a estes formatos de educação e terapia, de acordo com as pesquisas efetuadas na literatura científica, relativas à utilização do vídeo, apontam para o surgimento de uma nova intervenção através de recursos audiovisuais: com uma perspetiva mais criativa, expressiva e construtivista.

Neste sentido, importa referir que estruturámos este capítulo sobre o tema-problema do estudo: foi usado o vídeo para investigar em que medida poderia haver benefícios e melhorias nas interações interpessoais e comunicativas dos diferentes participantes. Posto isto, daqui em diante, procuraremos conceptualizar o audiovisual como uma estratégia ao

³ Joshua Cohen é um psicólogo e investigador especializado na área da tecnologia digital que tem contribuído pioneiramente na literatura científica para uma nova abordagem da psicoterapia usando o vídeo/ filme no campo da arteterapia, trabalho social, narrativa digital e cinema terapia. Em 2015, coo-orientado com outros autores, editou um livro, com base nas suas experiências, sobre a utilização do vídeo/ filme como psicoterapia e mudança social positiva

nível não-formal, num contexto de ocupação dos tempos livres, bem como, as diretrizes sociais e artísticas associadas ao uso do mesmo.

Face ao exposto, partilhamos da ideia de Cohen, Johnson e Orr (2015), sobre os formatos anteriores do audiovisual como ferramenta de intervenção social e artística, que destacam as possíveis combinações que se podem fazer através de diversas expressões artísticas, como fotografia, a música, a literatura, o teatro, etc. com o audiovisual. Também poderá envolver os próprios indivíduos a realizarem as suas próprias gravações ou filmagens de vídeos relacionados com as suas experiências pessoais (Johnson, SC, G., & Alderson, 2008).

Assim, torna-se uma prática muito útil como ponte de acessibilidade de equipamentos audiovisuais e das populações com maior dificuldade de utilização, para possibilitar um maior envolvimento a uma nova e diferente linguagem expressiva.

1.3.2 POTENCIAL DO AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA ARTÍSTICA-SOCIAL

Conforme já apresentado no tópico anterior, a modernização do audiovisual como recurso de produção artístico-social, combina, segundo Morán (2005), dois grandes eixos orientadores de atuação: a intervenção e a expressão.

Portanto, por um lado, o audiovisual assume-se como uma ferramenta inovadora de **intervenção** onde são os próprios sujeitos a experienciarem a produção de pequenos filmes/ vídeos. Por outro, de uma maneira que é, para eles, totalmente incomum, surge a oportunidade uma nova estratégia de **expressão** criativa dos seus sentimentos e das suas ideias, de ver e comunicar com o mundo (Ferrés, 1996).

Face ao exposto, o mesmo autor defende que não se trata de usar meios audiovisuais, mas sim de se expressar de forma audiovisual. Quer isto dizer que só será autenticamente de livre expressão se for «colocada na mão dos alunos para que estes possam pesquisar, avaliar-se, conhecer e conhecer-se, descobrir novas possibilidades de expressão, fazer experiências de grupo em um esforço de criação coletiva, experimentar e experimentar-se» (p. 43).

Falar de audiovisual corresponde a falar da sua função de promover a participação ativa das pessoas para que não sejam meras espetadoras, mas sim, que se sintam protagonistas e que ganhem voz própria na autonomia das suas atividades (Cloutier, 1975; Ferrés, 1996; Cohen, Johnson & Orr, 2015).

A título de exemplo, vejamos um projeto de produção audiovisual: os jovens ao lidarem com este tipo de objetos, facilmente acabam por conseguir compreendê-los em termos mecânicos. Através de um ambiente informal, os indivíduos podem aprender a executar e manusear uma máquina de filmar e adquirir uma outra série de competências que dificilmente adquiriam somente a visualizar filmes.

Face a esta ferramenta com características tão particulares, os equipamentos audiovisuais são vistos não pelos mais jovens, como também pelas pessoas com mais idade com entusiasmo e curiosidade em explorá-los. O vídeo transforma-se num autêntico “brinquedo” dinâmico que proporciona uma experiência interativa entre os equipamentos audiovisuais e o indivíduo na qual o aperfeiçoamento de técnicas têm sempre um papel secundário (Ferrés, 1996; Ribeiro, Dias & Relvas, 1999).

A utilização audiovisual, como recurso de produção artístico-social, passa por um processo de criação constituído por diferentes etapas, começa na procura de informação e pesquisas para a construção do argumento, passando pela elaboração do guião, posteriormente à gravação com a câmara e até à edição e visualização do trabalho final (Ferrés, 1996; Freire & Silva, 2014).

Da ideia defendida pelos investigadores supramencionados, ressalta a relevância que proporciona aos sujeitos de «conhecer e experimentar as diferentes fases de um projeto audiovisual» (Freire & Silva, 2014, p. 168). Para que os mesmos sintam uma sensação de valorização em utilizarem os seus talentos criativos, pensamentos e habilidades práticas (Darewych, Carlton, & Farrugie, 2015).

Para os autores, não resta dúvida de que o audiovisual privilegia uma visão mais criativa e uma metodologia centrada no processo de aprendizagem.

Todavia, a revisão de literatura apresenta as diferentes perspetivas de uma série de autores (Morán, 1995; Johnson, et al. 2008; Boyd, 2010; Meliá, 2010) que revelam os benefícios que este tipo de intervenção traz para o bem-estar psicossocial das pessoas. De facto,

existem muitas potencialidades eficazes e comuns - nos estudos já realizados - no desenvolvimento de capacidades específicas tais como:

- Desenvolver capacidades criativas e imaginativas;
- Melhorar a comunicação e interação interpessoal;
- Aprender noções básicas técnicas da linguagem audiovisual;
- Fomentar a autoestima e autoconfiança;
- Adquirir autonomia na resolução de problemas na vida diária;
- Valorizar o diálogo como capacidade de expressão.

Neste sentido, Ponte (1997) faz uma observação bastante interessante a partir do ponto de vista dos equipamentos tecnológicos como objetos habitualmente considerados individualistas que favorecem o isolamento. Mas que na verdade, usualmente tende a acontecer exatamente o contrário, quando por exemplo: o número de câmaras de filmar é menor que o número de participantes, os mesmos aprendem a respeitar o “tempo de antena” do outro e a manter uma postura de escuta e leitura das contribuições dos restantes colegas (Meliá, 2010).

Assim, conforme temos vindo a referenciar, ao longo deste trabalho, Ponte (1997) explica que a maior e mais impactante mudança da utilização do audiovisual como recurso de intervenção artístico-social passa por fomentar o trabalho em equipa pelo que há uma tendência para surgir sentimentos de empatia, uma vez que, mais rapidamente se «desenvolve espontaneamente laços de estreita cooperação» (Ponte, 1997, p. 116).

Em suma, o ponto fulcral é descobrir diferentes possibilidades das novas tecnologias e do audiovisual como meio de comunicação e transmissão de sentimentos, pensamentos, emoções e sensações (Meliá, 2010). E por sua vez, aumentar o sentimento de motivação e vontade dos indivíduos em querer continuar a participar nas atividades.

II OLHO PARA A COISA: DESCRIÇÃO DO PROJETO

2.1 CONTEXTO GENÉRICO

Olho para a Coisa é um projeto que pretende responder a uma necessidade diagnosticada – a falta de acesso da população com DID, com maior risco de desigualdade de oportunidades, a equipamentos tecnológicos e o direito à aprendizagem através dos mesmos. Neste sentido, pretende-se investigar os benefícios que podem advir da participação ativa ao nível do desenvolvimento de competências não só pessoais, como sociais e expressivas ao englobar, como eixo de intervenção artístico e social, o audiovisual.

O projeto tem como objetivo a implementação de atividades de literacia audiovisual, através de exercícios práticos e visionamento de vídeos sobre as principais técnicas, bem como, a participação da pessoa com DID no processo de produção cinematográfica com vista à experimentação das diferentes fases de realização. Desta forma, terá início com a aprendizagem de noções técnicas, em seguida, a criação de uma história, escrita pelos participantes, construção de adereços e posteriormente o planeamento do trabalho a desenvolver e identificação dos atores e da restante equipa técnica para dar início às filmagens.

Pretende-se com este projeto levar os participantes a olhar para o cinema como uma possibilidade de se exprimirem potenciando diversos aspetos como a motivação, os laços-interrelacionais, o trabalho em equipa e a comunicação com base no conhecimento de uma nova linguagem.

Nesta linha, é um projeto que contribui, de modo inovador e eclético, para a pluralidade de estratégias interventivas artístico-sociais orientado para a promoção da inclusão social, nomeadamente, através de recursos audiovisuais, esforçando-se por melhor de forma continua a prática de dignificar a pessoa com DID.

2.2 OBJETIVOS DO PROJETO

2.2.1 OBJETIVOS GERAIS

A investigadora através do projeto deve:

- Despertar o interesse dos participantes pela linguagem audiovisual e para um novo olhar sobre as novas tecnologias;
- Desenvolver, nos participantes, competências pessoais, sociais e expressivas.

2.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

No final do projeto os participantes deverão ser capazes de:

- Compreender algumas noções básicas e questões técnicas sobre a linguagem audiovisual;
- Participar ativamente no processo de criação de um filme;
- Melhorar as relações interpessoais;
- Melhorar a autoestima;
- Desenvolver a capacidade de expressão e comunicação;
- Promover a criatividade individual e coletiva.

2.3 INSTITUIÇÃO DO ESTUDO

O CAARPD (Centro de Atendimento, Acompanhamento e Reabilitação Social para Pessoas com Deficiência e Incapacidade), resposta desenvolvida pela APPACDM

(Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental), está situado em Setúbal, e é uma valência que assegura o atendimento, acompanhamento e o processo de reabilitação social de pessoas com deficiência, maiores de 18 anos, residentes nos concelhos de Palmela e Setúbal.

Para além desta valência, disponibiliza, também, um serviço de capacitação e suporte às famílias, cuidadores informais e/ ou representantes legais destas pessoas. Iniciou a sua atividade em 2015 através da prestação de duas modalidades orientadas por uma equipa técnica:

- **Atendimento e Acompanhamento social**
 - **Psicóloga** – Acompanhar, apoiar e aconselhar tanto o cliente como os familiares a nível psicossocial.
 - **Assistente Social** – Mediar as informações entre os clientes e as entidades públicas e privadas e acompanhar nas consultas médicas e atendimento noutros serviços.

- **Reabilitação Social**
 - **Terapeuta Ocupacional** – Desenvolver atividades de treino da vida diária (higiene, vestuário, alimentação, gestão doméstica, apoio organizacional e autonomia).
 - **Educação Especial e Reabilitação** – Desenvolver atividades lúdicas, culturais e de psicomotricidade, orientar no desporto adaptado, estimulação sensorial.

De acordo com o documento interno *Fundamentação CAARPD* (2015), facultado pela instituição, constituem-se como objetivos do CAARPD os seguintes:

- Informar, orientar e encaminhar para os serviços adequados a cada situação;
- Promover programas de reabilitação inclusivos com vista ao desenvolvimento de competências pessoais e sociais;

- Assegurar o acompanhamento do percurso de reabilitação social com vista à autonomia e capacidade de representação;
- Capacitar e apoiar as famílias, bem como os cuidadores informais e ou representantes legais;
- Acompanhar e apoiar a nível jurídico.

O CAARPD é um serviço com capacidade para dar resposta a quarenta pessoas, em regime externo, no entanto, atualmente apenas apoia cerca de quarenta e cinco clientes, com idades compreendidas entre os 18 e os 47 anos de idade.

A valência visa realizar atividades de desenvolvimento pessoal e social que melhorarem não só o bem-estar e qualidade de vida dos clientes como também possam auxiliar na inclusão dos mesmos, favorecendo simultaneamente a autonomia, participação ativa e relacionamento interpessoal de acordo com aquilo que são as expetativas, capacidades e necessidades de cada um.

2.4 PARTICIPANTES DO PROJETO

O grupo-alvo do projeto foi um grupo de oito jovens-adultos, entre os 20 e os 45 anos que frequentam a valência CAARPD da APPACDM de Setúbal, cujos dados das suas características são apresentados no capítulo três: metodologia.

2.5 ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O projeto de intervenção foi elaborado em cinco etapas para facilitar o entendimento do seu encadeamento aos participantes. Porém, estas fases interligam-se entre si. Podemos distinguir as seguintes etapas:

1. **Exploração da Câmara** – Etapa de exploração da máquina de filmar. Através de exercícios, os participantes foram aprendendo passo a passo as funcionalidades da máquina. Estes exercícios serviram para acompanharem o processo de criação de um filme, complementado com algumas noções básicas e questões técnicas relacionadas com os planos e movimentos de filmagem, focagem de imagem, entre outros. Estes tópicos serão explicados oralmente e com o apoio de suporte PowerPoint (Anexo I e II) que serão explicadas numa linguagem acessível e adaptada às suas capacidades.
2. **História** – Etapa de criação de uma história em grupo. Com atividades de escrita, os participantes foram explorando a criatividade e trabalhando a capacidade de comunicação pela escrita. Após estas atividades, elaboraram a história que foi utilizada para o filme.
3. **Guião e Storyboard** – Etapa de criação de um guião e de um *storyboard*. Nesta etapa, foi feita a planificação e estruturação das gravações da história bem como, a distribuição dos papéis por todos os participantes. Foi também feito um *storyboard*⁴ para facilitar nas gravações com a finalidade de os participantes poderem não só experienciar mais uma fase da realização de um filme como trabalharem a criatividade através do desenho. Este tópico será explicado com o apoio de suporte PowerPoint (Anexo III) sobre o que é, como se faz e para que serve um *storyboard*.
4. **Adereços** – Etapa de construção de adereços. Através da expressão plástica, os participantes foram explorando a criatividade e motricidade fina enquanto construía os adereços para serem utilizados nas gravações.
5. **Filmagens** – Etapa de gravação da história.

⁴ Foram novamente lembradas as noções e conceitos básicos explicados na primeira etapa (tais como enquadramento e planos), com o intuito de facilitar a concretização dos desenhos.

III METODOLOGIA

3.1 QUESTÃO DE PARTIDA E OBJETIVOS DE INVESTIGAÇÃO

De acordo como Moeira (1994) o processo de uma investigação é geralmente efetuado através de uma sucessão de etapas: identificação de uma temática e/ou fenómeno; definição do problema de investigação - passa pela formulação de uma questão de investigação - e a definição dos objetivos de investigação.

A definição de um problema de investigação pode ter diferentes motivos (Fortin, 2009), neste sentido, o estudo que aqui apresentamos resultou de uma preocupação pessoal por parte da investigadora relativamente ao tema em estudo conter conhecimentos científicos muito vastos, particularmente sobre, a utilização do audiovisual para minimizar a pouca acessibilidade das pessoas com DID às novas tecnológicas como forma de envolvimento e do desenvolvimento de competências e melhoria do bem-estar psicossocial de pessoas com DID.

Uma vez determinado o problema é necessário formular a questão de partida. Estas questões serão respondidas/ discutidas ao longo da pesquisa (Barros & Junqueira, 2005). Gauthier (2003) definiu três tipos de questões de investigação – exploratória, descritiva e relacional - associadas a diferentes estratégias de estudo. Nesta linha de raciocínio, focar-nos-emos na questão exploratória na medida em que, para efeitos do presente estudo é a mais adequada por ser uma pergunta aberta de abordagem explorativa sobre um tema pouco conhecido.

Nesta perspetiva, Vilelas (2009) e Fortin (2009) referem que a questão de partida serve de eixo orientador à problemática em estudo. A mesma deve conter traços que definam os conceitos em estudo e apontem a população a investigar.

Para ir ao encontro da citação supracitada, nesta fase preliminar, a investigadora formulou a questão de investigação com base nas características qualitativas direcionadas para o presente estudo. Assim, propôs-se a seguinte questão: **em que medida a utilização dos recursos audiovisuais permite o desenvolvimento de competências e promove a melhoria das relações interpessoais de pessoas com DID?**

Realizada a formulação da questão de investigação, a próxima etapa passa pela definição dos objetivos de pesquisa, que permitem orientar todo o processo de investigação, procurando dar resposta ao problema (Moreira, 1994; Santos, et al., 2016).

Como tal, para dar resposta à questão de investigação, foi considerado como o seguinte objetivo geral: compreender de que forma os recursos audiovisuais contribuem para a melhoria das competências sociais, pessoais e expressivas.

Paralelamente, para afunilar o foco da investigação, foram delimitados diferentes objetivos específicos:

- Explorar estratégias e práticas com recurso ao audiovisual que permitam a melhoria das pessoas com deficiência intelectual.
- Descrever as reações e comportamentos dos participantes face à introdução de recursos audiovisuais no processo de reabilitação social;
- Analisar em que medida a utilização de estratégias com recurso ao audiovisual permitem desenvolver, nos participantes, competências pessoais, sociais e expressivas.

3.2 TIPO DE ESTUDO

«A investigação social, como a própria expressão sugere, diz respeito à descoberta e conhecimento do universo humano» (Moreira, 1994, p. 19). Como tal, para se poder atuar sobre uma determinada realidade é preciso conhecê-la e um dos aspetos essenciais é a sua investigação.

Deste modo, tratando-se de uma investigação orientada para a prática sociocultural, estamos perante um estudo na área das Ciências Sociais e Humanas, sobretudo, porque uma investigação deste tipo, se centra em procurar compreender a natureza de fenómenos sociais e os significados que atribuem de forma a torná-la inteligível. Neste âmbito, de acordo com a índole do trabalho, o presente estudo enquadra-se, prioritariamente, numa

metodologia qualitativa do tipo exploratório-descritivo, inserida no paradigma de investigação-ação.

3.2.1 INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA

Alguns investigadores defensores de estratégias de investigação qualitativa consideram que esta metodologia possibilita uma maior abordagem do mundo de forma minuciosa, na medida em que «há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, que não pode ser traduzido em números» (Vilelas, 2009, p. 105).

De acordo com Serrano (2011), o processo de pesquisa qualitativa, deve ser ativo, sistemático e rigoroso e orientar-se para a mudança, aperfeiçoamento da realidade e a sua transformação. A mesma autora refere que a investigação qualitativa é uma forma de estudo que se centra resolução de problemas, sem recusar a descoberta e construção do conhecimento.

Para este efeito, os autores Bogdan e Biklen (1994) explicam que a palavra escrita assume uma particular importância nesta abordagem metodológica e que todas as informações obtidas têm potencial para constituir conhecimento que permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do objeto. Outros dois aspetos a ter em conta neste processo é a elaboração de hipóteses interpretativas dos fenómenos e atribuição de significados são dois aspetos básicos da análise (Bogdan & Biklen 1994; Vilelas, 2009; Santos, et al., 2016)

Assim sendo, esta metodologia baseia-se numa abordagem, cujo enfoque recai na obtenção de dados que permitam maior aprofundamento de uma realidade (Bogdan & Biklen, 1994; Vilelas, 2009; Serrano, 2011; Coutinho, 2011). Neste sentido, ao investigador interessa, através da observação, descrição e interpretação de comportamentos, perspetivas e experiências dos sujeitos do estudo, alcançar uma compreensão da realidade social na sua totalidade (Fortin, 2009; Santos, et al., 2016)

Por outro lado, na investigação qualitativa, o investigador desempenha uma função imprescindível na recolha de dados, na medida em que, deve dotar uma postura crítica no contexto em que decorre a sua investigação. A análise dos dados é feita indutivamente na medida em que, o próprio chega à compreensão dos fenómenos a partir de padrões encontrados na informação (Santos, et al., 2016).

Por conseguinte, atendendo ao objeto e à natureza do presente estudo, a metodologia qualitativa foi a que se enquadrou pelas particularidades supracitadas. Este facto explica-se, através da necessidade da investigadora de recolher o maior número de dados possíveis com qualidade e fiabilidade através do grupo focal e da observação participante – técnicas características da investigação qualitativa – de forma a compreender os sujeitos e as interações entre eles e o contexto investigativo.

3.2.2 ESTUDO EXPLORATÓRIO-DESCRITO

Pelo trabalho pioneiro e pela falta de produção de conhecimentos prévios credíveis e fidedignos de natureza científica, o presente estudo assenta numa componente exploratória e descritiva, uma vez que possui uma dupla finalidade: fazer um levantamento descritivo dos dados obtidos e analisar a verificação da estratégia audiovisual enquanto intervenção artístico-social, no sentido de, efetivamente responder às necessidades diagnosticadas minimizando-as.

Deste modo, para que possamos compreender a conceptualização da componente, experimental e descritiva, abordaremos distintamente as particularidades de cada uma.

No caso do estudo exploratório, Vilelas (2009), salienta a importância da sua utilização para temas ou fenómenos que, precisamente por serem novos, são pouco investigados e que a literatura revela escassez de informação. Este tipo de pesquisa permite uma familiarização com o tema-problema, para torná-lo mais explícito facilitando a formulação de hipóteses e de variáveis necessárias como preâmbulo para investigações futuras.

Por outro lado, um estudo descritivo, de acordo com Fortin (2009) e Gauthier (2003), consistem na documentação e descrição, de modo sistemático e exaustivo, que permitem recolher aspetos ou características pertinentes sobre com determinada população ou fenómeno se manifesta. Ou seja, o objetivo é «descrever um fenómeno a partir da observação, não procurando explicá-lo» (Vilelas, 2009, p. 121).

O mesmo autor citado, menciona que o investigador tem o papel de descrever a realidade e o modo como se manifesta, não necessitando de formular hipóteses, dado que apenas é uma “fotografia” da situação.

Perante o exposto, Fortin (2009) refere este tipo de pesquisa tem como principal objetivo «discriminar os fatores determinantes ou conceitos que, eventualmente, possam estar associados ao fenómeno em estudo. São procuradas as relações entre os conceitos a fim de obter um perfil geral do fenómeno» (p. 162).

3.2.3 INVESTIGAÇÃO-AÇÃO

A investigação-ação é defendida por vários autores como uma metodologia das Ciências Educativas e das Ciências Sociais e Humanas que se caracteriza por um processo de ação-intervenção envolvida em prática e reflexão crítica suscetíveis a mudanças face ao problema/ objeto de estudo (Coutinho, et al., 2009; Vilelas, 2009; Gómez, 2011). Posto isto, ao debruçarmos-nos numa abordagem qualitativa, estamos preocupados com o bem de determinado problema ou causa social (Bogdan & Biklen 1994).

Como refere Pardal e Lopes (2011), trata-se de uma «estratégia de recolha e de análise de dados sobre um fenómeno específico, geralmente crítico, tendo em vista a formalização e promoção de mudança na realidade estudada» (p.44)

Na linha do que afirmámos, a expressão “investigação-ação”, tem uma terminologia muito ambígua e um duplo objetivo, na medida em que a ligação entre os dois termos ilustra as características essenciais deste método: obter ideias e informações a partir da ação prática como um meio produtor de conhecimento científico acerca dessa prática para

potenciar a melhoria de uma comunidade, organização, entre outros (Amado & Cardoso, 1994; Vilelas, 2009).

Entende-se, portanto, que durante todo o processo, devemos colocar a «possibilidade, ou mesmo a necessidade, de proceder a mudança, de alterar um determinado *status quo*, em suma, de intervir na reconstrução de uma realidade» (Coutinho, et al., 2009, p. 356) para a produção de saber através da reflexão sobre a ação (Amado & Cardoso, 1994).

Desta forma, Pardal e Lopes (2011, p.44) identificaram os traços essenciais que definem a investigação-ação:

- **Uma estratégia de reflexão sobre um problema específico** – A investigação é realizada sobre um problema real a ocorrer num determinado meio social.
- **Uma investigação aplicada** – Recorre a métodos qualitativos e quantitativos para obter dados.
- **Uma investigação para a mudança** – A transformação da realidade é a principal finalidade da investigação-ação.
- **Uma investigação com consequências visíveis** – Na investigação pode advir consequências políticas.

A este propósito, Lattore (2005) aponta a investigação-ação como um processo cíclico e espiralado, na medida em que são criados ciclos que possibilitam a reformulação indefinidamente de um novo plano de ação dando continuidade ao processo de investigação. Em jeito de síntese, facilmente conseguimos depreender que é, portanto, para Vilelas (2009) um processo sistemático de aprendizagem.

Neste sentido, facilmente conseguimos compreender que o presente estudo se caracteriza por uma investigação-ação na medida em que, passou por uma série de processos que foram modificados e reavaliados por parte da investigadora como também dos sujeitos em estudo. Assim, de acordo com a literatura, a título de exemplo, na figura 10 pode observar-se um esquema elaborado por Stephen Kemmis (1989) sobre o plano cíclico do processo de investigação-ação.

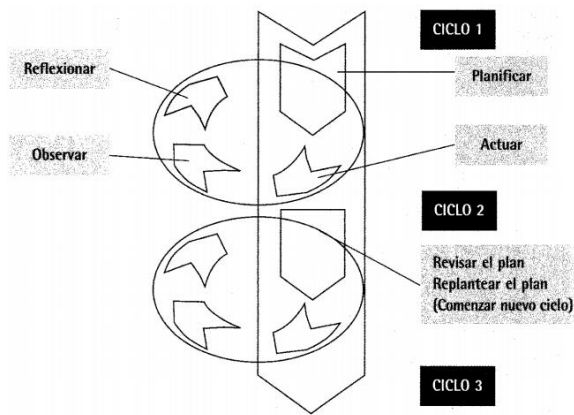


Figura 10 – Plano Cíclico da Investigação-Ação de acordo com Stephen Kemmis (1989)

Fonte: Lattore (2005, p.35)

Este processo acontece através da implementação de quatro fases que funcionam em espiral: a primeira (**planificar**) inicia-se com a definição do problema de investigação, a formulação de hipóteses e da questão de partida. A segunda (**atuar**) passa pela implementação da ação. A terceira (**observar**) rege-se pela supervisão do plano de ação, através do registo e documentação do procedimento. A quarta (**reflexionar**) constitui-se a fase que encerra o ciclo, na qual, é realizada uma reflexão, isto é, uma análise dos dados, do problema e de todo o processo com vista a verificar se é ou não necessário uma reestruturação do plano de atuação, para se implementar um novo ciclo.

Perante estas ideias, distingue-se como paradigma de estudo, a investigação-ação pela prática no âmbito da intervenção social, numa perspetiva de maior dinâmica e interatividade.

Neste sentido, a investigadora teve um papel ativo, de agente de mudança (Bogdan & Biklen 1994) ao longo da investigação posto que, teve de compreender, de agir e de encontrar e propor mudanças concretas positivas que se operacionalizassem de acordo com o diagnóstico efetuado em grupo (investigadora e participantes) sobre o tema-problema deste estudo.

Por outras palavras, teve de assumir uma postura de questionamento reflexivo e analítico sobre a sua própria prática, com vista a observar, formular e avaliar novas hipóteses e planificar novas mudanças dessa mesma prática para implementar no próximo passo a dar no processo de investigação.

3.3 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Numa primeira fase do estudo, a investigadora efetuou um diagnóstico junto da equipa técnica do CAARPD, através de conversas informais para aferir quais as necessidades sentidas pela equipa relativamente à intervenção artístico-social proposta. Em seguida, foi previamente solicitada, à diretora técnica, autorização para aceder ao Plano Individual (PI) de cada cliente. Após o seu consentimento, procedeu-se à recolha e análise de dados relativos ao diagnóstico médico, terapêutico e social. Este diagnóstico permitiu identificar as principais características de cada participante deste estudo e definir o papel mais adequado à investigadora perante os sujeitos.

Jovens e Adultos com Deficiência

Desta forma, o grupo-alvo foram oito jovens-adultos, sendo três elementos do sexo feminino e cinco do sexo masculino, situando-se numa faixa etária entre os 20 e os 45 anos que frequentam a valência CAARPD da APPACDM de Setúbal.

Três dos oito participantes, apresentam um diagnóstico de perturbações do desenvolvimento afetivo da personalidade, que afetam o espectro bipolar, caracterizadas essencialmente por uma grande instabilidade emocional e episódios de agressividade, por baixa resistência à frustração. Têm uma grande dificuldade em gerir as suas emoções e um défice no controlo dos seus impulsos, o que por sua vez, se reflete em momentos de descompensação emocional.

De modo geral, os participantes apresentam padrões comportamentais que evidenciam traços depressivos, crises de ansiedade e pânico, baixa-autoestima e insegurança, tendo muita das vezes a necessidade de valorização constante.

Ainda assim, dois dos participantes sofrem de um transtorno obsessivo-compulsivo e um deles tem uma perturbação de personalidade *borderline*. E cinco dos participantes possuem um atraso global do desenvolvimento, compatível com uma deficiência intelectual entre ligeira a moderada, tendo-lhes sido atribuído uma incapacidade entre os 60% e os 65%, ao nível de dificuldades de aprendizagem.

Estes mesmos cinco participantes apresentam dificuldades na comunicação interpessoal e na expressão emocional, resultando em comportamentos de isolamento, relacionado com as suas dificuldades de interação e relação social.

Todos os sujeitos são capazes de realizar as atividades de vida diária (AVD) e viver de forma independente apenas nas rotinas automáticas, nomeadamente: andar de transportes públicos, ir ao supermercado fazer compras, etc.

Porém, são evidentes as dificuldades cognitivas em alguns aspetos, sobretudo quando se trata de situações de prestar atenção ou adquirir informações recentemente transmitidas. As novas informações são assimiladas durante um curto espaço de tempo, apenas durante alguns minutos, após isso, a pessoa não se recorda das informações mesmo através de uma aprendizagem contínua.

Paralelamente, para além das dificuldades já expostas, é visível que, presentemente existe um equilíbrio emocional que lhes permite comunicar socialmente, quando não existe situações de adversidade com os colegas.

Relativamente à literacia – relacionada com a alfabetização – dos clientes, apenas um dos oito participantes não sabe ler e escrever. Os restantes todos possuem capacidades de leitura e escrita razoável. Conseguem ler e interpretar textos com um discurso rápido e simples e escrever frases com um raciocínio lógico, apesar dos erros ortográficos, bastante bom para as suas funcionalidades cognitivas.

No que se refere às competências de acesso à internet e à utilização de equipamentos tecnológicos – temática abordada no estudo – todos os participantes afirmaram ter acesso e apenas um referiu não possuir. É de destacar que apenas dois participantes afirmaram saber utilizar o computador – na perspetiva do utilizador - e máquinas digitais simples. À exceção do participante supracitado, todos têm facilidade em utilizar os telemóveis para realizar pequenas tarefas como efetuar chamadas, enviar mensagens, fotografar ou filmar e jogar jogos.

Cuidadores Formais e Informais dos Jovens ou Adultos com Deficiência

Para avaliação do projeto foram, também, recolhidos dados junto de outros sujeitos: das técnicas da instituição e dos cuidadores legais dos jovens participantes. Houve a necessidade, por parte da investigadora, em inquirir estes sujeitos para ter a noção da evolução dos jovens face à sua participação na intervenção.

Desta foram, responderam ao questionário, três técnicas da instituição. Uma possui a função de diretora-técnica e as restantes funções de acompanhamento dos clientes na instituição. Relativamente às habilitações académicas, duas têm licenciatura e apenas uma possui um mestrado. Em relação aos cuidadores legais, participaram no preenchimento dos questionários seis familiares, sendo cinco mães e uma avó.

3.4 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

3.4.1 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A observação participante é uma técnica de investigação qualitativa que possibilita uma maior compreensão de uma determinada comunidade ou fenómeno social, uma vez que, o investigador participa na vida diária do grupo que está a estudar como estratégia para recolher informação (Ribeiro, 2003; Carmo & Ferreira, 2008; Vilelas, 2009).

Na mesma linha de pensamento, Vilelas (2009) e Coutinho (2011) mencionam que o investigador deve integrar-se no grupo em estudo com o objetivo de compreender melhor o fenómeno. O investigador interage com os sujeitos, mas não pertence ao grupo, no entanto, tem um papel ativo, na medida em que ele próprio, vivência algumas rotinas da vida do grupo, ao mesmo tempo que recolhe os dados necessários para a investigação.

Desta forma, Laperrière (2003) afirma que o objetivo da observação participante ultrapassa a simples descrição sistemática de uma situação, para uma componente mais rica, atribuir sentido e significado às informações que capta com o olhar.

Para efeitos deste estudo, a própria investigadora foi o principal meio de observação (Hébert, Goyette, & Boutin, 2010; Valas 2003; Vilelas 2009), uma vez que, em primeiro

lugar, integrou-se no grupo em estudo e posteriormente, foi efetuando uma recolha de dados diversificada, que passou pelas atitudes, às perspetivas e opiniões dos vários sujeitos ao longo da investigação. Ao viver de alguma maneira a mesma realidade durante as sessões de atividades, foi capaz de refletir e compreender complexidade da sua prática de intervenção a estudar.

Perante o exposto, Coutinho (2011) refere que após a observação é indispensável, de imediato o registo escrito para não se perderem dados valiosos, ainda frescos na nossa memória. Para tal, utiliza-se como instrumento de registo as notas de campo, em formato de diário de bordo, ou grelhas semiestruturadas.

Neste sentido, as notas de campo, trata-se de apontamentos realizados para registar o que observou numa determinada realidade social. Habitualmente, assumem a forma de listas de palavras-chave, de frases curtas, de resumos dos pontos mais importantes, de esquemas, de abreviaturas ou símbolos para que a tomada seja mais rápida (Burgess, 1997, Ribeiro, 2003, Santos, 2004).

Outro aspeto a destacar que nos é recomendado por Santos (2004) é que o registo das notas das nossas observações ou informações, sejam feitas sem qualquer preocupação, apenas focando os pontos e os pormenores essenciais que ilustram a explicação para a análise subsequente. Que, de acordo com Burgess (1997), só serão efetivamente bem elaboradas se o investigador tiver em consideração as seguintes questões: quando (determinado acontecimento), o quê (o que está envolvido), quem (está envolvido) e onde (ocorre).

Como foi mencionado anteriormente, a investigadora como atuou diretamente com o grupo de estudo, através da observação participante, recorreu às notas de campo (Anexo IV) a fim de registar descritivamente o que se procedeu nas sessões de atividades como também, anotar as suas considerações e reflexões analíticas sobre as relações observadas em formato de análise das suas próprias interpretações e formular hipóteses plausíveis sobre os factos observados para uma compreensão da realidade em estudo.

As notas de campo foram escritas em formato de diário de bordo, que na verdade é um suporte de registo – papel ou digital – para apontar todos os aspetos que o investigador considerar fundamentais ao longo do processo de recolha de dados através da observação participante.

O investigador deve redigir no diário de bordo passo a passo «por ordem cronológica os vários procedimentos da sua investigação, os resultados das observações efetuadas, os acontecimentos relevantes, etc.» (Carmo & Ferreira, 2008, p. 118). No entanto, conforme Laperrière (2003) refere, deve conter também «reflexões pessoais da investigadora sobre o desenrolar quotidiano da sua investigação, a sua integração social no meio observado, as suas experiências e as suas impressões (...) as suas reações positivas ou negativas, relativas aos participantes na situação, etc.» (p. 273).

Neste sentido, o diário de bordo foi utilizado com a finalidade de documentar as observações diretas realizadas pela investigadora e redigir os comentários de *feedback* dos participantes - e outros aspetos que a investigadora considerou relevante registar - através de notas reflexivas e descritivas para avivar os acontecimentos mais significativos.

3.4.2 GRUPO FOCAL

Segundo Galego e Gomes (2005) o grupo focal é uma ferramenta utilizada para obter respostas com maior profundidade, através do inquérito, baseado num guião de questões. Ao abordar vários tópicos ao longo de uma discussão, o grupo focal permite compreender «as preferências e opiniões de um grupo sobre uma determinada questão ou ideia e que faz parte de um conjunto de métodos de discussão baseados em grupos» (Fialho, Silva & Saragoça, 2016, p. 136). Para além da riqueza de conhecimento que se pode gerar com o confronto de ideias, Geoffrion (2003) refere, ainda, a interpretação de sinais e reações não-verbais relacionadas com certos aspetos como algo de onde se pode tirar proveito como dado qualitativo.

Por método de discussão, Fialho, Silva e Saragoça (2016) explicam que se refere a um debate estruturado sobre um conjunto de temas previamente consolidados, que pressupõe a partilha dos diferentes pontos de vista e perspetivas dos participantes.

Neste sentido, na operacionalização de uma discussão de grupo focal, o número ideal reúne entre seis a doze participantes, de forma que o investigador possa facilmente

estimular e moderar um conjunto de tópicos no decurso do encontro e/ou sessão (Geoffrion, 2003; Stewart, et al. 2007).

Como tal, é importante estruturar toda a investigação, e para isso, Fialho, Silva e Saragoça (2016), definiram uma série de etapas que constituem o processo de grupos de discussão (Figura 5).

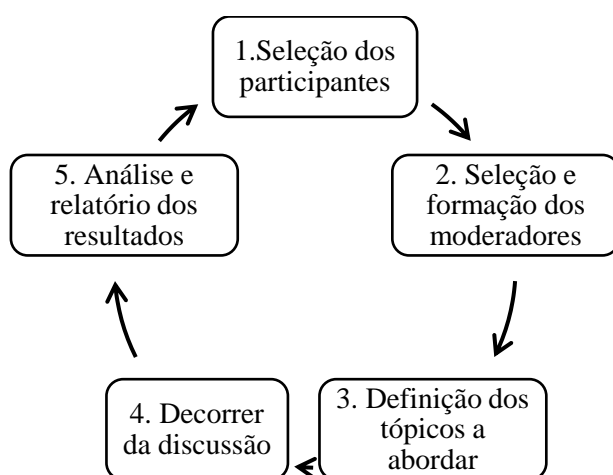


Figura 5 – Processo de uma discussão de grupo focal

Fonte: Adaptado de Fialho, Silva e Saragoça (2016, p.137)

De acordo com o diagrama, após a primeira etapa, a seleção dos participantes, deve-se passar à formação e competências na área da comunicação. Em seguida, deve definir os tópicos a abordar e definir as questões. No decorrer da discussão, o moderador, deve ter um papel ativo na dinamização da discussão e, de forma equitativa, proporcionar espaço para que cada elemento possa manifestar as suas ideias. Por sua vez, a fase final, consiste na interpretação da informação recolhida.

Em geral, no grupo focal é mais importante «compreender os motivos de uma resposta do que obter a própria resposta. É a diferença entre saber que um problema existe e compreender porque ele existe» (Geoffrion, 2003, p. 320).

Portanto, tendo em conta os procedimentos do estudo em questão, o grupo focal foi selecionado como um instrumento de recolha de informação qualitativa. Com esta técnica foi possível recolher uma diversidade de dados e observar factos, no desenrolar das sessões, que compreenderam pontos de vista e comportamentos (emotividade vontade de participação, etc.) revelando características no contexto do grupo e das pessoas que o

compuseram. Para facilitar a posterior avaliação do grupo focal, a investigadora transcreveu as informações, em formato de vídeo, para um documento escrito (Anexo V).

3.4.3 INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Face às características do presente estudo, a investigadora considerou pertinente, também, a utilização do inquérito por questionário por permitir recolher um maior número de dados num curto espaço de tempo. Neste sentido, como era intenção da investigadora recolher dados junto de outros, foram aplicados três questionários: à equipa técnica (Anexo VI), aos cuidadores legais (Anexo VII) e aos participantes (Anexo VIII).

Conforme refere Valelas (2009), o questionário é um instrumento que resulta no preenchimento de um formulário – em formato escrito ou digital - por parte do participante, e um dos instrumentos de recolha de informação mais utilizado no âmbito da investigação sociológica (Pardal & Lopes; 2011; Santos, et al., 2016).

Porém, segundo Carmo e Ferreira (2008) o problema que constitui o questionário é a falta de interação com os participantes, uma vez que, na sua maioria, as aplicações são efetuadas fora do contacto com os inquiridos. Como tal, segundo os mesmos autores, para colmatar estas necessidades, deve-se ter atenção a certos parâmetros do formulário: ser organizado de uma forma lógica e o conjunto de questões apresentadas devem estar estruturadas com clareza e rigor para não haver dificuldades ou dúvidas no seu preenchimento.

Assim, para efeitos deste estudo, o questionário incluí questões de modalidade aberta e fechada. Como referem os autores supracitados, as questões abertas dão total liberdade ao inquerido de responder, permitindo obter uma grande quantidade de informações, com o intuito de procurar informação em profundidade sobre o tema em estudo. As questões fechadas por sua vez limitam a resposta a possibilidades previamente apresentadas pelo investigador (por exemplo entre sim e não), contudo, possibilitam obter informações de tendência.

Paralelamente, a principal vantagem deste questionário foi dar a oportunidade ao grupo com dificuldades cognitivas e até mesmo com poucas habilidades académicas – no caso de alguns participantes e cuidadores legais – de puderem dar a sua opinião através de perguntas de resposta rápida, curta e direta. Para darem a conhecer a sua opinião pessoal referente ao projeto apresentando uma reflexão sobre o balanço e apreciação geral.

3.5 TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS

Numa investigação social, a análise qualitativa exige uma abordagem, por parte do investigador, muito diferente da quantitativa, na medida em que recai sobre uma dinâmica holística (Moreira, 1994) e um paradigma interpretativo podendo haver alguma propensão para a subjetividade (Coutinho, et al., 2009).

De acordo com Vilelas (2009), a análise qualitativa abrange uma visão aprofundada na compreensão dos fenómenos culturais e dos aspetos das relações humanas de uma determinada realidade. Por sua vez, a autora refere que os dados são recolhidos *in loco* exigindo aos investigadores, analisar e interpretar a informação de uma maneira dedutiva e descritiva.

Nesta ótica, tendo em conta a dimensão qualitativa deste estudo, privilegiou-se como técnica de tratamento de dados qualitativos, a análise de conteúdo pelo seu carácter empírico. A este propósito, Landry (2003) remete, para a relevância da análise de conteúdo, um processo de tratamento de dados que recorre a três tipos de fontes de informação: a utilização de documentos, a observação pelo investigador e a informação fornecida pelos sujeitos. O termo documento refere-se a um leque abrangente de registos verbais (oral ou escrito), sonoros ou visuais recolhidos para a compreensão do problema de estudo (Pardal & Lopes, 2011).

De acordo com as definições de Landry (2003), Guerra (2011) e Pardal e Lopes (2011), esta técnica não tem uma dimensão meramente descritiva, que detalha tudo o que é narrado, mas é, sobretudo, mais interpretativa, na medida em que, face aos conceitos teóricos permite fazer uma articulação com o objeto de estudo e formular hipóteses face à questão de partida.

Nesta linha de argumento, Valas (2003) e Landry (2003) referem que a análise qualitativa de conteúdo é realizada através da interpretação de diferentes materiais, através da codificação em categorias analíticas, fazendo ressaltar e descrevendo as particularidades de forma precisa.

Desta forma, no procedimento da análise das informações obtidas deste estudo, os dados foram analisados através dos seguintes instrumentos: o diário de bordo, as transcrições do grupo focal, os registos audiovisuais e o inquérito por questionário (questões de resposta aberta).

Os dados dos respetivos instrumentos foram categorizados e apresentados em grelhas de análise de conteúdo. Face ao exposto, foram criadas duas grelhas de análise: para as reuniões de grupo focal (Anexo IX) e para o diário de bordo (Anexo X).

Os registos audiovisuais permitiram analisar e avaliar cada participante individualmente e em grupo e identificar determinadas atitudes e expressões corporais que possam não ser detetadas no momento real em que ocorre a situação. Não obstante, numa dimensão mais quantitativa, foi efetuada uma análise estatística, de forma a analisar os resultados obtidos nas questões de resposta fechada, através do inquérito por questionário.

3.6 ASPETOS ÉTICOS EM INVESTIGAÇÃO SOCIAL

O tema da ética, no domínio da investigação em ciências sociais, só ganhou notoriedade após a Segunda Grande Guerra Mundial. Ao longo dos últimos anos, em resposta à violação dos direitos humanos, nasceu o código de ética que engloba um conjunto de questões éticas e morais que vieram reger os estudos em seres humanos (Fortin, 2009). Atualmente, estas questões são consideradas primordiais no que diz respeito ao desempenho ético da profissão.

Deste modo, num estudo de carácter social, no decorrer de uma pesquisa de terreno, o investigador deve cumprir uma série de obrigações, que se espera por parte do mesmo em relação às precauções que devem ser tomadas para evitar prejudicar as pessoas que participam nos projetos de investigação (Burgess, 1997; Fortin, 2009).

Duas questões éticas e morais que predominam no panorama da investigação social são: o consentimento informado e a proteção dos indivíduos (Fortin, Brisson, & Wakulczyk, 2009; Robert & Biklen, 2013). Estas obrigações estão diretamente ligadas com a salvaguarda dos participantes, nomeadamente, com a garantia da proteção contra o desconforto e o prejuízo, o anonimato na publicação dos resultados e da confidencialidade no tratamento dos dados fornecidos (Burgess, 1997; Fortin, 2009; Ribeiro, 2003).

O consentimento informado é um documento que informa e explica de forma detalhada e sucinta a natureza do estudo, as prováveis consequências da sua participação e outras características relacionadas com o mesmo. A obtenção da assinatura dos participantes só deve confirmada aquando da compreensão da informação previamente explicada (Fortin, 2009; Crête, 2003; Ribeiro, 2003).

Por outro lado, o investigador deve discutir abertamente com os sujeitos sobre a natureza do estudo e das obrigações nele envolvido; quais os riscos e benefícios a que podem estar expostos ao participarem na investigação e livremente decidir sobre se pretendem aceitar ou recusar participar, não sendo por isso penalizados (Fortin, 2009; Robert & Biklen, 2013).

Na investigação social estas considerações são habituais naquilo que faz parte de um procedimento de um estudo. Nestas circunstâncias, antes de iniciar o estudo, apresentei uma carta de explicação do estudo bem como, um formulário de consentimento informado, livre e esclarecido (Anexo XI) na qual foram explicados os aspetos mais importantes do projeto bem como, uma descrição generalizada do processo de desenvolvimento da sua implementação.

Também, na reta final do projeto foi novamente entregue uma carta de explicação do estudo relativa ao inquérito por questionário bem como, um formulário de consentimento informado, livre e esclarecido sobre a avaliação do estudo (Anexo XII). Para cada documento foi pedida a assinatura do cliente e do representante legal.

De acordo com Crête (2003), as pessoas ao compreenderem que os dados recolhidos serão tratados sob sigilo e não serão prejudicadas ao fazerem parte da investigação, sentem-se menos inseguras naquilo que vão dizer ou fazer. O autor aponta, ainda, que os investigadores, na maioria das vezes, codificam ou alteram os nomes das pessoas para efeitos de privacidade.

Desta forma, para proteger a identidade dos sujeitos envolvidos no presente estudo foi atribuída uma codificação a cada participante, sendo o nome substituído por duas letras maiúsculas (por exemplo: JM) – estes registos mais detalhados estão disponíveis no capítulo IV.

Paralelamente, um outro ponto que se levanta nesta investigação empírica consiste na utilização de recursos audiovisuais (registos fotográficos e em vídeo). A utilização de recursos audiovisuais para fins terapêuticos e práticas sociais, é uma estratégia e abordagem pioneira (Cohen, Johnson, & Orr, 2015) assim sendo, é importante, estabelecer uma obrigação no cuidado das questões que envolvem a exposição da imagem dos participantes. As mesmas autoras referem que esta atividade acarreta potenciais riscos:

Including cyberbullying, exposure, and embarrassment, clients become more able to understand the potential risks and benefits, practice self-determination in deciding whether to proceed, and allow themselves to feel more emotionally safe in the therapy setting (2015, p. 15)

Como tal, para a precaução do devido efeito, antes de iniciar o estudo, também foi solicitada uma declaração de autorização de cedência dos direitos de imagem (Anexo XIII), na qual, foram explicados os aspetos relacionados com a utilização da imagem apenas para efeitos do presente estudo e divulgados, eventualmente em publicações de carácter científico.

3.7 PROCEDIMENTO DA INTERVENÇÃO

O projeto *Olho para a Coisa* teve início em novembro de 2017 e o final das atividades foi inicialmente apontado para abril, mas devido a diversos imprevistos, prolongou-se até maio de 2018, tendo a duração total de seis meses. Foram realizadas vinte sessões, com uma periodicidade semanal – terças-feiras – por ser o dia acordado com a equipa técnica do CAARPD, por existir maior disponibilidade por parte dos clientes de modo a que a dinâmica da instituição não fosse afetada. Cada sessão tinha aproximadamente duas horas e realizava-se das 10:30 às 12:30.

As sessões eram planeadas e fragmentadas em três momentos. A primeira parte iniciava-se com uma revisão oral em grupo sobre o que tinha sido feito na sessão anterior para refrescar a memória aos participantes. A segunda parte incidia essencialmente na implementação das atividades propostas pela investigadora. Por último, na terceira fase, fazíamos uma retrospectiva geral em grupo sobre a sessão, abordávamos os aspetos positivos e negativos: o que gostavam mais e menos, o que se podia melhorar, entre outros aspetos. Ao longo das sessões a investigadora foi tomando notas e fazendo registos em formato de vídeo. Neste sentido, mais se refere que, o grupo foi inicialmente constituído por quatro clientes, no entanto, na quarta sessão, surgiu a oportunidade, e mais dois clientes decidiram juntar-se ao grupo. Porém, na nona sessão, novamente, mais dois clientes, voluntariamente decidiram participar no projeto.

Face ao exposto, a investigadora antes de iniciar as sessões, registava numa folha de presenças (Anexo XIV) para poder também ter uma maior perceção da assiduidade dos participantes ao nível do entusiasmo e motivação com que se deslocavam todas as semanas às atividades que realizava.

Relativamente ao procedimento do estudo, na tabela 1, podemos observar um quadro que facilita no visionamento cronológico da implementação das diferentes fases do processo do estudo.

Etapa do Projeto	Nº de Sessão	Mês							Descrição
		Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	
-	Nº 1	X							Apresentação e explicação do estudo: desde as diferentes etapas de atuação até ao procedimento das sessões e das atividades Assinatura do consentimento informado sobre a participação livre e voluntária no estudo Assinatura da declaração de autorização de direitos de imagem
1. Exploração da Câmara	Nº 2 à Nº 5		X	X					Exploração da câmara de filmar e aprendizagem de noções técnicas através de exercícios de experimentação prática Entrada de dois novos clientes: CL e FV (sessão 4)
2. História	Nº 6 e Nº 7				X				Elaboração da história através da desconstrução de personagens da Disney
3. Guião e <i>Storyboard</i>	Nº 8 à Nº 10				X	X			Elaboração de um guião técnico e elaboração do <i>storyboard</i> da história Entrada de dois novos clientes: HA e LJ (sessão 9)
4. Adereços	Nº 10					X			Construção dos adereços
5. Filmagens	Nº 10 à Nº 17					X	X	X	Implementação das filmagens da história Recolha de depoimentos (em vídeo) dos participantes sobre a apreciação geral do projeto Assinatura do consentimento informado sobre a participação na avaliação do estudo
-	Nº 18 e Nº 19							X	Aplicação dos questionários aos participantes Definição das músicas da banda sonora do filme
-	Nº 20							X	Apresentação do filme e de todo o trabalho desenvolvido no projeto à instituição (restantes clientes e equipa técnica)

Tabela 1 - Cronograma de Procedimentos do Estudo

Fonte: Elaboração Própria

IV APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Neste capítulo, vamos apresentar os resultados obtidos do estudo e avaliar a intervenção do ponto de vista da investigadora, das técnicas da instituição, dos cuidadores legais e dos participantes de modo a verificar se os objetivos inicialmente definidos foram alcançados e apresentar uma síntese relativamente ao desenvolvimento do projeto.

Desta forma, devemos lembrar que a análise de resultados foi desenvolvida com base em métodos qualitativos e quantitativos recolhidos no decorrer da intervenção. Esta multiplicidade de registos permitiu ter uma visão mais alargada do tema-problema em estudo. É nossa intenção compreender em que medida vai ao encontro da revisão da literatura, analisando e confrontando as possíveis hipóteses e relações que se poderão estabelecer.

Posto isto, como foi explicado no tópico sobre a ética na investigação, os nomes dos participantes foram codificados para garantir o anonimato e confidencialidade dos mesmos. Conforme a tabela 2, estão descritos os dados gerais dos participantes com o intuito de facilitar a leitura e identificação de cada um.

Participante	Idade	Género
JF	24	Feminino
MS	28	Feminino
LO	20	Masculino
SJ	23	Feminino
CL	33	Masculino
FV	28	Masculino
HA	45	Masculino
LJ	30	Masculino

Tabela 2 – Dados Gerais dos Participantes

Fonte: Elaboração Própria

Desta forma, importa explicar que daqui em diante os participantes serão identificados da seguinte forma: P (participante); CL (cuidador legal) e T (técnica). Por baixo da linha de texto está representado a codificação do nome do cliente, por exemplo: P_{FV} e CL_{FV}.

4.1 ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS UTILIZADAS NA INTERVENÇÃO

Conforme pode ser analisado nas notas de campo (Anexo IV) numa primeira fase da intervenção, foi dado a conhecer o projeto *Olho para a Coisa* onde se realizou uma breve explicação do estudo aos clientes do CAARPD presentes no dia - desde os objetivos, ao plano de execução proposto das diferentes etapas de atuação até à solicitação da assinatura do consentimento informado sobre a participação livre e voluntária no estudo e da declaração de autorização de direitos de imagem.

Após esta fase, iniciámos a primeira etapa de **Exploração da Câmara**, que se caracterizava pela realização de pequenas experiências em vídeo de exploração do espaço e do próprio equipamento audiovisual. Os participantes sentiram-se um pouco desamparados, na medida em que não tinham orientações concretas relativamente ao que deveriam filmar, pelo que constantemente pediam autorização sobre o que poderiam gravar. A captura de imagens era seguida, sem a preocupação de desligarem o equipamento aquando da escolha de um novo plano de filmagem. Conforme pode ser analisado nas notas de campo.

As primeiras sessões eram constituídas por atividades essencialmente teóricas para dar a conhecer noções técnicas básicas de cinema. No entanto, conforme as perceções captadas, havia muitos momentos de falta de concentração por haver apenas conteúdo teórico. Devido a este facto, e tal sugere a Investigação-Ação, que tem como intuito a transformação após a reflexão sobre determinada ação (Coutinho, et al., 2009; Amado & Cardoso, 1994), houve a necessidade de melhoria das práticas. Neste sentido, experimentou-se interligar a teoria com a prática na medida em que as sessões que se procederam foram planeadas segundo explicações orais – acompanhadas por imagens que serviam como exemplos e organizadas em suporte de PowerPoint – seguidamente, os participantes aplicavam esses mesmos conhecimentos através de exercícios práticos com a orientação da investigadora.

Como tal, conforme as notas do diário de bordo foi perceptível que apenas dois participantes – CL e FV – tiveram maior facilidade de compreensão de relação teoria com prática.

No arranque, houve algum sentimento de estranheza e dificuldade adaptação ao material, mas que rapidamente se dissipou e despoletou de imediato reações bastante positivas sobre esta vertente artística. Porém, estas mesmas aprendizagens sobre as noções técnicas não foram corretamente ao encontro dos objetivos inicialmente estabelecidos pelas dificuldades de aprendizagem.

Após estes exercícios, procedemos à etapa sobre a **História**. Esta iniciou-se na sessão número seis e foi inteiramente dedicada à desconstrução de personagens de histórias infantis clássicas como por exemplo, o rato Mickey, a pequena sereia, a Rapunzel, o capuchinho vermelho, entre outros.

Esta sessão tinha como objetivo preencher um bilhete de identidade (Anexo XV) – elaborado pela investigadora – sobre uma personagem infantil escolhida por cada participante e desconstruir os aspetos emocionais, psicológicos e físicos destas mesmas e simultaneamente ir à descoberta da construção de novas figuras que vivenciassem numa realidade completamente oposta.

As personagens criadas seriam utilizadas na história que seria escrita conjuntamente pelos participantes. Porém, verificou-se que os participantes não compreenderam totalmente a finalidade do que foi solicitado pela dificuldade em criar criativamente um desfasamento entre a personagem clássica e a personagem criada por eles. Portanto, este processo criativo não decorreu como esperado levando a que a atividade pré-estipulada tivesse de ser reajustada.

É neste sentido, que por iniciativa própria, o participante CL trouxe de sua autoria uma história como sugestão para utilizar para criar o filme (Anexo XVI). Contudo, para que os restantes participantes se sentissem úteis para que os restantes participantes pudessem participar ativamente na criação da história, paralelamente ao CL, a investigadora decidiu fazer uma adaptação coletiva para que cada elemento complementasse com ideias novas.

No entanto, para que o trabalho já elaborado não fosse eliminado, segundo a sugestão do coorientador Andrzej Kowalski, aproveitou-se alguns dados biográficos dos personagens criados, designadamente: o nome, a profissão e o seu sonho. Assim criou-se a história denominada “O Dom de Ariel” (Anexo XVII) e utilizou-se esta mesma para realizar as gravações finais.

A terceira etapa de construção do **Guião e Storyboard**, foi uma fase de curta duração e mais teórico-prática. Teve como principal finalidade a definição dos cenários, dos adereços e do enredo e de elaboração de um conjunto de interpretações visuais das cenas a filmar de modo cronológico. Não houve muitas dificuldades de aprendizagem por parte dos participantes relativamente a esta etapa na medida em que, as atividades sugeridas eram simples e fáceis de executar.

Para a identificação dos cenários, o grupo juntamente com a investigadora foi mesmo ao exterior procurar os melhores espaços e “experimentá-los” como se já estivessem a interpretar cada um o seu papel.

Posteriormente a esta estruturação, construíram-se os **Adereços** necessários para as filmagens. Foi até então a fase que os participantes sentiram maior prazer e entusiasmo por poderem utilizar materiais de expressão plástica, para criarem e ilustrarem o sonho que escreveram no bilhete de identidade do personagem e um cartaz utilizado pelo personagem principal.

Em seguida, nas **Filmagens** da história, esta etapa teve uma durabilidade maior do que aquela que estava pensada. Foi a fase mais esperada pelos participantes para poderem colocar em prática todas as expectativas que tinham e sobre os conhecimentos que foram adquirindo para efetivamente experienciarem o papel de realizador e ator.

Outro aspeto sobre as filmagens prende-se com o facto de como nenhum participante havia nunca experienciado gravar notou-se um receio natural ao início, mas que se foi dissipando com o tempo de adaptação aos equipamentos.

Ainda em relação a esta etapa, é apropriado referir que embora tenham existido sessões muito similares entre si e repetitivas, não foi motivo para os participantes deixarem de estar motivados e alegres especialmente quando as filmagens eram feitas no exterior à instituição. De modo geral, nesta fase identificaram-se muitos momentos de cooperação, ajuda e respeito pelo outro. Os participantes mais autónomos e comunicativos souberam orientar os restantes para que o trabalho em equipa fosse equilibrado.

Um aspeto negativo recaiu sobre a falta de assiduidade e a ausência inesperada dos participantes em determinadas sessões na etapa das gravações dificultou o desenvolvimento das mesmas. As cenas tiveram de ser adaptadas, tendo mesmo

acontecido a substituição de papéis, pelos personagens principais não estarem presentes e terem de ser gravadas sem uma ordem específica. Foi evidente que estas situações se refletiram na distração e num pequeno afastamento de alguns participantes – MS, LO, HA e LJ – por não terem capacidade ao nível de atenção e retenção de informações para conseguirem pensar no raciocínio das gravações de forma não-cronológica (sem um princípio, meio e fim).

Inclusive, para esta etapa em específico a investigadora construiu uma claquete em ponto grande para que o grupo pudesse usar como se utiliza no cinema profissional. Porém, após as primeiras utilizações, percebemos que quebrava a dinâmica das sessões diminuindo a sua duração. Para além disso, os participantes ficavam baralhados com tantas mudanças repentinas de papéis. Deste modo, eliminou-se totalmente a claquete para passarmos diretamente a gravar as cenas.

A última etapa de **Edição e Montagem** que foi pré-estipulada não se concretizou por causa do aumento do número de sessões para as gravações finais e implicando a sua eliminação. No entanto, para que os participantes pudessem experienciar um pouco o trabalho de pós-produção, o grupo discutiu e decidiu sobre os temas musicais que fariam parte da banda sonora do filme para a investigadora adicionar à edição. Contudo, os participantes sempre demonstraram muito interesse e vontade em experimentar esta fase mesmo num projeto futuro.

Face ao exposto, todas estas etapas supramencionadas foram pensadas de modo a fomentar nos participantes um envolvimento de criação em grupo, de socialização, de espírito de entreajuda.

Após a concretização destas fases, aplicaram-se os questionários aos cuidadores legais, aos participantes e às técnicas da instituição conforme pode ser analisado nas digitalizações dos mesmos (Anexo XVIII).

Findadas todas estas etapas, houve uma apresentação pública dos filmes realizados no âmbito do projeto que decorreu no dia 23 de maio de 2018. A iniciativa permitiu dar a conhecer o trabalho que foi efetuado não só aos restantes clientes e técnicos do CAARPD como inclusive, ao Presidente da APPACDM - que foi convidado, mas não pode comparecer por motivos profissionais.

Esta apresentação consistiu numa breve explicação oral - preparada pelos próprios participantes - sobre todo o processo de atuação das diferentes etapas do projeto. Seguidamente, iniciou-se a visualização de quatro vídeos: o filme “O Dom de Ariel”; os erros de gravação (ou bloopers); o making-of (processo de produção e realização do filme) e uma compilação de testemunhos dos participantes.

Referente a este dia, houve uma série de situações bastante significativas não só para os participantes como também para a avaliação da investigadora.

Por um lado, pude constatar que ao longo destes meses os participantes diariamente vestiam fato-de-treino e ténis. Mas no dia da apresentação o LO e o LJ no dia da apresentação traziam vestidos calças de ganga, camisa e sapatos de vela. E a MS trazia vestido uma blusa com flores, sapatos e calças de ganga também. Revelando a importância e seriedade que os participantes deram para o dia.

Por outro lado, no decorrer da apresentação, a reação do público sobre o projeto foi muito positiva, manifestaram uma felicidade comum e um grande apreço pelo trabalho que os colegas realizaram. No decorrer do visionamento dos vídeos, os participantes permaneciam sérios e até um pouco envergonhados por verem a sua imagem exposta numa tela de ecrã. Porém, os mesmos transpareceram um sentimento de concretização e satisfação de um desafio bem concluído ao verem o trabalho que desenvolveram durante tantos meses e acima de tudo, de espanto por não acreditarem serem capazes de conceber um trabalho deste carácter.

O FV nas cenas em que aparecia mostrou-se inicialmente desconfortável pela exposição da sua voz e pelos complexos que tem sobre a mesma. Mas quando percebeu que o público não se incomodava rapidamente mudou a sua postura e ficou descontraído e feliz com a situação.

Após estes vídeos, houve espaço para um momento de partilha de ideias. O público mostrou muito interesse no trabalho efetuado e isso traduziu-se nas diversas perguntas de curiosidade que fizeram sobre como foram gravadas determinadas cenas, quem foram os realizadores, entre outras questões.

Outra situação relevante aconteceu quando uma das técnicas começou por pedir desculpas não só à investigadora como ao LO uma vez que, o LO no dia anterior à apresentação (dia

22) tinha pedido para se confeccionar um bolo, a técnica mostrou-se confusa e não compreendeu o porquê. Foi quando o participante lhe explicou que no dia seguinte, era o último dia da investigadora e para isso tinha de haver um bolo. A técnica explicou que ficou muito supressa com o LO pelo facto de ter sido o único a tomar consciência que não veria mais a investigadora e que merecia uma despedida simpática.

Aquando da despedida, todos os participantes em grupo deram um abraço e um beijinho, inclusive o FV pediu que não fosse embora. Já a JF como recordação ofereceu um colar – construído por ela - e um bilhete com uma dedicatória e a agradecer o trabalho que fiz com ela e para ela.

Face ao exposto, podemos observar os registos fotográficos que retratam todo o processo de desenvolvimento do projeto (Anexo XIX).

Posto isto, durante a intervenção podemos aferir que surgiram inúmeras situações e dificuldades que implicaram a necessidade de reajustamento perante as adversidades que surgiam das práticas em função do *feedback* dos próprios elementos do grupo e consoante a perceção da investigadora. Nesta ótica, permitiu aprimorar o processo de investigação delineado adaptando as ações com vista a melhoria das técnicas e recursos de investigação.

Assim, perante estas características específicas podemos compreender que a metodologia de investigação-ação é dinâmica. Facto este que não veio contrariar a explicação apresentada por Coutinho (2009) sobre a sua finalidade: consoante os diferentes momentos devesse refletir sobre a prática (ação) permitindo encontrar soluções para os eventuais problemas que vão surgindo durante o estudo com o intuito de compreender e melhorar a mudança.

Por outras palavras, esta metodologia implica aprender fazendo como um processo de avaliação e reestruturação das experiências que são vivenciadas de modo a melhorar a prática científica. Pela sua multiplicidade permite que os investigadores juntamente com os participantes possam ser promotores de novas descobertas de aprendizagem.

4.2 AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO

Neste subcapítulo, tendo em conta a natureza empírica da intervenção, são apresentados os principais resultados analisados com base nos dados recolhidos sob quatro categorias de avaliação - aprendizagem de competências, participação, relações interpessoais e dificuldades da formadora.

Aprendizagem de Competências

Sobre as **competências tecnológicas**, foi notória uma evolução gradual no manuseamento dos equipamentos audiovisuais no que concerne ao posicionamento da câmara. Inicialmente os participantes ao utilizarem a câmara de filmar sem um suporte, associavam-na ao “olho humano”, isto é, um reflexo daquilo que viam sem cuidados de focagem e de estabilidade

Posteriormente, ao introduzirmos o tripé, consequentemente associaram a estabilidade fixa, uma “fotografia animada” - o tripé servia apenas de apoio para gravar uma determinada imagem durante segundos. É de realçar que no início das filmagens, os clientes não tinham quaisquer conhecimentos práticos sobre a utilização das câmaras de filmar e dos tripés apenas o participante CL.

Contudo, ao longo das sessões, os clientes já eram capazes de, autonomamente, proceder à montagem correta do tripé e compreender a sua finalidade face à possibilidade de criação de movimentos dinâmicos – panorâmica, zooming e *travelling*. Por outro lado, todos conseguiram trabalhar com as funções básicas da câmara de filmar e o tripé – ligar e desligar, iniciar e parar uma gravação, focar a imagem, etc.

Em relação à assimilação de conteúdos teóricos e práticos, também foram notórias as dificuldades de compreensão dos planos e dos movimentos de câmara. Tal como mencionado na literatura, a esfera do funcionamento cognitivo de pessoas com DID torna-se um obstáculo para a aprendizagem de novos saberes teóricos pela dificuldade de atenção e compreensão de ensinamentos mais verbais e complexos. Os clientes não

conseguiam reter nova informação mesmo que esta fosse repetida frequentemente pela investigadora.

Relativamente aos conhecimentos práticos, verificou-se mais facilidade de aprendizagem, nomeadamente, nas funções básicas da câmara. Inclusive a participante JF referiu que aprende «mais em prática no cinema do que em escrito» (anexo IX, sessão 8). Já o participante CL explica que aprendeu experimentando «temos de estar sempre com o foco da câmara centrada no que estamos a filmar naquele quadrado, já reparei que tive de espalhar isso por todos para todos perceberem» (anexo IX, sessão 15).

Face ao exposto, um aspeto curioso foi a adaptação que a participante MS criou para se referir ao movimento *zooming*, utilizava as palavras “aproximar” e “afastar” segundo a longitude da câmara para com o objeto que se prendia filmar.

Por sua vez, na fase de elaboração do *storyboard*, apenas o participante CL foi o único que atingiu o objetivo e melhor fez uma distinção entre os diferentes planos enquanto fazia uma representação em desenho de cada cena. Inclusive o mesmo explica que é imprescindível passar por esta etapa uma vez que este documento orientador «é uma arquitetura de nós olharmos, observarmos, como é que se faz, onde é que estamos, o que é que está primeiro, o que está depois, também para termos um comportamento melhor. Se saltássemos isto iria ser uma atrapalhação enorme a gente estar a tentar fazer o filme» (anexo IX, sessão 8).

Do ponto de vista das **Competências Artísticas**, acerca da criatividade, tanto na visão dos participantes como dos cuidadores legais e das técnicas consideraram que este projeto efetivamente permitiu desenvolver a criatividade e imaginação. A maioria das respostas foram indicadas como muitas vezes (7) e algumas vezes (2). Inclusive a participante JF refere que a etapa da história permitiu «expressar o que sinto» pelo facto de ser «muito criativa e adoro escrever» (anexo IX, sessão 5).

Já o participante CL, explicou que o facto de ter a possibilidade de puderem tomar decisões autonomamente os tornou mais “autodidatas” por terem de ser criativos nas ideias para as decisões. E refere também que o mesmo acontece durante as filmagens «porque temos de tentar ser mais criativos com as filmagens para apanhar os cenários nos vídeos (anexo IX, sessão 12).

Um outro aspeto fundamental e que não estava inicialmente identificado como pré-indicador de análise foi a capacidade de improvisação. No decorrer das sessões a investigadora reconheceu a grande abertura para a representação por parte do grupo evidenciado simultaneamente capacidades excelentes de interpretação e também de comunicação.

Tendo em conta que não havia diálogos escritos na história (como já explicado anteriormente) a metodologia orientadora usada pela formadora consistia em relembrar em cada sessão o que se procederia em determinada cena e explicava quais as falas que deveriam mais ao menos acontecer. Porém, foi possível aferir que os participantes MS e LO foram os que tiveram maior dificuldade para criar diálogos fictícios.

Por sua vez, foram superadas as expectativas da investigadora perante as próprias limitações cognitivas e de memorização dos participantes na medida em que a história gravada não foi idealizada com diálogos estruturados e os participantes interpretavam o seu papel de acordo com o solicitado muitíssimo bem.

Ainda assim, ao longo do projeto os participantes manifestaram total preferência pela improvisação do que pela decoraçãõ de textos justificando os seus motivos: «porque é mais fácil, fico perdido nas falas» (P_{LO}, anexo IX, sessão 11); «senti-me melhor quando estava a improvisar, porque podia dizer o que queria» (P_{LI}, anexo IX, sessão 11); «somos criativos quando estamos a representar com improviso, pensar o que é que havemos de fazer, como é que agimos. Damos sempre ideias novas de sítios onde gravar». (P_{CL}, anexo IX, sessão 15).

Neste sentido, todos estes aspetos vão ao encontro das explicações de Ferrés (1996) sobre a importância da descoberta de novas possibilidades de expressão criativa autenticamente livre e autónoma. Falar em liberdade de expressão foi colocar nas próprias mãos dos jovens os materiais para que sozinhos pudessem experienciar vivências em grupo permitindo comunicar as suas ideias e exprimir os seus pensamentos.

Participação

Segundo as evidências analisadas constatou-se que os clientes tinham muita dificuldade em manter a atenção numa atividade e permanecer concentrado junto do grupo durante as sessões.

Qualquer motivo que não estava relacionado com o projeto era fator de distração resultando em conversas paralelas entre os participantes ou episódios menos oportunos e frequentes como conflitos interpessoais especialmente entre o FV e a JF. Não só pela falta de consenso e discordância de ambos como também por relembrares acontecimentos e conflitos que ocorriam fora do contexto do estudo – evidenciando alguma imaturidade emocional - e que automaticamente destabilizava a dinâmica da sessão.

Contudo, o interesse demonstrado ao longo das sessões acontecia com grande dedicação. Todos os elementos mostraram motivação e entusiasmo face ao projeto referindo frequentemente que as atividades eram “divertidas” e “giras”. Todavia, no início do estudo, apesar de esporadicamente, ocorreram situações de estranheza perante as primeiras tarefas – de diagnóstico das suas competências técnicas básicas de equipamentos tecnológicos - que tinham para realizar. Por sua vez transformaram-se em desânimo e pontualmente em momentos de indecisão de desistência do estudo particularmente em três participantes - o FV, a JF e o CL.

No entanto, quando iniciaram as atividades mais práticas e concretas, nomeadamente, a construção de adereços e as gravações finais da história estes pensamentos foram-se dissipando. Tal como explicou a participante JF «eu gosto de cinema, mas não achava tão interessante como agora. (...) Porque as coisas foram avançando e à medida que iam avançando, nós íamos aprendendo mais e depois a Rita também nos foi começando a motivar explicando outras coisas». (anexo IX, sessão 15).

Desta forma, os participantes demonstravam muito interesse pela partilha verbal de ideias significativas para o grupo. Traziam para as sessões ideias de atividades que gostariam de experimentar «vou-te deixar essas ideias todas apontadas com um PowerPoint e com um texto Word, tudo apresentado o melhor que eu puder» (P_{CL}, anexo IX, sessão 4).

Porém, um momento significativo na última fase, aconteceu quando a investigadora se apercebeu da baixa de autoestima, conseqüente dos complexos com a voz, que os

participantes FV e SJ tinham. Ambos estavam reticentes quanto à sua participação nas filmagens por não gostarem de ouvirem a sua voz dado que «fica sempre um bocado ruim nas filmagens e nas gravações. Eu gosto de estar mais longe e sem apanhar a minha voz para poder estar a interpretar (...) Mais o corpo e não tanto a voz» (PFV, Sessão 5) depois o mesmo explica que lhe disseram que a sua voz era de “maricas”. Já a participante SJ explica que disseram que a sua voz parecia de desenho animado.

Neste sentido, durante todo o processo de produção do filme, a investigadora esteve constantemente a valorizar, reconhecer e validar a importância do papel dos participantes no projeto reforçando as suas próprias competências para a promoção da autoconfiança e autoestima e assim melhorar a satisfação e segurança que têm de si próprios e por sua vez o bem-estar psicossocial.

Face ao exposto, devido às circunstâncias supramencionadas, reconhece-se que os participantes passaram a ter uma postura de desafio de aceitação pelas suas características e de certa forma “espremerem” o que de melhor elas têm.

Ainda sobre a participação dos clientes, esta foi marcada sempre com muita satisfação no manuseamento das câmaras de filmar e da qual, as justificações são todas idênticas: «achei interessante porque gosto de filmar e também de teatro» (PSJ, sessão 2); eu gostei porque não sabia mexer nisso e tinha alguma curiosidade» (PJF, sessão 2); «sempre desejei estar a gravar, estar por trás das câmaras. Gosto de estar por trás das câmaras. Sinto-me muito bem, gosto muito de estar a gravar o filme e estar focada» (PSJ, sessão 5) e «pela minha vontade é ter a câmara na mão para ficar com a câmara para sempre» (PCL, sessão 11).

Todos estes fatores vão ao encontro das respostas tanto dos cuidadores legais como das técnicas, na medida em que, ambas constatarem o frequente entusiasmo na participação do projeto. Por um lado, é através da proximidade e comunicação constante no relacionamento familiar e de amizade que verificamos a motivação que os participantes tiveram ao longo de cada semana na medida em que, iam para suas casas entusiasmados e felizes conversar abertamente sobre as atividades e experiências vivenciadas.

Por outro lado, temos a ideia do impacto que a intervenção teve sob os participantes pela sua singularidade e permitir que fora de um contexto formal pudessem aprender e conhecer novas ideias.

Outro aspeto positivo a realçar foi o desafio que os participantes assumiram para melhorar o seu sentido de responsabilidade e cuidado ao aprender a utilizar apropriadamente equipamentos tecnológicos pela fragilidade deste tipo de materiais. A possibilidade de manusearem o equipamento contribuiu para a melhoria da autoestima e autovalorização, reforçada pela confiança e liberdade depositada pela formadora ao realizarem pequenas tarefas específicas como: abrir e fechar o tripé, colocar a câmara no tripé e ligar e desligar a câmara.

Relações Interpessoais

Em relação ao trabalho em equipa, verificou-se melhorias no espírito de entreajuda dos participantes envolvidos nesta intervenção registando-se inúmeras situações de cooperação e interação. Mais se refere que houve um maior número de incidências nas atividades de exploração e gravação com a câmara. Na medida em que, colaboravam em grupo de modo a ajudarem-se entre si «quando um colega precisa o outro vai lá e ajuda» (P_{JF}, sessão 15); «porque nos ajudamos uns aos outros» (P_{LJ}, sessão 15).

Inclusive o participante CL, sobre o processo de construção da história explica que é «mais criativo estarmos a fazer tudo isto em conjunto para dar uma elaboração melhor à história» (P_{CL}, Sessão 6). Esta situação veio reforçar o que tem vindo a ser referido ao longo do estudo no que se refere à promoção do envolvimento participativo e mais ainda ativo, o companheirismo e o trabalho em equipa.

Contudo, a observação efetuada, permitiu reportar momentos em que o respeito pelo colega era pouco significativo dos restantes colegas para o LO, o LJ, o HA, e a MS uma vez que estes quatro elementos possuíam uma maior dificuldade de raciocínio acabando por serem algumas vezes - indiretamente e inocentemente - distanciados das tarefas por parte dos colegas e da formadora.

Porém, apesar destas adversidades, quando um participante não comparecia à sessão os restantes sentiam a falta do mesmo «foi um bocadinho morto (...) Porque não houve aquela alegria também, faltava um elemento essencial» (P_{LO}, Sessão 3).

Sobre a discussão/ debate em grupo podemos constatar que metade dos elementos – o HA, o LO, o LJ e a MS – tinha dificuldade em debater ideias e tomar decisões pelas

limitações resultantes do atraso global de desenvolvimento. Mesmo a investigadora “puxando” para que eles comunicassem a sua opinião sobre determinado assunto, os participantes revelaram alguma dificuldade na autoexpressão.

Na ótica dos cuidadores legais e das técnicas, novamente as respostas vão ao encontro do que foi dito pelos participantes sobre o projeto ter benefícios ao nível das relações interpessoais. Os cuidadores justificam «maior capacidade de interação/ socialização com os colegas, uma vez que abraçou o projeto no momento em que tinha acabado de integrar a APPACDM» (CL_{FV}); «ficou mais aberta para as pessoas (...) para aprender a trabalhar com os colegas» (CL_{LJ}); «tudo tem beneficiado, principalmente o convívio e o trabalho em equipa» (CL_{LO}); «esteve mais tempo ocupado e a conviver com os colegas» (CL_{HA}).

O cuidador legal do LJ notou alguma mudança de comportamento do seu filho referindo que «está mais ativo e gosta destas atividades e está a gostar muito». Já a diretora técnica, numa conversa informal, mencionou que o LJ e CL após a sua participação neste projeto começaram a ficar mais motivados e a serem mais assíduos e participativos nas restantes atividades no CAARPD.

Contudo, foi visível que todo o «grupo esteve bastante envolvido, partilhando ideias entre si e com as técnicas. O grupo manifestou-se bastante envolvido, sendo estas áreas menos exploradas no decorrer do ano» (T).

Por tudo isto, a colaboração e o trabalho em equipa constituem-se como outra dimensão para análise na medida em que, os investigadores Ponte (1997) e Meliá (2010) reforçam a perspectiva de que os equipamentos audiovisuais não são obrigatoriamente individualistas. Tendo em conta que o número de câmaras era menor que o número de participantes, houve de facto um desenvolvimento interpessoal associado ao companheirismo e partilha privilegiando ações mais colaborativas e comunicativas.

No que concerne à interação entre os elementos do grupo e a investigadora, a título de curiosidade, vale saber que ao longo da realização do projeto, fora do contexto do estudo, o participante FV, por meio de mensagens do *chat* da plataforma Youtube, informalmente, foi confidenciado algumas palavras de apreço e dedicação pelo que pode aprender com o projeto e a investigadora:

«Tenho de mostrar a minha verdadeira essência, é isso é que faz um verdadeiro e espetacular ator e se disserem alguma coisa de mal da minha voz a gente ignora porque nós é que somos os atores e realizadores» 23 de abril de 2018.

«Para nós foste excelente e espetacular. Recrear o nosso filme, a nossa vida, ajudaste-me a criar uma fase da minha vida. Agora já sei o que fazer, já agrado as pessoas (...) e eu agradeço-te por isso e pelo bom trabalho (...). Hoje quando vinha no comboio vinham uns rapazes a gritar e a chamar nomes ao revisor e fui falar com o revisor e disse-lhe para não ligar àquelas crianças e ele perguntou-me se já tinha passado por isso e respondi que há três ou quatro dias tinha acabado de fazer o mesmo, mas que agora já não fazia porque houve uma pessoa que me ensinou muitas coisas. Essa pessoa és tu Rita». (23 de maio de 2018)

«Rita o que me ensinaste não se ensina, esta pura amizade, carinho, humildade e bondade. Ensinaste-me a nunca recuar e a andar em frente de cabeça erguida. Esperamos ver-te o mais depressa possível. (...) Nunca uma despedida, nem um adeus, mas sim um até já». (24 de maio de 2018)

Posto isto, também podemos considerar o bilhete oferecido à investigadora, pela participante JF, como um instrumento passível de ser analisado:

«Querida Rita, eu não tenho muito jeito com as palavras, mas estou a escrever no meu jeito para te agradecer o carinho, dedicação e especialmente, o quanto és profissional porque tens um jeito querido de ensinar (...) Espero que toda a gente goste do teu trabalho e muita sorte para o teu futuro» 22 de maio de 2018.

Face ao exposto, podemos considerar estas mensagens como informações úteis para a avaliação do projeto. Estes dados vieram reforçar os laços e interação entre a investigadora e os participantes, tendo sido verificada uma proximidade afetiva positiva essencial para criar um sentimento de pertença entre ambos.

Formadora

É importante esclarecer que houve dois papéis essenciais ao longo do projeto: por um lado com a função de investigadora, cujos objetivos estão intrinsecamente relacionados com a análise e avaliação científica sobre a temática. Por outro lado, também desempenho

a função de formadora/ mediadora, responsável pela formação dos participantes e pela gestão das atividades.

Estes mesmos papéis sofreram uma série de oscilações – descritos no diário de bordo – porque em algumas sessões, estas não decorreram de acordo como tinha pré-estabelecido, tendo de reajustar as mesmas em função da dinâmica que surgia do próprio grupo, adequando não só os instrumentos de trabalho como a forma de estar e agir.

Desta forma, a investigadora no decorrer dar intervenção durante algumas vezes teve algumas dificuldades na gestão da ocupação das câmaras de filmar pelos participantes. Pois, «os participantes juntam-se todos ao pé da câmara, tornando-se difícil para mim conseguir arranjar uma forma de fazer com que todos participem, mantendo a organização, a postura e a ordem» (Anexo X, Sessão 5).

Mais ainda, como já mencionado, o facto de os participantes FV e JF entrarem em conflito constantemente, quebrava a dinâmica das sessões, e neste sentido, era a investigadora que mediava a situação através da resolução dos conflitos ou apaziguar/ acalmar as emoções mais agressivas, hostis ou nervosas. Vindo por este meio reforçar a ideia de que os investigadores nos estudos qualitativos também têm uma função de mediadores em determinados aspetos.

Por outro lado, todos os participantes indicam que a investigadora soube explicar as ideias e informações de forma clara e simples muitas vezes. Novamente todos os participantes apontam a resposta «muitas vezes» à correta organização e planeamento das sessões e por sua vez bem dinamizadas.

Projeto

Sobre esta temática, podemos fazer uma análise através de diferentes categorias, particularmente: momento mais significativo do projeto, expectativas face à aprendizagem e resultado do filme, interpretação, perspetivas e melhorias para futuros projetos.

Relativamente ao desenvolvimento do projeto, a totalidade dos clientes indicou ter gostado de participar explicando que se sentiam “entusiasmados” e “felizes” por terem

realizado um filme justificando que era uma experiência única pela qual iam participar pela primeira vez.

Por sua vez, no que se refere à ordem de preferência de gosto das diferentes fases do projeto, a maioria dos clientes entendeu a pergunta como atribuir cada número da legenda a uma fase e não para preencher com uma ordem numérica. Observemos o gráfico 1.

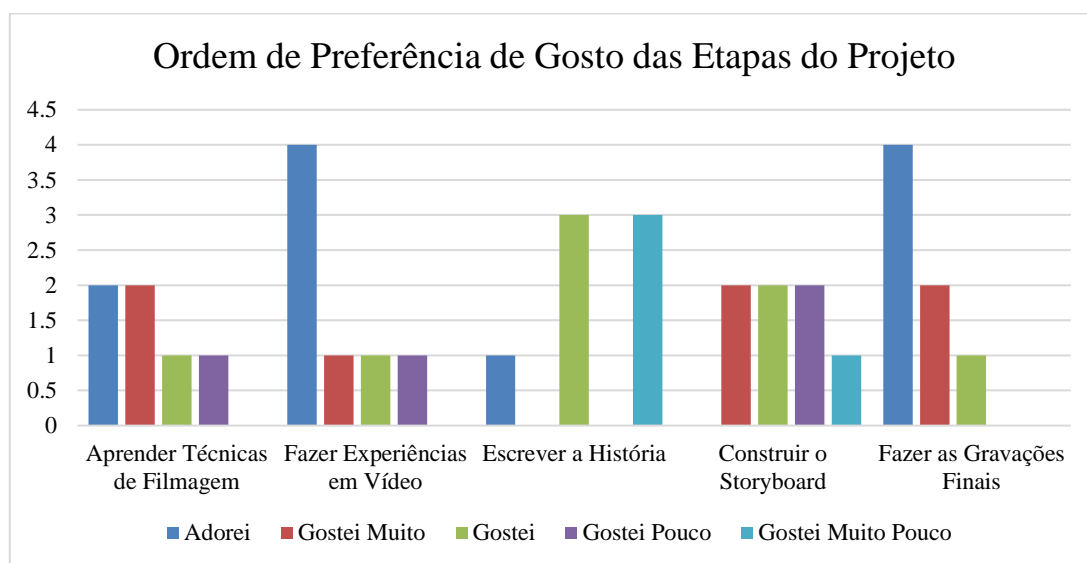


Gráfico 2 - Ordem de Preferência de Gosto das Etapas do Projeto

O gráfico 1 permite-nos ver que a atividade favorita dos clientes se relaciona com as gravações da história e fazer experiências em vídeo. É possível aferir que foi a etapa onde houve o maior número de respostas concentradas em adorei (4) e gostei muito (2) tendo sido a etapa que mais apreciaram. Facto que vai ao encontro de todos das evidências que temos vindo apresentar sobre ser uma iniciativa dissemelhante

Já no que se refere à atividade menos favorita foi escrever a história. Pela maioria das respostas de gostei muito pouco (3). Porém, existiu um elemento que considerou ter adorado esta etapa. Na construção do *storyboard*, é onde se nota que há uma divergência de opiniões na medida em que as respostas se dividem entre gostei muito (2), gostei (2), gostei pouco (2) e gostei muito pouco (1).

Assim, visualizando as restantes atividades, há uma tendência nas respostas adorei e gostei muito. Comprovando que não houve desagrado do projeto e das suas diferentes fases de realização. Não obstante, uma vez mais, constata-se que a experiência mais

impactante que os participantes vivenciaram foi a realização das gravações, criando dinamismo entre os elementos do grupo.

De acordo com os resultados seis de oito participantes - MS, HA, CL, LO e FV – indicaram as filmagens da história e a encenação como sendo os momentos/aprendizagens mais significativas. Por um lado, o LJ e a JF responderam que foi aprender a trabalhar em equipa, melhorar a entajuda e saber aceitar as sugestões/ opiniões dos colegas. Posto isto, importa destacar as afirmações da JF e do LJ pela capacidade de reflexão e de observação de ir além daquilo que é 100% visível e realmente compreenderem uma das finalidades do estudo, nomeadamente, melhorar as relações interpessoais.

Face ao exposto, podemos concluir que há consenso por parte dos clientes, dos cuidadores legais e das técnicas no que se refere à classificação positiva do projeto como forma de expressão artística e de comunicação,

Outro aspeto que se foi evidenciando no decorrer do projeto, foi um receio e desconforto temporário em serem gravados e “expostos ao mundo” e em interpretarem uma personagem, por ser algo que nunca estiveram à vontade para fazer. Esta circunstância foi mais manifestada na participante SJ que recusou no início ser atriz por «não me sinto muito bem, não é de me mostrar, pode-me mostrar à vontade, mas o problema é que não gosto muito de representar. Não me sinto bem a representar» (P_{SJ}, sessão 5, anexo IX) e «não costumo gostar muito de ser a atriz, mas para além disso até gostei. Deixa-me desconfortável, não consigo» (P_{SJ}, Sessão 3, anexo IX); «Estou com um bocadinho de medo. Mesmo que não tenha de falar muito, mesmo só de dizer um “Olá” já fico com medo» (P_{SJ}, Sessão 11, anexo IX).

No entanto, após alguma adaptação aos materiais, ao espaço em si e ao se familiarizar com o que se ia passar, a participante considerou ter um papel pequeno e com pouco diálogo. Assim, verificou-se uma grande mudança quando no fim do projeto esta participante interpretou uma personagem e explicou que o projeto a ajudou a ser menos tímida.

Relativamente às expectativas dos participantes, referentes ao projeto, podemos verificar que, embora todos tenham respondido que correspondeu às expectativas, foi mencionado pelo CL como «por um lado não, depois da mudança e alterações à história e sim porque

fiquei espantando com o filme». Pode-se dizer que em parte da sua resposta deve-se ao facto de o CL ter sido o autor da história que se adaptou para a história e que por essa razão, tenha ficado um pouco aborrecido por não ter sido totalmente da sua autoria.

No que concerne, às expectativas iniciais para as finais há diversos aspetos dos quais os participantes explicam que ao princípio ficaram reticentes em relação à ideia do projeto, mas que ao longo do desenvolvimento das gravações compreenderam melhor a sua essência e a opinião mudou radicalmente: «eu gostei, achei que fizemos um trabalho bastante bom. Eu nunca tinha feito, visto que para mim foi uma primeira experiência foi especial. Acho que se continuarmos assim podemos fazer um trabalho bem giro» (P_{FV}, Anexo IX, Sessão 5); «também há uma coisa que eu acho muito gira, que é por exemplo, nós acabamos por quando isto acabar acabamos por ver o resultado e é giro» (P_{JF}, Anexo IX, Sessão 15); «a minha expectativa é que o filme fique giro, não digo espetacular porque somos amadores, mas desde que fique giro já dá aquela sensação na barriga de que fiz o que queria fazer» (P_{JF}, Anexo IX, Sessão 2).

Para terminar, no que concerne à vontade em voltar a participar em projetos futuros relacionados com o audiovisual, as respostas foram unânimes a este nível – tendo apenas um cliente indicado não sei/ não tenho opinião – os restantes manifestaram muito interesse em experimentar novas atividades.

Os participantes mencionaram a oportunidade de «trabalhar num computador porque nunca aprendi a trabalhar numa gravação» (P_{LJ}); de puder «criar um musical» (P_{FV}); «Eu gostava de experimentar de fotografia, acho que é muito interessante. E fotografar pessoas, fotografar-nos, mas em contextos diferentes, tristes, contentes» (P_{JF}, Anexo IX, Sessão 15); «estou entusiasmado em fazer aquilo que lhe falei, aquela peça que já vi há muito tempo, desde a infância que gosto muito de ver e gostava de pôr isso em palco, com pessoas e cenários e tentar fazer cada cena diferente que eu vejo no vídeo» (P_{CL}, Anexo IX, Sessão 12); «eu estou mais empenhado para fazer novos filmes porque já vou estar mais preparado para fazer tudo» (P_{CL}, Anexo IX, Sessão 14).

Contudo, o facto de ser uma intervenção inovadora permitiu ter que o participante CL tivesse «mais motivação para continuar em novos projetos, tendo já em conclusão uma nova intervenção de um filme que adora desde criança» (CL_{CL}); «acho que está tudo bem, a minha sugestão é de mais projetos assim» (CL_{JF}).

Por sua vez, segundo os dados dos inquéritos não houve muitos aspetos a considerar numa perspetiva de melhoria de futuros projetos. Apenas duas técnicas justificaram que «o período para desenvolver o projeto é muito curto» e «sugere-se o aumento do tempo». Na visão dos cuidadores legais não houve nenhuma sugestão de melhoria.

Já o cuidador legal do LO, refere que «continuarem todo e qualquer trabalho com jovens especiais é sempre uma mais-valia no apoio do desenvolvimento cognitivo e psicológico».

Posto isto, na opinião das técnicas, o projeto «não teve impacto ao nível da instituição, no entanto, verificou-se o impacto positivo no CAARPD aumentando a diversidade na intervenção», o que «permitiu dar-se a conhecer e crescer com novos projetos».

V CONCLUSÕES

Uma vez que mergulhamos nesta investigação científica tão diversificada quanto outras áreas de expressão artística desenvolvidas, temos como principal finalidade aumentar o conhecimento teórico sobre a mesma permitindo tirar ilações das potencialidades do seu uso, especialmente como prática de intervenção em grupo, com o intuito de contribuir para o bem-estar dos indivíduos. Assim sendo, o presente capítulo facilita apresenta as principais considerações do estudo realizado sendo constituído por:

- Conclusões do trabalho desenvolvido
- Limitações do estudo
- Propostas para estudos futuros

Conclusões do Trabalho Desenvolvido

Como temos vindo a mencionar ao longo deste relatório, o estudo realizado é de trabalho exploratório e descritivo com enfoque na linguagem artística que procurou compreender o papel da introdução de recursos audiovisuais como enquanto ferramenta de intervenção social e artística, na procura de benefícios de indivíduos com DID.

Importa refletir sobre todo o processo de trabalho e aferir se os objetivos específicos delineados foram alcançados, e, desta forma, dar resposta à questão de investigação - em que medida a utilização dos recursos audiovisuais permite o desenvolvimento de competências e promove a melhoria das relações interpessoais de pessoas com DID?

Com base no que aqui temos vindo a apresentar, o estudo empírico realizado permitiu atingir os objetivos específicos propostos para a obtenção de respostas pertinentes para a projeção de futuras investigações. Posto isto, o estudo enquadra-se nos seguintes objetivos específicos:

- Explorar estratégias e práticas com recurso ao audiovisual que permitam a melhoria das pessoas com deficiência intelectual;
- Descrever as reações e comportamentos dos participantes face à introdução de recursos audiovisuais no processo de reabilitação social;
- Analisar em que medida a utilização de estratégias com recurso ao audiovisual permitem desenvolver, nos participantes, competências pessoais, sociais e expressivas.

De uma forma geral, apesar dos estudos científicos nesta área serem escassos, na medida em que é uma abordagem ainda pouco desenvolvida e com uma revisão de literatura insuficientemente rica, esta investigação não deixou de ser uma agradável surpresa, uma vez que, a utilização do audiovisual como linguagem artística, possibilitou abrir novos caminhos e oportunidades de conhecimento teórico sobre como pensar numa produção cinematográfica como inovadora em estratégias interventoras.

Tal inovação ocorreu quando possibilitámos a capacitação dos participantes para a utilização autónoma de equipamentos audiovisuais a fim de promover o acesso a meios de comunicação e informação úteis na vida diária. O domínio destes equipamentos possibilitou à pessoa com DID ser incluída socialmente no tempo e no espaço da era do digital.

Todavia, o potencial do audiovisual não se limita apenas no seu uso quotidiano por parte dos participantes, mas sim, verifica-se o contributo desta prática em saber como pode ser utilizado o vídeo e/ou filme como ferramenta social e artística e sobretudo, no desenvolvimento das suas competências pessoais, sociais e expressivas, com impacto positivo na sua autoconfiança, autonomia, criatividade e no combate ao isolamento, participando ativamente e de forma consciente na realização de uma produção cinematográfica.

Neste sentido, apesar de esta intervenção ter sido meramente exploratória simultaneamente, foi um processo lento e progressivo que ressaltou em dois prismas relevantes: identificar uma série de mudanças de atitudes e comportamentos nas reações e na partilha verbal em grupo durante as sessões e por outro lado, criaram-se reflexões que fomentaram uma série de discussões saudáveis e troca de conhecimentos, sobre

diferentes pontos de vista sobre os aspetos positivos e negativos do trabalho realizado, numa ótica de melhoria de futuros trabalhos.

Mais se refere que os resultados da intervenção vão ao encontro das explicações por vários autores (Cloutier, 1975; Ferrés, 1996; Cohen, Johnson & Orr, 2015) sobre a oportunidade que os participantes tiveram de não serem meramente espetadores, mas sim, de se sentirem protagonistas e onde ganharam voz própria para comunicar com o mundo.

Face ao exposto, conforme os autores (Morán, 1995; Johnson, et al. 2008; Boyd, 2010; Meliá, 2010), ao utilizar-se o audiovisual na prática artístico-social com jovens-adultos com DID, esta estudo veio revelar, à semelhança do que foi lido no estado da arte, as potencialidades do audiovisual como intervenção pela arte para a melhoria do bem-estar e satisfação psicossocial através do desenvolvimento de competências, nomeadamente, no que diz respeito a:

- Melhorar as relações interpessoais;
- Promover um sentimento de valorização pessoal e autoconfiança;
- Promover a criatividade individual e coletiva;
- Desenvolver a capacidade de expressão e comunicação;
- Projetar as visões e ideias sobre o modo como vê o mundo;
- Aprender a manusear uma máquina fotográfica para uso na vida diária.

Posto isto, em resposta à questão de partida deste estudo, os resultados apresentados indicam que esta estratégia foi um espaço de criação, de imaginação, de interação em grupo e de autonomia pessoal como promotor de competências no domínio da comunicação como um elemento desinibidor de expressão livre e facilitador de socialização.

Por outro lado, este projeto permitiu desenvolver atividades diferentes e transversais ao projeto e assim incluir outras competências, nomeadamente, no domínio da expressão plástica e subtilmente, na expressão musical.

Desta forma, ao proporcionarmos aos indivíduos uma prática que implique trabalho realizado num contexto de grupo facilmente compreendemos que contribuí para o desenvolvimento de vivências e hábitos grupais e também, para aprender a estar com os outros, a respeitar e a aceitar as diferenças de cada um (Martins, 2010).

Assim os resultados foram evidentes na medida em que esta intervenção permitiu o desenvolvimento de habilidades tecnológicas como o manuseamento da câmara fotográfica, bem como competências sociais de ajuda, discussão em grupo e respeito pelo outro.

Podemos, também, concluir pelos dados obtidos, que os domínios que aqui foram apresentados como catalisadores do estudo: **relações interpessoais** e **expressão livre**, possibilitaram uma melhoria da imagem que os sujeitos têm de si e não só, para que se sintam mais seguros naquilo que são as suas capacidades.

No entanto, este elemento desinibidor foi efetivamente criado, após uma desconstrução de pensamento dos participantes face às fracas expectativas que tinham sobre as suas capacidades, pelo estigma inculcado, ao longo dos seus anos de vida, subjacente as limitações – cognitivas, emocionais e comportamentais – que têm. Alguns participantes assumiram desde o início uma atitude de passividade diante da realidade e na resolução criativa dos problemas diárias, pelo facto de estarem habituados a ajuda e a tomada de decisão por parte de terceiros nos contextos familiares, escolares e na comunidade em geral em que estão inseridos (Alves, Faria, Mota, & Silva, 2008).

Por outro lado, foi clara a dedicação, motivação e responsabilidade dos participantes em realizar as atividades propostas, pois sabiam que todos as semanas iriam participar num projeto com uma abordagem diferente - pela qual nunca pensaram enveredar - fora do ambiente institucional tradicional que habitualmente vivem. Um fator que não podemos deixar de fazer referência como importante no processo inter-relacional e por sua vez no alcance dos objetivos do estudo.

Por sua vez, todos os participantes por diversas vezes explicaram que esta experiência lhes suscitou vontade de, no futuro, virem novamente a fazer parte de um projeto de carácter semelhante.

Em termos de conclusão, consideramos que este estudo, pela apresentação dos resultados, foi um desafio privilegiado para proporcionar momentos de aprendizagem global de forma muito significativa e bem-sucedida. Além disso, também teve um impacto positivo a diferentes níveis: **científico** (revisão da literatura), **institucional** (APPACDM) e **peçoal** (tanto para a investigadora como para os próprios participantes).

Neste sentido, é de referir que queremos ver reconhecido e difundido estudos desta índole - ainda que não seja do uso “popular” - pelas múltiplas potencialidades de desenvolvimento de capacidades, de modo a alcançar o maior número de indivíduos em diferentes contextos, permitindo assim contribuir para o crescimento da profissionalização desta prática nos próximos anos e diferenciação de outras técnicas já existentes.

Limitações do Estudo

No decorrer deste estudo exploratório e descritivo, a investigadora pode verificar algumas limitações teóricas e dificuldades no trabalho de campo, que passamos a destacar: Dificuldade na elaboração do estado da arte e na construção de um enquadramento teórico enriquecido relacionado com a utilização de recursos audiovisuais como ferramenta de intervenção e as suas influências sobre o bem-estar de indivíduos com DID. Foi difícil encontrar literatura a nível internacional e ainda mais difícil na língua portuguesa - pela falta de peritos (ou autores) que estudem a problemática presente - o que reforça a pertinência da investigação nesta área, dados os benefícios que podem advir.

A este respeito, o facto desta vertente artística ser inovadora e, de outra forma, pioneira, resulta em poucos exemplos práticos e experiências reais que tenham sido efetuadas, o que dificultou na resolução de algumas atividades propostas do projeto. Por esta razão, nem sempre foi um processo fácil, a investigadora numa primeira fase teve dificuldades na seleção e adaptação das atividades ao grupo-alvo.

Outra limitação refere-se à recolha de dados através do grupo focal. A investigadora apresentou dificuldades na orientação das discussões em grupo, devido à capacidade de

reflexão dos participantes ser limitada, visto que, por mais que adaptasse o seu discurso, tinham dificuldades em compreender.

Por outro lado, devido à circunstância de possuir duas funções – investigadora e interventora – dificultou a realização das sessões na medida em que, ocasionalmente, não conseguia dar resposta a todos os pedidos de ajuda e dúvidas dos participantes durante as sessões, como por exemplo, na gravação das imagens do filme. Considera-se que teria sido potencialmente benéfico ter uma pessoa para auxiliar e supervisionar as sessões juntamente com a investigadora.

Na linha de pensamento do ponto anterior, salienta-se a dificuldade da investigadora – como catalisadora de um grupo - em saber gerir o tempo em que cada participante tinha no papel de realizador. Desta forma, como a investigadora esteve totalmente sozinha a coordenar o projeto, acabava, indiretamente, de prestar maior “tempo de antena”, aos indivíduos que pela sua personalidade eram mais espontâneos e participativos nas atividades. Impossibilitando os demais de terem um papel mais ativo no processo de criação de uma produção audiovisual.

Devido a eventuais imprevistos, como a indisponibilidade dos participantes ao longo das semanas e um estado de tempo chuvoso, houve atrasos na rodagem do filme, não sendo possível terminar no tempo estipulado. Este facto teve repercussões na concretização da última etapa - edição e montagem do filme – impossibilitando, assim, de se poder iniciar esta etapa. Contudo, o período de finalização coincidiu na íntegra com o prazo pré-definido pela unidade curricular. Deste modo, um período de intervenção mais duradouro ou com mais sessões por semana favorecia um melhor desenvolvimento das atividades.

Ainda assim, pela natureza do projeto, o custo elevado de materiais audiovisuais impossibilitou, de alguma forma, uma boa execução do projeto pelas necessidades logísticas, tendo por isso um impacto menos bom na qualidade de produção. A investigadora teve de facultar as suas próprias máquinas fotográficas, computador e outros acessórios e ajustar de forma flexível, os recursos entre os participantes ao longo de todo o projeto para não surgirem entraves desnecessários.

Propostas para Estudos Futuros

Considerando os dados obtidos e a respetiva análise de resultados neste trabalho, podemos aprimorar características de melhoria de conhecimentos científicos nesta área. Como tal, apresentamos um leque de propostas para investigações futuras:

- **Estudo da utilização do audiovisual, nos contextos de DID, no âmbito de estratégias artísticas**

Aprofundar conhecimentos do uso de novas e múltiplas intervenções com o audiovisual como ferramenta de expressão artística, inclusive, na compreensão dos principais benefícios para o desenvolvimento de competências sociais, pessoais e expressivas.

- **Estudo acerca da melhoria da literacia audiovisual**

É pertinente a avaliação do domínio do audiovisual no impacto de uma “gramática” audiovisual, resultante numa autonomia ativa da utilização de recursos audiovisuais.

Porém, outro aspeto que merece ser destacado, não como uma proposta futura, mas como uma proposta para breve, é a apresentação do projeto *Olho para a Coisa* na comunidade da cidade de Setúbal. Quer isto dizer que, a convite do Senhor Presidente da Direção da APPACDM, o Professor José Salazar, a investigadora terá espaço na XIX Edição do Festival ExpressArte que decorrerá este ano, entre novembro e dezembro, para fazer uma apresentação oral sobre o projeto que desenvolveu no âmbito do seu estudo bem como, a compilação de vídeos editados e o filme elaborado pelos próprios clientes. O Senhor Presidente reconheceu o impacto e o carácter inovador deste projeto na instituição e deste modo, possibilitou que o mesmo tivesse o devido valor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, F. (2010). *A Doença Mental nem Sempre é Doença: Racionalidades leigas sobre saúde e doença mental*. Porto: Edições Afrontamento.
- Alves, F., Faria, G., Mota, S., & Silva, S. (1 de Outubro de 2008). As TIC nas Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais. *Revista Diversidades*(22), 25-27.
- Amado, J., & Cardoso, A. P. (1994). A Investigação-Acção e a suas Modalidades. Em R. C. Bogdan, & S. K. Biklen, *Investigação Qualitativa em Educação* (pp. 189-206). Porto: Porto Editora.
- American Association on Intellectual and Developmental Disabilities . (s.d.). *Frequently Asked Questions on Intellectual Disability*. Obtido em 14 de Janeiro de 2018, de American Association on Intellectual and Developmental Disabilities : <https://aaid.org/home>
- António, R., & Lemos, C. (2014). As competências do professor do século XXI: A tecnologia como instrumento de apoio. *Revista Unisanta HYumanitas*(2), 201-208.
- American Psychological Association. (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5* (5º ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental. (2015). *Fundamentação CAARPD APPACDM Setúbal*. Setúbal.
- Barros, A. T., & Junqueira, R. D. (2005). A elaboração do projeto de pesquisa. Em A. Barro, & J. Duarte, *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação* (pp. 33-50). São Paulo: Atlas Editora.
- Belo, C., Caridade, H., Cabral, L., & Sousa, R. (1 de Outubro de 2008). Deficiência Intelectual: Terminologia e Conceptualização. *Revista Diversidades*(22), 4-8.
- Boyd, C. (2010). *Development and evaluation of a pilot filmmaking project for rural youth with a serious mental illness*. *Youth Studies Australia*, 29 (3), 27-35.
- Burgess, R. G. (1997). *A pesquisa de terreno: uma introdução* (1º ed.). Oeiras: Celta.

- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da Investigação: Guia para Auto-Aprendizagem* (2º ed.). Lisboa: Universidade Aberta.
- Cloutier, J. (1975). *A Era de EMEREC ou a Comunicação audio-scripto-visual na hora dos self-media*. Lisboa: Instituto de Tecnologia Educativa.
- Cohen, L., J., Johnson, L., & Orr, P. P. (2015). *Video and Filmmaking as Psychotherapy*. Nova Iorque: Routledge.
- Cohen, J. (16 de Novembro de 2016). Film: Video Based Therapy and Trauma Continuing . Obtido em 30 de Agosto de 2018, de <http://www.lovevent.com/?sermons=filmvideo-based-therapy-trauma>
- Comparato, D. (2009). *Da criação ao roteiro : teoria e prática*. São Paulo: Summus Editorial.
- Cooper, S., Smiley, E., Morrison, J., Williamson, A., & Allan, L. (2007). Mental ill-health in adults with intellectual disabilities: prevalence and associated factors. *British Journal of Psychiatry, 190*, 27-35.
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação-Ação: Metodologia Preferencial nas Práticas Educativas. *Revista Psicologia, Educação e Cultura, XIII*(2), 355-379.
- Crête, J. (2003). A ética em investigação social. Em B. Gauthier, *Investigação Social* (N. Salgueiro, & R. P. Salgueiro, Trads., pp. 233-252). Loures: Lusociência.
- Damásio, M. J. (1 de Julho de 2011). Novas Literacias, Novas Ferramentas Educativas. *Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura*(1), 59-69.
- Darewych, O. H., Carlton, N. R., & Farrugie, K. W. (2015). Digital Technology Use in Art Therapy with Adults with Developmental Disabilities. *Journal on Developmental Disabilities, 21*(2), 95-102.
- Deb, S., Thomas, M., & Bright, C. (Dezembro de 2001). Mental disorder in adults with intellectual disability. 1: Prevalence of functional psychiatric illness among a

- community-based population aged between 16 and 64 years. *Journal of Intellectual Disability Research*, 45 (6), 495-505.
- Deb, S., Thomas, M., & Bright, C. (Dezembro de 2001). Mental disorder in adults with intellectual disability. 2: The rate of behaviour disorders among a community-based population aged between 16 and 64 years. *Journal of Intellectual Disability Research*, 45 (6), 506-514.
- Decreto-lei nº 60/2015 de 2 de março. Diário da República nº 42/2015 – I Série A. Lisboa: Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social
- European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction. (2015). *Perspectives on Drugs: Comorbidity of substance use and mental health disorders in Europe*. Lisboa.
- Ferreira, M., & Figueira, I. (2013). *Diagnóstico Duplo: Caracterização, Diagnóstico e Tendências*. Federação Nacional de Cooperativas de Solidariedade Social.
- Ferrés, J. (1996). *Vídeo e Educação* (2º ed.). (J. A. Llorens, Trad.) Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas.
- Fialho, J., Silva, C. A., & Saragoça, J. (2016). *Diagnóstico Social - Teorias, Metodologia e Casos Práticos*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Fortin, M. F. (2009). *O Processo de Investigação: Da concepção à realização*. Loures: Lusociência - Edições Técnicas e Científicas.
- Fortin, M. F., Brisson, D. P., & Wakulczyk, G. C. (2009). Noções de Ética em Investigação. Em M. F. Fortin, *Fundamentos e Etapas do Processo de Investigação* (pp. 113-130). Loures: Lusodidacta - Edições Técnicas e Científicas.
- Freire, C., & Silva, C. (2014). *Perspetivas – utilização de audiovisuais por pessoas com necessidades especiais: Avaliação de uma intervenção do ponto de vista dos cuidadores*. Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais. Leiria: Rede Iberoamericana de Animação Sociocultural.
- Galego, C., & Gomes, A. A. (2005). Emancipação, ruptura e inovação: o “focus group” como instrumento de investigação. *Revista Lusófona de Educação*, V, 173-184.

- Gauthier, B. (2003). *Investigação Social* (3º ed.). (N. Salgueiro, & M. H. Gameiro, Trans.) Loures: Lusociência.
- Geoffrion, P. (2003). O Grupo de Discussão. Em B. Gauthier, *Investigação Social* (N. Salgueiro, & M. H. Gameiro, Trans.), pp. 319-344). Loures: Lusociência.
- Gomes, M. J. (2005). Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica. *VII Simpósio Internacional de Informática Educativa*, (pp. 311-315). Leiria.
- Gómez, J. A. (2011). A investigação-acção como processo metodológico na Animação Sociocultural. Em M. S. Lopes, *Metodologias de Investigação em Animação Sociocultural* (pp. 116-139). Chaves: Intervenção - Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Graça, M. (2008). Imagens animadas realizadas por crianças na sala de aula: motivação, literacia e criatividade. *Convergências-Revista de Investigação e Ensino das Artes, I*. Obtido de <http://convergencias.esart.ipcb.pt/?p=article&id=36>
- Guerra, I. (2011). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e Formas de Uso*. Parede: Principia.
- Hébert, M. L., Goyette, G., & Boutin, G. (2010). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas* (4º ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Herédia, A., & Henriques, P. (2015). A Perturbação Borderline da Personalidade. *PSIQUE*(11), 65-89.
- Johnson, L. J., SC, M., G., K., & Alderson, P. D. (2008). Therapeutic filmmaking: An exploratory pilot study. *The Artes in Psychotherapy*(35), 11-19.
- Institute of Museum and Library. (2011). *Understanding Mental Illness: A Guide to Brain Disorders, Medication, and Therapy*. Jefferson City: Missouri Department of Mental Health.
- Ke, X., & Liu, J. (2015). Deficiência Intelectual. Em J. M. Rey, & F. D. Silva (Ed.), *IACAPAP e-Textbook of Child and Adolescent Mental Health* (I. Soares, & R. Cavalcante, Trans.). Geneva: International Association for Child and Adolescent Psychiatry and Allied Professions.

- Landry, R. (2003). A Análise de Conteúdo. Em B. Gauthier, *Investigação Social* (pp. 345-372). Loures: Lusociência.
- Laperrière, A. (2003). A observação directa. Em B. Gauthier, *Investigação Social* (pp. 257-278). Loures: Lusociência.
- Louro, Cristina V. “Porquê as novas tecnologias no centro de reabilitação de paralisia cerebral Calouste Gulbenkian.” Em *Novas Tecnologias na Educação Especial: Uma Abordagem Pedagógica: actas do seminário 29, 30 e 31 de Março 1988*, de ISEF, DEER, Universidade Técnica de Lisboa e Polo do Projecto Minerva, 33-35. Lisboa, 1988.
- Martins, I. L. (2010). As artes plásticas na Animação Sociocultural para pessoas com Necessidades Educativas Especiais: O atelier de pintura-espaco de expressão, criatividade e interacção. Em M. Lopes, & M. Peres, *Animação Sociocultural e Necessidades Especiais* (pp. 104-119). Chaves: Intervenção - Associação para Promoção e Divulgação Cultural.
- Mazzoleni, A. (2005). *O ABC da Linguagem Cinematográfica*. Avanca: Cine-Clube de Avanca.
- Meliá, María T. “O teatro e as novas tecnologias como meio de inclusão e convivência de crianças com Necessidades Educativas Especiais.” Em *Animação Sociocultural e Necessidades Educativas Especiais*, de Marcelino S. Lopes e Mariana S. Peres, 136-149. Chaves: Intervenção - Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, 2010.
- Morán, José. M. (1995). O vídeo na sala de aula. *Revista Comunicação e Educação, II*, pp. 27-35.
- Morán, José M. “A pedagogia e a Didática da Educação Online.” Em *Educação, Aprendizagem e Tecnologia: Um Paradigma para Professores do Séc. XXI*, de Ricardo V. Silva e Anabela V. Silva. Lisboa: Edições Sílabo, 2005.
- Moreira, C. D. (1994). *Planeamento e Estratégias da Investigação Social*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

- National Coalition on Dual Diagnosis. (2008). *Dual Diagnosis Position Paper Dual Diagnosis: Coping with mental health problems when you have a*. Ontario. Obtido de https://www.fenacerci.pt/web/publicacoes/outras/DD_paper.pdf
- National Alliance on Mental Illness. (2017). *Dual Diagnosis*. Obtido em 26 de Julho de 2018, de Mental Health Conditions: <https://www.nami.org/Learn-More/Mental-Health-Conditions/related-conditions/dual-diagnosis>
- Oliva, V. H., Vianna, A., & Lotufo, F. N. (2010). Cinematerapia como intervenção psicoterápica: características, aplicações e identificação de técnicas cognitivo-comportamentais. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 37(3), 134-144.
- Organização Mundial da Saúde. (s.d.). *Definition: intellectual disability*. Obtido em 14 de Janeiro de 2018, de World Health Organization : <http://www.euro.who.int/en/home>
- Organização Mundial da Saúde. (2002). *Relatório Mundial da Saúde - Saúde Mental: Nova Conceção, Nova Esperança* (1º ed.). Lisboa: Direcção-Geral da Saúde.
- Organização Mundial da Saúde. (2004). *Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde*. (A. Leitão, Trad.) Lisboa: Direcção-Geral da Saúde.
- Pardal, L., & Lopes, E. S. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal.
- Parekh, R. (Agosto de 2018). *What Is Mental Illness?* Obtido em 14 de Janeiro de 2018, de American Psychiatric Association: <https://www.psychiatry.org/>
- Parra, N., & Parra, I. C. (1985). *Técnicas Audiovisuais de Educação* (5º ed.). São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais.
- Pereira, J. (2015). *A problemática do diagnóstico duplo na Federação Nacional de Cooperativas de Solidariedade Social*. Tese de Mestrado, Instituto Politécnico do Porto, Escola Superior de Tecnologia e Gestão, Porto.
- Pereira, R. B. (2011). *Faces of Dual Diagnosis: A Canadian Perspective*. Canada: Agio.
- Pires, A. L. (2000). *Videojornal , Clip-Inovação em Vídeos 1995-96: Guiões de Exploração em Aula* (1º ed.). Carnaxide: Instituto de Inovação Educacional.

- Pires, J. P. (2016). *Produção Audiovisual: Um processo de desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação visual em educação patrimonial*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Lisboa.
- Ponte, J. P. (1997). *As novas tecnologias e a educação*. Lisboa: Texto Editora.
- Rassool, G. (2006). *Understanding Dual Diagnosis: an Overview*. Hoboken: Blackwell Publishing.
- Ribeiro, C. P., Dias, J. P., & Relvas, J. (1999). *Os Meios Audiovisuais na Formação* (3^o ed.). Instituto do Emprego e Formação Profissional.
- Ribeiro, J. S. (2003). *Métodos e Técnicas de Investigação em Antropologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Robert, B., & Biklen, S. (2013). *Investigação Qualitativa em Educação - Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Santos, L. A., Garcia, F. M., Monteiro, F., Lima, J., Silva, J., Silva, J., . . . Afonso, C. (2016). *Orientações Metodológicas para a Elaboração de Trabalhos de Investigação*. Lisboa: Instituto de Estudos Superiores Militares: Centro de Investigação e Desenvolvimento.
- Santos, M. (2004). *Nova Activa Multimédia: Enciclopédia de Consulta - Métodos de Estudo*. LexiCultural.
- Silva, M. O., & Coelho, F. (2014). Da deficiência mental à dificuldade intelectual e desenvolvimental. *Revista Lusófona de Educação*(28), 163-180.
- Schiavone, R. (2003). *Montar um Filme*. Avanca: Cine-Clube de Avanca.
- Seixas, J. (2015). *Pessoas Institucionalizadas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais e Cidadania*. Tese de Mestrado, Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Viana do Castelo.
- Serrano, M. P. (2011). Desafios da investigação qualitativa em Animação Sociocultural. Em M. S. Lopes, *Metodologias de Investigação em Animação Sociocultural* (pp. 325-349). Chaves: Intervenção - Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

Stewart, D., Nem, S., & Rook, D. (2007). *Focus Groups: Theory and Practice* (2º ed.). California: Sage Publications.

Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Saúde Mental. (2016). *Informemente: Guia Essencial para Jornalistas sobre Saúde Mental*.

Torres, E. C. (22 de Julho de 2002). *Literacia audiovisual: uma descoberta para a cidadania*. Obtido de Público: <https://www.publico.pt/2002/07/22/jornal/literacia-audiovisual-uma-descoberta-para-a-cidadania-172997>

Valas, J. (2003). A Análise de Contéudo. Em A. S. Silva, & J. M. Pinto, *Metodologia das Ciências Sociais* (12º ed., pp. 101-120). Porto: Edições Afrontamento.

Vilelas, J. (2009). *Investigação: O Processo de Construção do Conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo.

Yancura, L. A. (2 de Julho de 2013). How to Make Reminiscence Movies: A Project-Based Gerontology Course. *Educational Gerontology*, 39, 828-839.

ANEXOS

ANEXO I – POWERPOINT UTILIZADO NA PRIMEIRA SESSÃO

Projeto de Investigação
RITA ASSUNÇÃO

OLHO PARA A COISA

- Projeto de Investigação
- Mestrado de Intervenção e Animação Artísticas
- De novembro de 2017 a maio de 2018
- O audiovisual é a ferramenta de intervenção
- Consistirá em sessões semanais na qual utilizaremos técnicas de escrita e multimédia

OBJETIVOS

- Fomentar as relações interpessoais
- Contribuir para a promoção do bem-estar psicossocial

FASES DO PROJETO

1. Etapa: Explicação do processo de criação de Filmes
2. Etapa: Elaboração de uma narrativa em grupo
3. Etapa: Elaboração de um storyboard
4. Etapa: Organização e estruturação da gravação
5. Etapa: Edição e montagem do vídeo em computador

AVALIAÇÃO DAS SESSÕES

- OBSERVAÇÃO
- ENTREVISTAS GRUPAIS

ANEXO II – POWERPOINT UTILIZADO NA SEGUNDA SESSÃO

TUTORIAL DE GRAVAÇÃO

PASSO-A-PASSO PARA GRAVAR

- 1) Escolher o espaço que se pretende gravar;
- 2) Ligar a câmara;
- 3) Focar a imagem;
- 4) Por ou tirar zoom se necessário;
- 5) Iniciar a gravação;
- 6) Terminar a gravação.



FOCAGEM

IMAGEM DESFOCADA



IMAGEM FOCADA



FOCAGEM

IMAGEM DESFOCADA

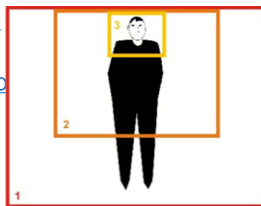


IMAGEM FOCADA



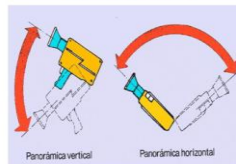
PLANOS E ÂNGULOS

- 1) Plano de Ambiente
- 2) Plano de Ação
- 3) Plano de Expressão

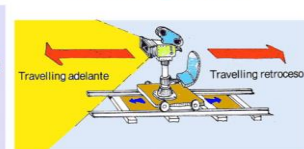


MOVIMENTOS

Panorâmica



Travelling/ Zoom



ANEXO IV – NOTAS DE CAMPO INCLUÍDAS NO DIÁRIO DE BORDO

Nº da Sessão: 1

Nº de Participantes: 4

Data: 28 / 11 / 2017

Duração: 10h50 – 11h50

Objetivo (s) de Sessão:

Dar a conhecer o projeto de investigação. Realizar um exercício de exploração do espaço através da gravação de clipes à escolha do participante.

Descrição da Atividade:

Primeiramente, em suporte de PowerPoint dei a conhecer o meu projeto e expliquei como se iria proceder tal como todas as etapas do projeto. Em seguida, cada cliente com o seu telemóvel andou pela instituição a gravar objetos e elementos que lhes interessava e gostassem. Por fim, assistimos e discutimos sobre os clipes gravados e enquanto isso acontecia dava sugestões e críticas construtivas.

Observações:

Os utentes mostraram-se muito baralhados e confusos quando lhes falei no projeto, no entanto, quando expliquei o que íamos fazer em concreto e como íamos fazer, os clientes demonstraram em seguida muito entusiasmo para começar a fazer o filme inclusive, a cliente SJ disse que gostava de fazer a maquilhagem e tratar dos cabelos dos atores, se fosse o caso de produzirmos algo do género.

Na atividade propriamente dita, os clientes ficaram recetivos quando pedi que gravassem tudo o que quisessem livremente, sentiram-se desamparados e sem diretrizes e conselhos.

Perguntavam constantemente o que deviam gravar e pediram autorização sobre o que podiam gravar.

Pude perceber que ao longo das gravações eles usavam o telemóvel, sem desligar, gravavam tudo, sem fazer cortes e sem pensar bem o que queriam, não tiveram muita estabilidade e não pensavam naquilo que queriam gravar. Quando começaram a gravar, seguiam-se em grupo e por onde um ia, os outros repetiam.

O LO, numa das suas gravações, decidiu filmar a casa-de-banho e a SJ perguntou ao colega o que achava de interessante em gravar uma casa-de-banho, eu entrevi dizendo que cada um pode gravar o que quiser desde que se sintam bem e tenha um significado para o mesmo.

Na visualização dos seus vídeos, riam-se bastante das gravações uns dos outros por acharem engraçado e uma proposta incomum. Quando questionava o porquê de gravarem determinado objeto a resposta foi sempre a mesma: porque gostavam e era giro.

Nº da Sessão: 2

Nº de Participantes: 4

Data: 05 / 12 / 2017

Duração: 10h30 – 12h30

Objetivo (s) de Sessão:

Repetir o que aconteceu na sessão anterior. Explicar como se utiliza e como funciona a máquina através de exercícios práticos.

Descrição da Atividade:

Através do tema natureza e rua os clientes foram para a rua gravar, um de cada vez, imagens que representassem o tema. À medida que iam participando, introduzia algumas noções de forma básica e simples.

No fim, assistimos à captura dos cliques e fomos procedendo a algumas correções técnicas.

Observações:

Uma vez que estava à espera de um maior número de participantes, estava estruturado que ia novamente abordar os conteúdos da sessão anterior, no entanto, como compareceram apenas os mesmos participantes, tive de adiantar alguns exercícios que seriam realizados apenas na terceira sessão.

Como nesta sessão, os participantes tiveram a possibilidade de ir para o exterior gravar com uma câmara reflex. Assim, desde o início mostraram-se bastante curiosos e entusiasmados por nunca terem experimentado algo do género. Realizaram a atividade com grande facilidade e compreenderam o funcionamento da máquina foi com empatia e cooperação que se ajustaram entre si para ajudar em exemplos de locais ou qual o melhor plano de imagem, etc.

Estiveram constantemente a referir que o que estavam a fazer era giro e divertido (palavras deles).

Durante a gravação do LO, a JF comentou o que tinha de interessante gravar prédios, dado que não eram giros e não tinham graça, na qual a SJ defende: se ele gosta, porque não? (cliente que a semana tinha questionado sobre a casa-de-banho).

Já na ida para a sala, referiram com alguma tristeza que já não iam gravar mais nada, quando a SJ diz: ainda vai haver uma grande festa, vamos ver os filmes!

Relativamente às gravações, notei da sessão anterior para esta, que os clientes como usaram a máquina com o tripé, associaram o tripé à estabilidade, a imagens estáticas, qual os movimentos eram registados mais com uma máquina fotográfica e não de filmar.

Nesta sessão senti a necessidade de ter um PowerPoint como suporte para a explicação do funcionamento da máquina, uma vez que, os clientes, pareciam precisar de ver em ponto grande e depois na prática.

Nº da Sessão: 3

Nº de Participantes: 3

Data: 12 / 12 / 2017

Duração: 10h30 – 12h30

Objetivo (s) de Sessão:

Explicar os três tipos de planos (ambiente, ação e emoção) e movimentos da câmera (zoom, travelling e panorâmica). Implementar os planos numa história.

Descrição da Atividade:

Comecei por explicar os três tipos de planos e movimentos da câmera com exemplos práticos em vídeo. Em seguida com uma pequena história foram para a rua gravar, seguindo esses mesmos planos e movimentos.

Cada participante foi realizador, de forma a todos poderem ser atores e realizadores.

Observações:

Nesta sessão os participantes tiveram alguma dificuldade para compreender os planos e movimentos. Tive de explicar diversas vezes, compreenderam de imediato, mas rapidamente se esqueciam.

Quando mostrei a história pedi que se lembrassem de sítios que pudessem representar as imagens descritas na história, após escolhermos os espaços, nas filmagens, fizeram tudo à pressa e mal elaborado.

Não pensaram bem como queriam gravar as cenas e quando gravaram ficou mal e foi todo feito à parte. Os clientes tinham pressa em gravar as cenas e os atores faziam as coisas a rir e não levaram muito a sério a história.

Por esta razão, penso que deveria ter “exigido” um pouco mais dos clientes, para que estes conseguissem ser mais estimulados a pensar nas várias fases que implicam as produções de vídeos.

Esta atividade tem de ser mais bem estruturada e orientada para que os clientes ao visualizarem as gravações façam um pouco melhor. Antes de partirmos para as gravações, primeiro é necessário pensar em tudo antes, planos, atores, realizador, duração, entre outros.

No entanto, com o apoio do suporte PowerPoint, notei uma diferença no meu discurso, facilitou a minha explicação.

Nº da Sessão: 4

Nº de Participantes: 6

Data: 16 / 01 / 2018

Duração: 10h30 – 12h30

Objetivo (s) de Sessão:

Repetir os procedimentos das sessões anteriores com os novos participantes: aprendizagem dos planos e movimentos e colocar estas noções em exercícios práticos

Descrição da Atividade:

Primeiramente, em suporte de PowerPoint dei a conhecer o meu projeto e expliquei como se iria proceder tal como todas as etapas do projeto. Em seguida, expliquei os três tipos de planos e movimentos da câmara com exemplos práticos em vídeo.

Observações:

Nesta sessão como tive dois novos participantes, com interesses mais próximos ao teor deste projeto, a dinâmica da sessão ocorreu de maneira diferente. Estes novos participantes foram muito mais comunicativos, espontâneos e comunicativos ao longo da sessão.

Após explicar novamente os procedimentos do projeto, o FV e o CL foram os que mostraram maior interesse neste projeto e pelo mundo das novas tecnologias. De imediato o CL voluntariou-se para fazer os cenários e a dar ideias para possíveis histórias.

O FV estava sempre a interromper com exemplos de situações fora do contexto do projeto. Na maioria das vezes ria e falava por cima dos colegas quando estes estavam a falar. O mesmo pediu para não mostrar qualquer tipo de imagens alusivas ao filme “ET” porque tinha más recordações do pai.

A MS e o LO pouco falaram, tendo diversas vezes de ser eu a puxar para que eles comunicassem fazendo-os participar na conversa.

A JF manteve-se “neutra”, no sentido que intervinha quando achava adequada, relativamente a sessões anteriores.

Após estas apresentações, criamos uma pequena e breve história para ser gravada segundo estes mesmos planos e movimentos. No entanto, como não houve tempo para gravar, tratamos apenas do guião técnico.

Nº da Sessão: 5

Nº de Participantes: 5

Data: 23 / 01 / 2018

Duração: 10h30 – 12h00

Objetivo (s) de Sessão:

Gravar a história que foi planeada na sessão anterior.

Visionamento das mesmas filmagens.

Descrição da Atividade:

A sessão procedeu-se de imediato com as gravações da história da semana passada, uma vez, já que tínhamos estruturado e planeado como iríamos proceder à sua gravação. Preencheu-se o guião técnico e o resto da sessão foi para elaborar as filmagens. No fim, passámos para o visionamento das imagens com o intuito de ver o que se podia melhorar e gravar de novo, caso não estivesse tão bem.

Observações:

Nesta sessão pude observar que todos se mostraram bastante motivados e entusiasmados com a realização das gravações, no entanto, pude perceber que o LO não teve uma participação muito ativa, foi um pouco abafado pelos colegas, ficou calado enquanto os outros mexiam na câmara.

Tentei algumas vezes puxá-lo para frente e fazê-lo participar, mas foi abafado novamente.

No início da sessão, a SJ referiu que não queria ser filmada preferindo assim fazer na parte das gravações e da realização e não ser atriz.

Já o FV interrompia constantemente para falar de outros assuntos que nada tinham a ver com a sessão mesmo tendo sido diversas vezes avisado, sobre esse tipo de intervenções ser feito apenas no fim da sessão.

Na discussão de grupo focal, ao mencionar a história que vamos realizar, dei como exemplo a história infantil “O Peter Pan” e falei sobre, na nossa história, o Peter Pan não tem de ser em concreto um rapaz, mas podia ser um cão ou um idoso. Após isto, a SJ diz com entusiasmo que se fosse essa história podia e queria ser a Sininho, fiquei surpresa quando disse que aí já não se importava de representar.

Por outro lado, estou com algumas dificuldades, ao longo das sessões na parte de estruturação e organização das filmagens, isto é, quem grava, quem ajuda, etc. Fica um pouco ao improvisado. Os participantes ajuntam-se todos ao pé da câmara, tornando-se difícil para mim conseguir arranjar uma forma de fazer com que todos participem, mantendo a organização, a postura e a ordem.

Nº da Sessão: 6

Nº de Participantes: 5

Data: 06 / 02 / 2018

Duração: 10h30 – 12h30

Objetivo (s) de Sessão:

Construir a história que será utilizada para as filmagens através da desconstrução de personagens de histórias infantis clássicas.

Descrição da Atividade:

Colocou-se na mesa diversas imagens de personagens de histórias infantis clássicas. Cada um escolheu o que mais gostava e achava interessante, em seguida expliquei como tinham de fazer para desconstruir aquela personagem e imaginarem-se eles, nesse papel, através da orientação de um bilhete de identidade do personagem. Após a elaboração deste bilhete de identidade procedeu-se à organização da história através e inspirada naquela que o Carlos escreveu.

Observações:

De modo geral os participantes compreenderam um pouco aquilo que pedi para fazer, todavia, não ficou bem delineado aquilo que eles fizeram. Não chegaram propriamente ao objetivo que tinha traçado para esta sessão. Demonstraram algumas dificuldades em “sair” do personagem e dali criarem o seu próprio personagem.

Estiveram muito colados ao personagem que escolheram não conseguindo afastar-se da personalidade e aspeto físico do mesmo. Apesar de a grande maioria não ter compreendido bem o que tinha pedido, o CL e a SJ foram os que melhor conseguiram atingir o objetivo da sessão. A JF, o LO e a MS tiveram uma maior dificuldade.

Esta minha proposta penso que não foi muito bem-sucedida, não atingiu o objetivo e as características que tinha delineado.

Assim, como “plano B”, utilizei a história que o CL escreveu e dali alterámos e adaptámos, em grupo, para se tornar a nossa história (inspirada na que o participante escreveu).

Notei que foi mais fácil para os participantes através de algo já criado introduzirem personagens do que construir uma história com personagens já idealizados e construídos.

Nesta etapa da sessão já se mostraram mais participativos e em grupo vimos as melhores opções para a história, no entanto, a MS e o LO tiveram mais dificuldades e sempre que pedia as suas opiniões e comentários tiveram algumas dificuldades em se expressar e em serem criativos, isto é, não conseguiram dar ideias e apenas repetiram o que disse.

Por sua vez, a JF estava muito faladora, interrompendo diversas vezes a sessão e os colegas.

Nº da Sessão: 7

Nº de Participantes: 3

Data: 20 / 02 / 2018

Duração: 10h30 – 11h40

Objetivo (s) de Sessão:

Terminar a construção da história para as filmagens. Distribuir os papéis para as personagens. Escolher os espaços para as gravações.

Descrição da Atividade:

A atividade iniciou-se com a continuação da sessão anterior: finalização da adaptação da história e discussão sobre os possíveis papéis e personagens. Em seguida, fomos explorar os espaços em redor da instituição.

Observações:

Os participantes mostraram-se bastante criativos e sem qualquer dificuldade a criar a história, facilmente têm ideias para criar e desenvolver a história, e quando bloqueiam basta eu dar um mote ou sugerir algo para que os participantes facilmente desbloqueiem o pensamento.

Todavia a MS tem alguma dificuldade em desenvolver ideias, ela não consegue criar algo se eu não acrescentar algo no seu discurso e na maioria das vezes repete apenas o que eu digo.

O FV não participou na sessão anterior, no entanto, conseguiu perceber facilmente o que era pretendido e conseguiu também expressar as suas ideias para a história.

Ao longo da sessão a SJ teve uma grande capacidade para construir personagens na própria história, ela comentou que o ladrão podia ser muito trapalhão e podia ser descoberto, por essa mesma característica, por cair ao ver a dona dos quadros. Achei esta sua intervenção interessante pelo facto de ela ter criado uma personagem, que pelas suas características estereotipadas não pode e não deve ser trapalhão e ela conseguiu desconstruir esta ideia facilmente.

Nº da Sessão: 8

Nº de Participantes: 3

Data: 27 / 02 / 2018

Duração: 10h30 – 12h30

Objetivo (s) de Sessão:

Iniciar a construção do storyboard. Explicar o que é e como se processa um storyboard.

Descrição da Atividade:

A atividade iniciou-se com a explicação do que era um storyboard e outras características: objetivo, elementos que o constituíam, elaboração, etc. Em seguida, passou-se para a construção do storyboard sobre a história que os participantes escreveram. Para a elaboração do storyboard tive de lembrar os três planos de enquadramento para a construção dos desenhos/imagens.

Observações:

A MS teve alguma dificuldade em perceber o que era um storyboard, explicando diversas vezes, creio que ela não tenha ficado a entender a 100%. O FV e a JF, por outro lado, compreenderam bem como se fazia.

Ao nível dos planos, os três já não se lembravam das suas funções, mas o FV depois de ter sido elucidado conseguiu novamente lembrar-se. Já a MS para se referir aos planos, chama-os de aproximar e afastar de acordo com a longitude e distância da câmara para o objeto que se pretende filmar (zoom). Tendo em conta que tem alguma dificuldade em distinguir os três tipos de planos de enquadramento.

Nesta sessão, a JF teve um ataque de pânico e ansiedade e começou a culpar o FV de estar assim e que não queria falar com ele. Daqui em diante ambos entraram em conflito. Tentei servir de intermediária e tentar apaziguar a tensão, ao início resultou, no entanto, o FV decidiu abandonar a sessão e falar com a psicóloga. Passado um pouco, voltou com a psicóloga e esta disse que tinha de ficar ali e terminar a atividade.

Após um pouco expliquei à Joana a história, o que era um storyboard e como se fazia, ela pareceu concordar com tudo e percebeu de imediato como se fazia um storyboard sendo que dali em diante foi quase ela que ajudou os colegas.

Quando estava a contar a história à JF, houve uma parte que me meti com o FV para ele contar, dado que era um momento cómico e podia desanuviar o ambiente, e resultou, a JF riu-se daquilo que o FV disse e dali pareceu-me que ambos começaram a esquecer o que tinha acontecido entre eles.

O resto da atividade correu bem, se bem que houve muitas interrupções do FV com conversas e assuntos fora do contexto.

Nº da Sessão: 9

Nº de Participantes: 8

Data: 06/03/2018

Duração: 10h30 – 12h30

Objetivo (s) de Sessão:

Continuação da sessão anterior.

Descrição da Atividade:

Continuação da elaboração do storyboard. Organização e planeamento do guião técnico.

Observações:

A sessão foi produtiva, os participantes de um modo geral foram bastante participativos e conseguiram compreender bem o que era um storyboard e como se construía. Todos queriam participar na construção, no entanto, como era apenas um guião, tinha de aguardar à vez.

Por outro lado, na elaboração da imagem/ desenho, os mesmos não se recordaram – mesmo após eu relembrar – de utilizar os planos de imagem e não fazer apenas um mero desenho. Apenas o CL conseguiu fazer essa distinção.

Em relação aos novos participantes, são ambos pouco comunicativos e tímidos, porém, apesar de não me conhecerem mostraram-se à vontade com minha presença. Também, me pareceram gostar da ideia do projeto apesar de já terem entrado a meio do mesmo. Ao explicar o que era o storyboard o FV quis de imediato explicar aos colegas, pelas suas palavras, o que era e quais as suas características.

Nestas sessões que têm ocorrido, a SJ tem se tornado menos tímida e desinibida. Tem comunicado cada vez mais comigo e os colegas. No início dizia que apenas queria realizar as filmagens, e de um momento para o outro, já estava a ponderar de alguma maneira querer ter um papel, mesmo que pequeno. O CL foi bastante mediador e deu a sua perspetiva e sugestões de como poderiam ser gravadas algumas cenas juntamente com o FV.

Nesta sessão houve, novamente, alguns desacatos entre o FV e a JF, porém desta vez, os colegas apaziguaram o momento para que a sessão pudesse voltar à normalidade. Devido a esta situação houve muitas interrupções acabando por fazer com que alguns participantes ficassem baralhados e perdessem o seu raciocínio.

Nº da Sessão: 10

Nº de Participantes: 8

Data: 13 / 03 / 2018

Duração: 10h30 – 12h30

Objetivo (s) de Sessão:

Construção e pintura dos adereços para as filmagens. Organização e planeamento do guião técnico.

Descrição da Atividade:

Elaboração das letras do cartaz e pintura das respetivas. Pintura das representações dos sonhos dos participantes para a história.

Observações:

A sessão correu bem, os participantes pareceram-me mais calmos que nas sessões anteriores e ao mesmo tempo cumpriram as tarefas tranquilamente e sem entrarem em conflitos, principalmente a JF e o FV.

Pela minha análise creio que teve a ver com o facto de eles estarem concentrados a desenvolver uma atividade em silêncio e desta forma ninguém se sente incomodado.

Esta atividade para eles foi simples e eles concluíram-na bem uma vez que, pareceu-lhes uma atividade mais “normal” e comum ao que eles estão acostumados.

Na realização dos desenhos para os sonhos quando pedi que desenhassem um sonho ou algo que gostassem de fazer no futuro, o HA e o LO bloquearam um pouco e tive de ajudar com algumas ideias.

Os restantes sugeri utilizarem os sonhos que tinham colocado nas personagens que construíram, mas a JF perguntou se podia mudar e em seguida, todos quiseram mudar menos a SJ que desenhou o mesmo. A MS e o LO foram os que tiveram mais dificuldades para pensar em algum sonho.

Todavia, de modo geral, todos tiveram alguma dificuldade em conseguir expressar algo, mas quando dava algo em concreto já conseguiam.

Todos fizeram coisas muito concretas, menos o FV que pintou algo abstrato para realizar uma coisa de que gostava de ser, em parte tem muito a ver com o facto de ele pintar e desenhar e gostar muito de artistas abstratos.

Na realização da pintura do cartaz, estavam sempre a mencionar que estavam entusiasmados para as filmagens e que ia ser emocionante.

Nº da Sessão: 11

Nº de Participantes: 6

Data: 20 / 03 / 2018

Duração: 10h30 – 12h30

Objetivo (s) de Sessão:

Realização da primeira filmagem da narrativa construtiva pelos participantes.

Descrição da Atividade:

Começámos por discutir e organizar o que íamos gravar. Tivemos de começar a gravar a meio da história, uma vez que, estava a chover e não tínhamos uma das personagens principais. Preparámos o cenário, montámos os materiais que necessitávamos e gravou-se as cenas do exterior

Observações:

A sessão correu bem, todos os participantes pareceram-me gostar de participar nas filmagens. A atividade decorreu sem problemas e não houve interrupções e intervenções fora do contexto.

No entanto, os participantes que estiveram nas gravações não participaram muito, a SJ foi a que mexeu mais na câmara enquanto os restantes olhavam. Não consegui gerir bem essa parte, acabei por fazer com que o HA, LJ e a MS não participassem ativamente.

Após a atividade, reuni com a diretora técnica e esta disse-me que tem recebido um bom feedback por parte dos utentes. A mesma chegou a dizer que o LJ é um dos utentes que ao nível de assiduidade não tem muita, mas que anda muito contente e faz questão de comparecer às terças-feiras na atividade.

Também disse que a SJ tem estado mais comunicativa não só com as técnicas, mas principalmente também com os colegas.

Nº da Sessão: 12

Nº de Participantes: 4

Data: 27 / 03 / 2018

Duração: 10h30 – 12h15

Objetivo (s) de Sessão:

Continuação das gravações da história.

Descrição da Atividade:

As gravações decorreram no exterior, junto ao pátio do CAO 2. Montámos o espaço, vimos onde íamos gravar e em seguida, passámos para as gravações. Íamos gravar a parte da pintura, com a personagem principal, no entanto, como a JF não compareceu, tive de improvisar e saltar para a parte do ladrão.

Observações:

Nesta sessão, as gravações correram bem, dois participantes gravaram e para um não ficar parado dei-lhe uma câmara e ele fez o making-off.

Ao longo da sessão o FV sempre com o entusiasmo e excitação, estava a querer fazer tudo com rapidez e sem esperar os colegas prepararem o enquadramento da câmara, no entanto, mais a meio já consegui acalmá-lo e fazer com que ele tivesse mais calma e respeitasse os colegas.

O HA é bastante comunicativo, no entanto, nas gravações e quando peço que dê uma ideia, a sua capacidade intelectual faz com que fique em silêncio e aguarde uma resposta.

Por outro lado, o LJ é muito tímido e não comunica muito com as pessoas está sempre no seu canto e também é um pouco como o HA.

Nº da Sessão: 13

Nº de Participantes: 7

Data: 03 / 04 / 2018

Duração: 10h30 – 12h30

Objetivo (s) de Sessão:

Continuação das filmagens da história.

Descrição da Atividade:

As gravações decorreram novamente no exterior, junto ao pátio do CAO 2.

Gravação da primeira parte da história, onde a Ariel desenha os sonhos de todos os participantes.

Observações:

Esta sessão foi para mim das mais divertidas e produtivas que já realizei, senti que todos se entregaram bastante. Mostraram-se todos bem-dispostos e muito comunicativos tanto entre si como para comigo.

Notei alguns aspetos que até então nunca tinha visto e presenciado, tais como, a SJ a brincar e a “meter-se” à frente da câmara e a fazer caretas e o CL teve uma pequena brincadeira comigo, nos intervalos das gravações disse que tinha perdido as filmagens. Achei interessante pelo facto de ele ser sempre muito sério, não ser muito brincalhão e não falar muito comigo e em tom de diversão.

Outra questão foi o facto de ele ter-me dito que este projeto o levou a querer escrever e encenar com os restantes membros da instituição uma peça de um filme que ele gosta muito, ou até mesmo, uma filmagem.

O FV e a JF nesta sessão estiveram bem e não entraram em conflitos, conseguindo assim dar a palavra um ao outro sem discussões. O FV nesta sessão estava muito excitado e inquieto, não conseguia estar parado e em silêncio durante muito tempo.

O HA tem vindo a mostrar que se distraí facilmente quando não está a fazer algo, não perturba, mas fica no canto dele. Tal com o LJ, que se não arranjar formas de o fazer participar este não se sente muito à vontade para o fazer e dizer. A MS refere diversas vezes que está a gostar deste projeto e mostra-se sempre com um sorriso na cara. A JF esteve bastante calma, cumpriu sempre a sua função.

Reparei que todos têm algum jeito par o improvisado, conseguem facilmente a partir de um tema, conversar sobre o mesmo. E mesmo quando se cortava a cena, eles facilmente conseguiam arranjar outras palavras para se expressarem sem ficarem atrapalhados.

O FV está sempre a enviar-me músicas para depois se ver onde vamos colocar e a sugerir ideias de como fazer a montagens.

Nº da Sessão: 14

Nº de Participantes: 7

Data: 10 / 04 / 2018

Duração: 10h30 – 12h20

Objetivo (s) de Sessão:

Continuação das filmagens da história.

Descrição da Atividade:

Esta sessão íamos gravar cenas no exterior e no café, mas devido ao mau tempo e à chuva, tivemos de ficar pela instalação e improvisar o espaço.

Assim, o café fizemos no refeitório numa parte relativamente parecida com um café e em seguida gravámos a parte da organização da exposição.

Observações:

A atividade correu bem, apesar da chuva ter feito com que tivesse de improvisar um outro plano, consegui mantê-los ocupados e adiantarmos mais algumas partes. Porém tenho me apercebido que para eles é mais confuso gravar situações a meio do que se fosse do início ao fim, na cabeça deles é mais fácil haver um seguimento lógico do que andar a “saltar” de cena em cena. No entanto, para o CI e o FV essa situação é um pouco mais fácil.

O LO continua muito calado e concentrado no seu mundo. Mesmo na parte em que fez o papel de ator é muito tímido e sem conseguir produzir muitas falas, mesmo os colegas puxando por ele. A SJ a representar estava bastante bem e tem uma capacidade para improvisar muito grande e ao contrário do que ela acha, ela não demonstra de todo falta de à vontade em frente à câmara.

A JF hoje estava bastante entusiasmada para gravar e quando lhe disse que ela ia gravar umas partes, ficou super feliz, apesar de estar receosa ao mesmo tempo.

Hoje senti o CL super brincalhão e falador comigo e não estava com um ar tão pensativo e mais fechado. Notei hoje que ele conseguiu ser mais participativo para comigo e que esteve mais à vontade.

O FV hoje também me disse que após ter começado a participar no projeto, tal como o Carlos, tem vontade de poder implementar um novo projeto, e uma história por ele criada com base num livro “quem me dera ser uma onda”.

Já o LJ e a MS, apesar de terem mais dificuldades ao nível da comunicação, à sua maneira vão colaborando e dizendo algumas falas e assim podendo participar à sua vontade. Porém, tem sido aqueles que mais dificuldades me dão, no sentido de que, tenho de arranjar outras estratégias para puxar por eles e pelas suas participações.

Nº da Sessão: 15

Nº de Participantes: 7

Data: 17 / 04 / 2018

Duração: 10h30 – 12h30

Objetivo (s) de Sessão:

Continuação das filmagens da história.

Descrição da Atividade:

Continuação das gravações no exterior, porque o tempo estava quente e chovia.

Observações:

Na sessão de hoje como implicou ir a diversos locais, os participantes disseram que estavam cansados e grande parte das gravações tive que ser eu a orientar dado que, quase todos se queriam sentar, muitos deles têm excesso de peso e andam muito devagar, o que fez com que por si só eles tivessem mais dificuldades de locomoção enquanto íamos para os sítios.

Por outro lado, as gravações conseguiram ser mais rápidas uma vez que, tenho observado e constatado que, quando o FV não está presente, os participantes conseguem concentrar-se mais facilmente e não há tantas interrupções.

O CL mostrou-se hoje muito impaciente e sempre com pressa para ir embora, queria se adiantar às gravações.

O HA nesta sessão esteve bastante tímido, não falou muito nem mesmo com os colegas, tentei deixá-lo à vontade e puxá-lo para a sessão, pondo-o a gravar, mas mesmo assim ficou sempre muito em silêncio.

Tenho-me apercebido que todos têm tido uma grande capacidade de improviso enorme, para além de o conseguirem fazer diversas vezes sem se enganarem, também conseguem sem dificuldade. Foi uma capacidade que salientou bastante neles.

Nº da Sessão: 16

Nº de Participantes: 5

Data: 24 / 04 / 2018

Duração: 10h30 – 11h30

Objetivo (s) de Sessão:

Continuação das filmagens da história.

Descrição da Atividade:

Hoje gravámos apenas a parte do ladrão e do polícia, uma vez que, os personagens principais faltaram e neste sentido, não podemos adiantar muito das gravações.

Observações:

Esta sessão foi bastante calma uma vez que eram muito poucos e não fizemos muitas cenas e filmagens.

Por outro lado, como os clientes que têm maior tendência para gravar não estavam presentes, consegui dedicar-me àquelas que pela sua natureza mais tímida não têm tanta oportunidade para participarem porque apenas sou uma pessoa a orientar, ajudar e registar todos os momentos.

Ao ajudar o LJ, o LO e o HA apercebi-me que ele também bastante jeito e conseguem facilmente capturar as imagens.

A SJ perguntou-me se iam ficar com as gravações e disse que sim, depois referiu que a mãe está sempre a perguntar quando acabam porque está ansiosa para ver o que demonstra que a filha fala e a mãe parece estar curiosa para ver o trabalho, mostra interesse pelo que é feito na instituição.

Nº da Sessão: 17

Nº de Participantes: 6

Data: 08 / 05 / 2018

Duração: 10h00 – 12h15

Objetivo (s) de Sessão:

Continuação das filmagens da história.

Testemunho em vídeo sobre o que acham do projeto.

Descrição da Atividade:

Gravação de diversas cenas, tudo o que incluía a parte do ladrão que é a única cena que falta, uma vez que, o FV e não compareceu.

Observações:

Hoje durante as gravações, foram todos muito participativos, no entanto, a JF estava sempre a falar de outros assuntos, acabando algumas vezes por distrair os colegas, fazendo-os dispersar. Ela tem falta de concentração quando está a realizar tarefas ou atividades.

Por outro lado, hoje quando estava a chegar, ela disse que ia embora porque não se estava a sentir muito bem, eu conversei com ela e expliquei-lhe que faltava pouco para terminar e que caso ela ficasse desconfortável ou não quisesse participar mais, que podia ir para casa e eu não a obrigava a ficar, lá com algum esforço ficou e no fim acabou por ficar alegre e esqueceu durante um tempo aquilo que a incomodava.

O CL hoje estava muito comunicativo comigo, é algo que tenho notado muito nele ao longo das sessões

Hoje quando disse que as gravações iam terminar, eles ficaram eufóricos porque iam passar para a parte da edição, estão bastante curiosos e empolgados.

O LJ após termos terminado a sessão, ao sair da porta disse: obrigado por tudo. Aquelas palavras saíram de uma forma tão natural e simpática, do fundo do coração.

Querem mostrar muito o que têm feito ao longo do projeto aos restantes colegas dado que eles têm falado muito e estão todos curiosos.

Nº da Sessão: 18

Nº de Participantes: 4

Data: 16 / 05 / 201

Duração: 10h30 – 12h30

Objetivo (s) de Sessão:

Conclusão das filmagens da história.
Começar a responder aos questionários de avaliação dos participantes.

Descrição da Atividade:

Conclusão das gravações para o filme. Em seguida, entrega dos questionários dos pais aos participantes. Por fim, seleção das músicas para a banda sonora.

Observações:

A sessão de hoje foi muito sossegada, porém sempre com o FV a fazer interrupções, no entanto, fez interrupções pertinentes e sempre a dizer que está curioso para ver o processo final.

O HA esteve muito distraído e sempre com a sua cabeça noutra sítio e com algumas dificuldades em assimilar o que lhe dizia ou pedia para fazer.

O LO esteve também sempre muito calmo e sempre no seu espaço sem fazer muitas intervenções.

Após as gravações decidi mostrar o filme pré-editado aos participantes para saber as suas opiniões ou apreciações e se tinham sugestões de mudanças. Mais ainda, estivemos a escolher as músicas para a banda sonora.

Neste dia a personagem principal faltou e tivemos de improvisar esta última cena, colocando outra participante a representar o papel da personagem principal, uma vez que, era o penúltimo dia.

Nº da Sessão: 19

Nº de Participantes: 6

Data: 22 / 05 / 2018

Duração: 10h30 – 12h15

Objetivo (s) de Sessão:

Realizar os questionários de avaliação.
Terminar de escolher as músicas para o filme.

Descrição da Atividade:

Visualização do filme para últimas apreciações. Preenchimento dos questionários individuais. Por fim, estruturação de um texto introdutório para a apresentação dos vídeos.

Observações:

Os participantes mostraram-se muito contentes ao assistir o filme, e referiram diversas vezes que superou as suas expectativas em relação ao produto final.

Relativamente aos questionários todos preencheram os mesmos com a minha ajuda.

Nº da Sessão: 20

Nº de Participantes: 30

Data: 28 / 11 / 2017

Duração: 10h00 – 11h30

Objetivo (s) de Sessão:

Apresentação do trabalho efetuado aos restantes colegas do CAARPD e à equipa técnica.

Descrição da Atividade:

Apresentação feita por cada participante sobre o que fizeram ao longo do projeto do início ao fim e explicação de como procederam as filmagens e como chegámos até ao resultado. Em seguida, visionamento dos filmes. Posteriormente, visionamento de dois vídeos surpresa: o making-of, os testemunhos e os bloopers.

Observações:

Notei que os participantes estavam muito ansiosos e entusiasmados para mostrar o vídeo aos colegas, aferi que três dos participantes (MS, LO e LJ) que se vestem sempre de fato de treino, hoje vestiram calças de ganga, sapatos de vela, camisa para os rapazes e blusa com flores para MS. A JF ofereceu-me um colar feito por ela e um bilhete com uma mensagem de recordação.

Ao longo do visionamento do filme, eles estiveram muito sérios, mas havia momentos em que os outros colegas achavam piada a alguns momentos e em seguida todos se riam e só se ouviam gargalhadas. Os outros colegas do CAARPD adoraram os vídeos e transpuseram um feedback muito positivo.

Após a sessão terminar, o FV chorou a pedir que não me fosse embora e todos os outros me deram um abraço e um beijinho. O LJ comentou comigo que quando houvesse um projeto parecido ele queria que o avisasse para ele participar, caso conseguisse.

Uma das técnicas, no fim disse-me que o LO, tinha pedido para se fazer um bolo, mas ela não estava a compreender porquê. Foi quando o LO disse que era o último dia da Rita e tinha de haver bolo, no entanto, a técnica com o trabalho acabou por não conseguir.

Muitos dos colegas fizeram perguntas sobre quem gravou, como foi feita determinada cena, etc. Mostrando bastante curiosidade sobre o que puderam ver. Um outro cliente, fora do grupo-alvo, pediu que quando houvesse algo ligado à representação ele gostava de participar, parecido ao que eles fizeram, palavras deles, comentou também que esta sua veia artística não está muito desenvolvida e por isso queria experimentar.

O FV na sua parte do filme mostrava-se sempre desconfortável, tapando a sua cara com a blusa. Recebi um bom feedback da equipa técnica, disseram que teve um grande impacto para eles e realmente foi visível.

ANEXO V – TRANSCRIÇÕES DAS REUNIÕES DE GRUPO FOCAL

Reunião de Grupo Focal – Sessão 2 (5/12/2017)

Investigadora: O que acharam da sessão?

LO, JF, SJ: Gostamos. É bom. É interessante.

Investigadora: Gostaram porquê?

MS: Foi giro. Gostei de mexer na câmara, de filmar, aproximar e afastar.

LO: Observar a natureza.

Investigadora: O que achaste interessante?

SJ: Achei interessante porque gosto de filmar e também de teatro. Aqui podia gravar à vontade, há sítios que vou com a minha mãe e não posso gravar à vontade.

Investigadora: Aqui sentiste que podias gravar à vontade, e ninguém te estava a proibir. Aqui sentiste que se posso gravar, gravo à vontade.

SJ: Sim.

Investigadora: E tu JF?

JF: Eu gostei porque não sabia mexer nisso e tinha alguma curiosidade. Sou curiosa em alguns aspetos e achei interessante, muito interessante mesmo porque nunca tinha mexido numa coisa assim.

LO: Nem visto.

JF: A Rita ensinou coisas diferentes e é sempre bom aprender coisas novas.

Investigadora: Agora que vocês já sabem mais ou menos como vai ser o filme, vocês têm alguma expectativa para o final do filme?

JF: A minha expectativa é que o filme fique giro, não digo espetacular porque somos amadores, mas desde que fique giro já dá aquela sensação na barriga de que fiz o que queria fazer.

LO: Também espero que fique giro.

MS: Também espero.

Investigadora: Nós aqui não vamos ser profissionais, eu não sou realizadora de cinema e vocês também não, mas podemos fazer filmes.

JF: No fundo está a dar-nos um empurrãozinho para nós aprendermos.

Investigadora: Estou a ensinar algumas dicas para vocês, por exemplo como a SJ estava a dizer em casa ou se a mãe gostar de filmar, depois a SJ poder ajudar a mãe com algumas dicas porque depois podemos usar isto no nosso dia-à-dia.

JF: Por exemplo, eu hoje de manhã tirei uma fotografia há minha árvore de Natal porque achava aquilo giro e já toda gente já tinha uma fotografia da árvore de Natal e eu tinha feito no Sábado quando fiz as limpezas e não tinha limpado, liguei as luzes para tirar. Podia ter filmado, mas preferi tirar uma fotografia. Se eu soubesse mais coisas já tinha escolhido filmar. Nunca é tarde para aprender.

Investigadora: Claro que não. Nós esta sessão foi assim. Na próxima semana, vamos aprender alguns conceitos/termos mais técnicos do cinema. Eu hoje enquanto estavam a fazer estava a dar-vos alguns exemplos, do que o que era um plano, como é que liga e desliga a câmara, mas para a próxima semana vamos aprender um bocadinho melhor como é que isto funciona.

JF: Rita, tu não vais connosco para nós irmos filmar outros sítios?

Investigadora: Não, isso é mais para a frente. Como eu disse nós temos até maio.

JF: Tu não podes sair connosco até outras pessoas, não é?

Investigadora: Posso.

JF: Tens autorização?

Investigadora: Sim, nós aqui somos todos crescidos e nós podemos ir. Se nós depois acharmos.

JF: Elas não nos deixam sair sem haver autorização.

Investigadora: Em princípio sim, mas mais para frente. Nós de Janeiro a maio temos 5 meses.

JF: Mas tu és responsável enquanto elas confiam.

Investigadora: Isso depois mais para frente nós vemos. Se acharmos que na história que formos criar, se acharmos que há certos sítios que achamos que fica giro para gravar a história porque não irmos gravar lá? Pode ser que sim.

JF: Interessante.

Investigadora: Pode ser interessante. Se acharmos que por exemplo a baixa de Setúbal for interessante para alguma cena, vamos imaginar, porque não irmos para lá gravar? Vocês gostaram da sessão de hoje?

Investigadora: Eu gostei.

Todos acenam a cabeça e dizem que sim.

Investigadora: Gostaram mais desta ou da sessão da semana passada?

LO: Esta semana foi mais forte.

JF: A da semana passada achei um bocadinho aborrecida.

Investigadora: Quais são as diferenças que encontraram entre a semana passada e hoje?

JF: Na semana passada não fizemos quase nada e estávamos muito presos e nós estamos quase sempre presos aqui, nunca saímos.

Investigadora: E tu SJ quais achas que foram as diferenças da semana passada para hoje?

SJ: Melhores, fizemos mais coisas. Conseguimos estar a (Não percebi: 05:55)

LO: Na semana passada acho que foi fraquinho.

JF: No fundo tu levaste-nos à rua para ter outras paisagens. Para ver e aprender outras coisas com a máquina e aqui não ia ter tanto espaço como há lá fora.

SJ: E nem tanta coisa.

JF: Apesar de ser pouquinho, porque era aqui ao pé, mas esse pouquinho já nos deu interesse.

Reunião de Grupo Focal – Sessão 3 (12/12/2017)

Investigadora: Hoje já terminámos, não vamos ver os vídeos ainda porque vou montá-los para depois vermos o vídeo todo tem muito mais piada ver tudo montado, tudo junto. Eu queria saber se gostaram da sessão de hoje, queria ouvir um de cada vez. Pode ser SJ?

MS: Eu gostei.

SJ: Eu gostei.

LO: Foi um bocadinho morto.

Investigadora: Então esperem, vamos primeiro ouvir o LO.

LO: Porque não tivemos a **JF:**

Investigadora: Porque é que achas que a JF aqui é essencial para não ficar morto?

LO: Porque é uma colega.

Investigadora: E foi só por causa disso que achaste que foi morto?

LO: Foi um bocadinho.

Investigadora: E porquê? Porque é que achaste?

LO: Porque não houve aquela alegria também.

Investigadora: Não houve alegria para ti porquê?

LO: Faltava um elemento essencial.

Investigadora: E tu MS, gostaste?

MS: Gostei.

Investigadora: E porque gostaste do dia de hoje?

MS: Foi engraçado.

Investigadora: Foi engraçado? Só isso?

MS: Foi.

Investigadora: E tu SJ?

SJ: Eu gostei, por acaso não costumo gostar muito de ser a atriz, mas para além disso até gostei.

Investigadora: Não gostas de ser a atriz porque te deixa desconfortável ou porque é que tu não gostas de ser a atriz?

SJ: Deixa-me desconfortável, não consigo.

Investigadora: Nós hoje só fizemos para toda gente experimentar, mas mais para a frente vamos tentar com que ninguém se sinta desconfortável porque eu não quero isso. Vamos tentar então se tu não gostar tanto de estar à frente pomos-te também mais atrás, mas tentamos fazer com que todos participem, é só por causa disso, mas se tu não gostas vamos tentar evitar. Pode ser? Vocês hoje sentiram que aprenderam alguma coisa nova ou acham foi igual à semana passada?

LO: Uma coisa nova.

Investigadora: E que coisas novas aprenderam hoje?

SJ: Os ângulos.

LO: Os ângulos.

Investigadora: Os ângulos, sim.

SJ: O que o filme pode ter.

Investigadora: Exato. Gostaram mais desta semana ou da semana passada?

LO: Da semana passada, foi mais alegre.

Investigadora: E foi mais alegre porquê LO?

LO: Tínhamos mais um elemento.

Investigadora: Para ti era importante estarem os quatro juntos.

LO: Estarmos os quatro é isso é.

Investigadora: E para ti SJ, é importante estarem os quatros juntos?

SJ: Também, mas se a JF não está aqui eu não posso fazer nada.

Investigadora: Sim, obviamente, mas nós aqui só estamos a perceber. Obviamente que não podemos estalar os dedos e a JF aparece, mas é importante saber.

LO: Não podemos esquecer dos outros.

Investigadora: Vocês gostaram de criar as histórias? Houve alguma coisa que vocês não gostaram de fazer hoje?

MS: Eu gostei muito das histórias.

LO: Eu também gostei muito.

Investigadora: Houve alguma coisa que não queriam fazer hoje ou que não gostaram,

LO:

LO: Correu tudo bem.

Investigadora: E a ti MS?

MS: Também.

Investigadora: E a ti SJ, houve alguma coisa que não gostaste de fazer hoje?

SJ: Talvez só uma coisinha.

Investigadora: Foi o quê que não gostaste de fazer?

SJ: Foi só ter de interpretar um papel.

Investigadora: Foi fazer de atriz, foi?

SJ: Foi, mas acho que depois correu tudo bem.

Investigadora: Então para a próxima, já sei que não te ponho, pode ser?

SJ: Sim.

Investigadora: Nós hoje foi só para experimentar se não gostares para a semana não fazes porque se não gostas eu não te vou obrigar não quero isso. Hoje foi só para experimentar para os colegas experimentar gravar, mas para a próxima se não gostas, eu não quero obrigar ninguém a fazer uma coisa que não gostam. Se não gostarem podem-me dizer que eu tento mudar para que todos possam participar de alguma forma, está bem? Pronto e vocês que tipo de expectativas têm para a semana que vem? Há alguma coisa que vocês queiram aprender que eu não ensinei ainda, também podem dizer porque eu quero que vocês aprendam coisas que vocês gostam.

MS: Eu não tenho nada.

SJ: Eu também não.

LO: Eu tenho assim uma ideia.

Investigadora: O quê LO?

LO: Ainda estou a pensar.

Investigadora: Então podes pensar à vontade. Era o quê?

LO: Um filme que tenha sido uma festa.

Investigadora: Era uma coisa que gostavas que ensinasse a fazer?

LO: Isso.

Investigadora: E porque é que gostavas que eu te ensinasse isso? É importante saber.

LO: As festas também são boas nos filmes.

Investigadora: Mas era uma ideia estavas a ponderar e gostavas de conhecer ou porque gostavas de usar para o filme que vamos fazer?

LO: Para pôr no filme.

Investigadora: Vocês não têm nada SJ e MS?

MS: Não.

SJ: Não.

LO: Uma festa é uma ideia.

Investigadora: Vou arranjar forma para poder ensinar isso. MS e SJ, não têm porque acham que não há nada ou porque ainda é muito cedo para saberem?

SJ: Eu acho que ainda não tenho nada.

Investigadora: Não tens nada porque ainda não mexemos muito na massa. Ainda não metemos a mão na massa, como se diz. Estão a gostar da forma como estou a apresentar as coisas, no computador, vocês gostam que eu apresente primeiro na teoria e depois fazermos na prática, estão a gostar deste método ou vocês querem que eu faça de outra forma?

SJ: Assim está bom.

MS: Sim, assim está bom.

Investigadora: Está bom e vocês não ficam aborrecidos a ouvir aqui e ver aqui as imagens? Gostam que vos mostre os vídeos para exemplificar como é que vocês gostam?

SJ: Eu gosto de ver primeiro os vídeos.

LO: Eu também.

Investigadora: Mas vocês preferem que eu mostre exemplos em vídeo ou que eu use a câmara em direto?

SJ: Eu gosto das duas coisas.

LO: Eu também gosto das duas.

Investigadora: Gostam das duas coisas?

MS: Sim.

Reunião de Grupo Focal – Sessão 4 (16/1/2018)

Investigadora: Eu queria saber principalmente aos meninos novos se gostaram, se estão curiosos para continuar.

FV: Curioso para continuar!

Investigadora: Vens para a semana? Estás curioso para continuar?

FV: Venho! Quero!

Investigadora: E tu Manuela?

Manuela: Se chover não venho, se estiver bom tempo venho.

Investigadora: Os meninos que já cá estavam eu já sei, mas aos que vieram hoje, têm alguma expectativa ou acham que podemos melhorar alguma coisa aqui?

Manuela: Gostava de aprender muitas coisas.

Investigadora: E gostavas de aprender o quê em concreto, sabes?

Manuela: Aprender a mexer na câmara.

Investigadora: E tu CL tens alguma expectativa, achas que posso melhorar, por exemplo de hoje daquilo que eu falei?

CL: Eu vou-te deixar essas ideias todas apontadas com um PowerPoint e com um texto Word, tudo apresentado o melhor que eu puder porque tenho uma semana em diante, tenho o fim-de-semana todo, posso-te deixar um trabalho bem bom.

Investigadora: E tu FV, tens alguma a dizer, achas que há alguma coisa a melhorar no dia de hoje? O que é que achas que podíamos fazer diferente?

FV: Eu gostava de aprender a mexer na máquina e saber organizar melhor com as máquinas, saber as técnicas para mexer na máquina.

Investigadora: Gostava de pôr a mão na massa, não é?

FV: Sim, saber melhor mexer em programas que eu não saiba. Para construir filmes e fazer pequenos filmes.

Investigadora: Ok. Fazer vários testes, não é?

FV: Sim.

Investigadora: E vocês gostaram do dia de hoje? Hoje voltei a falar um bocadinho do que falámos das outras vezes, não é MS e LO? E das pessoas novas que ouviram coisas novas, gostaram de aprender sobre isto?

CL: Sim, foi interessante.

Investigadora: E gostaram desta atividade de primeiro planear a história, gostaram de fazer esta parte? Ou acharam aborrecido? Acharam que podiam ter feito outra coisa? O que achaste JF?

JF: Eu achei interessante, porque eu nunca tinha feito isto, é bom.

Investigadora: E tu Manuela, gostaste de fazer esta atividade de hoje?

Manuela: Gostei.

Investigadora: E porque é que gostaste?

Manuela: Queria ver como é que isto era.

Investigadora: Ok. Achas que achaste uma seca fazer isto?

Manuela: Não.

Investigadora: E tu CL?

CL: Eu achei isto muito interessante também porque quando estou a ver os filmes vai-me dar outras perspetivas, porque é que eu estou a ver, como é que tenho de focar.

Investigadora: E tu MS, gostaste das atividades de hoje?

MS: Gostei muito.

Investigadora: E gostaste porquê? Houve alguma coisa que tenhas gostado mais? Achaste alguma coisa aborrecida? Percebeste tudo o que eu disse, compreendeste tudo?

MS: Sim.

Investigadora: E tu LO?

LO: A minha resposta... vamos lá a isso.

Investigadora: Percebeste tudo o que eu consegui dizer? Houve alguma coisa que tu não compreendeste?

LO: Percebi tudo.

Investigadora: E tu FV?

FV: Também.

Investigadora: Percebeste tudo o que eu disse? Consegui explicar mais ou menos?

FV: Sou algumas coisas que estavam numeradas é que não percebi.

Investigadora: Agora é preciso pôr em prática aquilo que eu ensinei, não é? Para vocês não se esquecerem.

FV: Rita mande depois para o meu e-mail o PowerPoint, para depois eu dar uma olhadela.

Investigadora: Se vocês não entenderem as coisas ou se acharem que alguma coisa que podia ter melhorado ao longo das sessões, digam-me para eu melhorar e para poder ajudar aqui para vocês também virem mais contentes para aqui e também se houver alguma coisa que vocês tragam de casa que achem interessante ou algum tema que queiram aprender podem-me dizer que eu vou tentar ao máximo explicar e explicar aos colegas, trazer coisas novas sempre.

Investigadora: Diz FV.

FV: Era uma coisa que eu queria saber em relação ao vídeo de há bocado, que filmei no jardim zoológico dos golfinhos. Queria fazer em vez ser uma montagem, fazer uma fotomontagem, desde o primeiro até ao último, mas só que todos juntos num só.

Investigadora: Então faz isso e depois traz, está bem?

FV: Só aqui ainda não sei fazer e então queria a ajuda da Rita.

Investigadora: Ah não sabes fazer. Então, vamos apontar isso tudo. Eu vou apontar para depois conseguir ajudar ao longo do tempo, eu ajudo.

FV: Eu depois fazia e a Rita avaliava.

CL: Baseado em quê?

FV: Baseado nos golfinhos e nos leões-marinhos.

CL: Querias fazer um vídeo?

FV: Não. Fazer com minis clipes.

Reunião de Grupo Focal – Sessão 5 (23/1/2018)

Investigadora: Quem é que quer dizer o que achou das gravações de hoje?

JF: Posso ser eu?

Investigadora: Podes ser tu, pronto.

JF: Eu gostei, achei que fizemos um trabalho bastante bom. Eu nunca tinha feito, visto que para mim foi uma primeira experiência foi especial. Acho que se continuarmos assim podemos fazer um trabalho bem giro.

Investigadora: Gosto desse otimismo.

JF: E esses vídeos que a Rita disse, de sermos nós a apresentarmos e outras coisas, sinto-me motivada. Acho que podem ser coisas bastante interessantes e espero que a sua tese corra bastante bem.

Investigadora: Está a correr bem, com vocês está a correr bem. E tu SJ, queres dizer tu? Do dia de hoje, do que achaste da atividade de hoje.

SJ: Estou a gostar e também sempre desejei estar a gravar, estar por trás das câmaras. Gosto de estar por trás das câmaras.

Investigadora: O que tu sentes quando estás atrás das câmaras?

SJ: Sinto-me muito bem, gosto muito de estar a gravar o filme e estar focada.

Investigadora: Mas por exemplo porque é que não gostas tanto de estar à frente da câmara e gosta de estar a gravar? Porque é que não gostas de ser tanto ator e gostas de ser realizador?

SJ: Eu não me sinto muito bem. Não é de me mostrar, pode-me mostrar à vontade, mas o problema é que não gosto muito de representar. Não me sinto bem a representar.

Investigadora: E tu CL? O que é que achaste de hoje?

CL: Foi mais aventura estar a fazer as filmagens. Vai-me dar mais prazer aventurar-me a fazer os vídeos, a técnica que tenho de usar, a câmara.

Investigadora: É mais giro estar realmente a fazer do que estarmos num papel como a semana passada, mas o que é certo, é que é importante haver prática antes de fazer. Nós conseguimos orientar hoje porque tínhamos o papel da semana passada.

CL: Eu sou mais para as artes, mais criativo, depois quando tenho estas ações para fazer sinto-me mais empolgado para fazer as coisas.

Investigadora: E o que é que também sentes quando estás atrás da câmara? O que é que te dá prazer?

CL: À frente da câmara não me sinto tão bem a ver-me a mim mesmo. Eu por trás da câmara sinto mais vontade de estar a realizar as coisas.

SJ: Também é como eu.

Investigadora: Mas tu para quem não gosta muito até se saiu bastante bem aqui na parte da primeira cena, ali como professor, para quem não gosta.

CL: Se eu fosse um magricela como era antigamente.

Investigadora: Isso não interessa, se não formos assim também não somos nós.

JF: Claro.

Investigadora: E tu FV? O que é que achaste disto hoje?

FV: Eu gostei, mas a minha voz fica sempre um bocado ruim nas filmagens e nas gravações.

JF: Não fica nada.

SJ: A minha também, não reparaste na minha?

LO: Ficas tão bem.

Investigadora: Porque é que fica ruim? Ninguém gosta de ouvir a sua voz nas gravações. Eu também não gosto da minha voz. Isso é normal.

JF: Fizeste ali um momento espetacular.

FV: Eu gosto de estar mais longe e sem a perspetiva a apanhar a minha voz para poder estar a interpretar, o cenário a fazer cenário de interpretação, mas com movimentos, só.

Investigadora: Mais o corpo e não tanto a voz.

FV: Mais o corpo e não tanto a voz. Isso mesmo Rita. Tanto a fazer linguagem gestual e movimentar as mãos e os braços. Por exemplo “faz gestos mímicos”. Não me encontro a mim próprio.

Investigadora: Não és tu próprio?

FV: Sim.

Investigadora: Quando estás a falar?

FV: Noto que a minha voz está diferente. Não dá para modificar.

Investigadora: Não gostas do que dizes ou não gostas da tua voz?

FV: Não gosto de ouvir a minha voz.

SJ: Nem eu, eu acho que a minha é de desenho animado. Já me disseram que é de desenho animado.

FV: A minha dizem que é de “maricas”.

JF: Aí que disparate!

Investigadora: Diz FV.

FV: a minha dizem que é de “maricas”.

JF: Aí que disparate!

SJ: E a minha dizem que é de desenho animado.

Investigadora: Aqui ninguém tem voz de desenho de animado, ninguém tem voz de “maricas”, cada um tem a sua voz.

JF: É um disparate, nem se deve pensar uma coisa dessas.

Investigadora: Nem se quer tens de ligar porque isso até são vantagens que vocês podem tirar de vocês. Têm a voz assim ou um corpo assim.

CL: Posso dizer uma coisa ao FV?

Investigadora: Sim.

CL: Essas pessoas quando querem mostrar que são assim dos outros, só espezinham os que pensam que são os inferiores. Só se querer meter em cima para se mostrarem muito habilidosos e na verdade são mais ignorantes do que nós. Tu tens de ver é que tens de superar isso e és muito melhor que essas pessoas.

JF: Tu estás cheio de qualidades, tu és uma pessoa espetacular.

FV: Eu sei, porque é assim. Eu vou vos contar uma coisa. Lá na terra da minha mãe, maior parte dos meus colegas e amigos, gozam comigo.

CL: Não liguês, a vida continua.

Investigadora: Não vale a pena pensares nisso. Exatamente, a vida continua. O que interessa é que captarmos as capacidades de cada um e se tu gostas da parte da representação mesmo a parte do corpo porque não pensarmos na história que vamos gravar no fim.

Investigadora: LO, o que é que achaste do dia de hoje?

LO: Achei bom.

Investigadora: E houve alguma coisa que gostasses em especial?

LO: Mais do princípio.

Investigadora: Mais do princípio? Em quê em concreto?

LO: Sobretudo a mochila.

Investigadora: Achaste piada o facto de a tua mochila ser utilizada?

JF: Por acaso foi ao calha, calhou.

Investigadora: E o que é que vocês acham que podia melhorar daqui para a frente? O que é que podíamos fazer daqui para a frente? Para a sessão que vem.

CL: Uma nova história.

LO: Uma coisa nova.

Investigadora: Uma nova história?

FV: Sim.

Investigadora: Se calhar agora o que é que acham de começarmos a criar a história, mesmo final, isto vai dar trabalho essa história, o que é que vocês acham para a semana começarmos? Vai ser um bocado mais “seca”, digamos assim, eu acredito que não vão achar tanta piada.

JF: Mas tem de ser. Sem seca não há trabalho feito

CL: Mas estão a falar de uma história mesmo nova? Cada um podia trazer uma história e avaliarmos a melhor história de todas.

Investigadora: Ou então se calhar cada um participava na mesma história.

JF: Formar um guião e juntamos.

Investigadora: Para a semana eu vou trazer uma atividade para nós começarmos a criar personagens. Nós não vamos começar pela história, vamos começar com personagens, de que forma é que cada um vai criar um personagem é com cada um.

FV: Não traga um ET.

Investigadora: Não vou trazer extraterrestres. Depois vocês vão perceber. Vamos criar a história em conjunto, se calhar é melhor do que cada um trazer uma história de casa porque assim todos podem participar na mesma, pode haver um bocadinho de cada um na história.

JF: Eu sou muito criativa, posso dizer a história na minha cabeça?

CL: Uma coisa muito boa que é dar uma boa mensagem nessa história, o que é que estamos a mostrar às pessoas.

JF: Eu sou muito criativa e adoro escrever. Como leio, escrevo. É uma maneira de eu expressar o que sinto.

Investigadora: Isso dá jeito.

JF: Há pessoas que expressão de outras maneiras e eu expresso a escrever.

Investigadora: Pronto. É como eu digo, o CL e o FV se calhar têm jeito para a edição e para tudo o que envolve tecnologias, tu para a escrita, a SJ também para a realização, o

LO: também em termos de ator também pode ser bom.

JF: Mas ele para apoiar, apoia-me muito a SJ.

Investigadora: Por isso é ótimo, porque nós assim conseguimos pegar nas capacidades de cada um e a ideia é, todos construirmos a história pedacinhos cada um, claro que há pessoas que se calhar podem dar um bocadinho mais na história, que se calhar dá mais ao FV e o FV dá um bocadinho mais naquilo. Quero é que todos participem de alguma maneira em tudo.

JF: Sim, eu durante muito tempo quando andava na escola escrevia peças de teatro, porque era muito criativa.

Investigadora: O que nós podemos fazer é, se calhar para a semana quem tiver ideias para histórias pode trazer, o que é que vocês acham? Por mais maluca que seja, quem tiver alguma ideia pode trazer e nós podemos tentar conjugar com o resto. Quem tiver ideias, quem quiser trazer pode trazer para a semana.

JF: Ok.

FV: Ok, pode ser.

Investigadora: CL, o que é que tu achas?

CL: Sim, era isso que eu estava a propor.

Investigadora: Então fazemos assim, mas não quer dizer que façamos essa história, podemos é misturar personagens com a tua história. Imaginem a história do capuchinho vermelho em que há um carro que é o lobo mau, percebem?

JF: Por exemplo, eu trago uma historinha criativa e depois pode haver alguém que queira acrescentar coisas.

Investigadora: Sim, a ideia é essa.

CL: Eu tenho um filme em que podíamos juntar cada um de nós e ser um representante da personagem desse filme. Lembram-se do filme “Pelos caminhos da floresta”, da Disney?

Investigadora: Não me lembro desse filme. Tenho de ver.

Investigadora: Por exemplo vamos imaginar a história do Peter Pan? Conhecem a história do Peter Pan?

Alguns: Sim.

Investigadora: Porque é que o Peter Pan pode ser um menino e não um cão? A ideia é inventarmos.

FV: Rita, High School Musical como a SJ disse, isso era bom.

Investigadora: Temos de ver.

FV: Porque eu sei todas as canções todas e posso traduzir para português.

Investigadora: Vamos ver. Para a semana vamos ver o que fazemos dali para a frente, se calhar agora terminamos o capítulo.

FV: Eu posso pôr no telemóvel.

SJ: Eu tenho a uma música em português, não é bem português está em brasileiro.

Investigadora: Então para a semana nós vamos ver o que vamos sugerir de ideias. Se alguém tiver ideias pode trazê-las e podemos ver daí.

Reunião de Grupo Focal – Sessão 6 (6/2/2018)

Investigadora: O que acharam da sessão de hoje? JF, o que achaste da sessão de hoje?

JF: Eu gostei, apesar de ser um bocadinho mais demorada, mas achei interessante porque cada um deu as suas ideias e não pode ser sempre ação também tem de ser assim.

Investigadora: Para ti o que é que gostaste mais? Por exemplo destas sessões assim ou daquelas anteriormente?

JF: Das outras anteriormente em que tem mais ação.

Investigadora: Em que vocês vão lá para fora e vão gravar mesmo?

JF: Sim, sim.

Investigadora: E tu MS, gostaste do dia de hoje?

MS: Sim. Vamos fazer mais.

Investigadora: E tu LO?

LO: Eu gostei.

Investigadora: Gostaste mais da sessão de hoje ou das outras que fizemos anteriormente?

LO: Desta.

Investigadora: Desta, porquê? Porque é que gostas mais desta ao contrário da JF?

LO: Não sei, foi um bocadinho forte.

Investigadora: Forte em que sentido?

LO: No sentido das personagens.

Investigadora: Mas tu gostas mais porque estás na parte de escrever e na parte de elaborar a história ou porquê?

LO: Não sei.

Investigadora: E tu CL?

CL: Acho que hoje foi mais criativo estarmos a fazer tudo isto em conjunto para dar uma elaboração melhor à história. Quanto aos personagens também gostei, escolhi aquele que eu mais gostei, tentei dar uma caracterização à personagem mais adequada.

Investigadora: Vocês acham que esta fase agora de mais secante, mais teórica, acham que é importante ou não é importante para depois fazermos a filmagem?

JF: É importante.

CL: Isso vai dar mais continuidade a nível de cenas que vamos fazendo. Eu nunca pensei que fossemos para um café filmar, por exemplo.

Investigadora: Porque é que não pensavas nisso?

CL: Pensava que era só aqui mesmo à frente.

Investigadora: E tu SJ, gostaste mais da sessão de hoje ou das outras que temos feito?

SJ: Eu gostei das outras, mas esta também foi importante, por isso também gostei.

Investigadora: Isto porquê, num filme qualquer que se faça, mesmo um filme a sério daqueles de Hollywood ou os que vemos na televisão, antes das pessoas fazerem as filmagens tem de haver uma preparação, tem de haver um criação da história, as pessoas têm de reunir, têm de defender as ideias é por isso que é importante estas sessões agora nós estarmos sentados na cadeira a criar para depois chegar ao dia e só ser gravar.

CL: E correr bem.

Investigadora: E correr bem porque se nós chegarmos e começarmos a criar a história enquanto estamos a gravar, não faz sentido nenhum.

JF: Mas os autores não criam a história.

Investigadora: Mas nós aqui estamos a experimentar um bocadinho de todos os papéis.

CL: Uma coisa pode ser corrigida, por mais que o realizador tenha realizado a história e eu já reparei que por exemplo, eu fui o realizador daquela folha que escrevi e foi impressa, mas todos aqui em conjunto fomos eliminado coisas, corrigido, é o que se passa nas filmagens que eu já vi de filmes.

Investigadora: Exatamente. Estas fases agora são importantes e é isso que estava a perguntar. Eu acredito que possam não ser para algumas pessoas tão fixe, tão engraçado porque não é tão prático, mas é importante nós criarmos a nossa história para depois gravarmos. Até porque se nós vamos fazer isto mesmo a sério, se vamos para um café gravar, se vamos montar uma galeria ou se vamos gravar ao pé do Bocage nós temos de ter isto tudo muito bem pensado. É ou, não é?

JF: É.

Investigadora: Porque nós vamos fazer um filme a sério, entre aspas não é, vamos tentar fazer ao máximo um filme a sério, passar mesmo por essa fase. Se tivermos de gravar a mesma cena cinquenta vezes, nós vamos gravar até ficar bem e temos de ter tudo muito bem definido. Por isso é que nós para a semana terminamos a história e passamos à outra fase que é o chamado de *storyboard*, já ouviram falar?

JF: Não.

Investigadora: O *storyboard* é quando se desenha as cenas.

SJ: É isso já é giro.

Investigadora: Imaginem a cena que o rapaz roubou as pinturas, nós vamos desenhar isso, para quê? Para quando chegar aos dias das filmagens, nós já sabemos como é que vamos gravar. É uma espécie de banda desenhada. O *storyboard* é uma espécie de banda de desenhada, que é um termo técnico que é usado no cinema. Nós também vamos fazer, para vocês experimentarem, isto faz-se mesmo no cinema. O *storyboard* às vezes chega a ter, por exemplo, mil desenhos pequeninos de cada cena, depois isso nós vamos perceber. Eu queria era saber se tinham gostado da sessão de hoje.

JF: Eu gostei.

MS: Eu também gostei.

Investigadora: Gostaram mais desta ou das outras?

JF: Das outras, mas esta também não foi má.

Investigadora: Pronto. Acham que há alguma coisa que podemos melhorar?

CL: A hora da saída.

Investigadora: Se não houvesse tantas interrupções e teríamos saído mais cedo.

Reunião de Grupo Focal – Sessão 8 (27/2/2018)

Investigadora: As pessoas que não vieram na semana passada, o que é que acharam desta parte do guião?

CL: Dá para ajudar a todos a não trabalhar tanto nas coisas.

Investigadora: Como assim, podes explicar?

CL: É mais uma arquitetura de nós olharmos, observarmos, como é que se faz, onde é que estamos, o que é que está primeiro, o que está depois, também para termos um comportamento melhor.

Investigadora: E achas que é útil nós fazermos esta parte ou por ti tínhamos saltado esta parte?

CL: Se saltássemos isto iria ser uma atrapalhação enorme a gente estar a tentar fazer o filme.

Investigadora: Ok, e tu LO, gostaste da sessão? Achaste que foi uma seca? Estavas à espera de outra coisa?

LJ: Gostei. Não, foi interessante.

Investigadora: O que é que sentiste aqui a experimentar esta sessão diferente?

LJ: Da forma como trabalhamos em conjunto, em grupo.

Investigadora: E tu gostas de trabalhar em conjunto ou preferes trabalhar sozinho?

LJ: Gosto das duas maneiras.

Investigadora: Gostas das duas maneiras. E tu Humberto?

Humberto: As duas coisas.

Investigadora: E gostaste da sessão de hoje?

Humberto: Gostei.

Investigadora: Queres continuar ou achas que não? Isto é voluntário, se alguém por alguma razão quiser desistir, eu não obrigado ninguém a ficar cá.

Humberto: Sim, quero continuar.

Investigadora: E tu LO? Achas que esta parte é importante?

LO: Está boa, está.

Investigadora: Mas achas que é importante ou por ti só tinhas olhado para as gravações?

LO: Acho que é importante no geral.

Investigadora: Ok. E tu SJ?

SJ: Eu também acho bem.

Investigadora: Achas que este tipo de guião é importante fazer antes das gravações ou saltar logo para as gravações?

SJ: Não, é importante.

Investigadora: Ok. E quais são as vossas expectativas agora para as próximas sessões?

FV: Eu acho que devem de ser tranquilas. Eu acho que a de hoje não foi, mas devemos unir todos e com capacidade fazer um bom trabalho.

Investigadora: Eu gostei do que disseste, de nos unirmos.

FV: Unirmo-nos por amizade e não andarmos em confusões. E também para um dia quando tivermos uma profissão e precisarmos de mexer numa máquina destas, já sabermos.

Investigadora: Gostei da tua intervenção FV. Diz JF.

JF: Eu sei que hoje isto aqui não correu muito bem, mas há coisas que o FV faz que eu não concordo. Há coisas que ele faz que eu faço que ele pode não concordar. Nós não somos iguais, ninguém é igual a ninguém, todos temos defeitos, virtudes, todos somos diferentes. Eu não deveria ter criticado o FV, mas é a minha maneira de intervir às vezes é à bruta.

FV: E a minha maneira Rita, também é de julgar logo as pessoas, sem mais nem menos.

JF: Assim, eu estou a dizer isto de uma maneira tranquila, fui bruta não devia ter feito e respeitei quem estava a dar a sessão. Não devia de o ter e feito e peço desculpa por isso.

FV: Peço desculpa Rita.

Investigadora: Agora reparem, o que vocês têm de perceber é que têm de pedir desculpa aos vossos colegas.

JF: Peço desculpa. E depois há uma situação que eu também não gosto, eu não gosto de pessoas que fazem muito barulho há minha volta, são muito agitados.

Investigadora: Aqui foi um bocadinho culpa de todos porque todos falaram um bocadinho.

JF: E eu achei que era o FV que estava muito agitado, se calhar até podia não ser ele, mas foi ele que estragou inocentemente.

FV: E foi o FV porquê? Eu estava muito agitado porque hoje não acordei a tempo pensava que ia chegar tarde e eu estava muito agitado até o Alexandre reparou no autocarro.

Investigadora: FV ouve o que eu tenho a dizer. Tu disseste uma coisa muito importante que foi que nós temos de começar a trabalhar em equipa. Este trabalho é o trabalho em equipa, vocês todos estão a contribuir. Não é um trabalho individual.

JF: Todos precisamos uns dos outros.

LJ: Temos de pensar pela positiva.

Investigadora: Exatamente. Vocês têm de trabalhar todos em conjunto.

CL: Calma FV, não precisas chorar.

JF: Também não vale a pena chorar, tem calma.

FV: É que é assim, eu já não tenho amigos e já tinha aqui.

JF: Eu não deixei de ser amiga, simplesmente fico nervosa e não estou muito bem.

FV: Estou a deixar de ter amigos.

Investigadora: Calma.

CL: FV calma.

JF: Aqui ninguém te está a criticar. Às vezes posso ser bruta.

FV: Estou a ver que estou a perder amigos. Eu não quero.

(**CL:** vai ter com o FV e passa-lhe a mão nas contas a tentar consolar)

Investigadora: FV repara, aqui toda gente te desculpou, ninguém está chateado contigo.

JF: Eu não estou, eu fui dura e pedi desculpa.

Investigadora: Não te preocupes que eu acho que ele já percebeu, está um bocado nervoso.

SJ: FV, eu sou tua amiga, sabes disso não sabes?

Investigadora: Repara aqui é um trabalho em grupo. Nós acima de tudo somos um grupo e um grupo de amigos por isso não interessa as outras pessoas, o que interessa aqui.

Humberto: Deixa os outros falarem.

Investigadora: Exatamente. É isso mesmo.

Reunião de Grupo Focal – Sessão 11 (20/3/2018)

Investigadora: Hoje, o que é que acharam do dia de hoje, das gravações?

LJ: Acho que foi produtivo.

Investigadora: Acharam que foi produtivo?

CL: Foi.

Investigadora: CL?

CL: Estava à espera de fazer tudo mal feito, afinal correu bem.

Investigadora: Achavas que ia ficar tudo mal feito?

CL: Feito por mim.

Investigadora: Ah, tu enquanto ator?

CL: Sim.

Investigadora: E achas que superaste as expectativas enquanto a ti próprio?

CL: Sim. Afinal correu melhor, você foi sempre gostando daquilo que eu fiz.

Investigadora: E também o que se pode melhorar eu também digo sempre com a perspetiva de melhorar, nunca de criticar.

CL: Sim, eu percebo isso, criticar para mim não é uma coisa ofensiva, é uma coisa construtiva.

Investigadora: Exatamente. Construtiva, é isso mesmo.

LJ: Como eu nunca tinha feito, não estava bem-apresentado.

Investigadora: Tu enquanto ator? Gostaste desse papel de ator?

LJ: Sim.

Investigadora: Ou preferes a parte aqui das câmaras? Como ainda não experimentaste.

LJ: Não, gosto dessa parte como nunca tinha feito.

Investigadora: E tu LO?

LO: Também gostei.

Investigadora: Gostaste de ser ator?

LO: Actor, pois. Já não é a primeira vez.

Investigadora: Já não é a primeira vez? Isso é ótimo. E tu SJ? Neste caso ficaste na parte das câmaras.

SJ: Também, gostei principalmente da parte de estar atrás da câmara.

Investigadora: Humberto?

Humberto: Também gostei.

Investigadora: E tu MS?

MS: Também gostei.

Investigadora: Vocês acham que quando eu disse íamos começar a gravar que ia ser isto ou vocês achavam que era diferente? Para melhor ou para pior, não interessa, podem dizer.

CL: Eu já tinha uma expectativa de ser assim.

Investigadora: Já vinhas a achar que era assim? Ou que ia ser pior ou que ia ser melhor? Podes dizer a verdade.

CL: Eu sou mais de esperar pelas coisas e observar com os meus próprios olhos como as coisas são. Não vinha com a expectativa nem muito disto nem muito daquilo.

Investigadora: E agora que pronto já experimentámos um primeiro dia, quais são as expectativas para o futuro, agora que já experimentaste? Tens alguma expectativa?

CL: Sim positiva, é pena é que não faça mais papel nenhum.

Investigadora: Vais fazer só que é com a JF.

CL: Ah, quer dizer que ainda vou ser filmado.

Investigadora: Sim, só que sem a JF não podemos fazer mais, era supostamente com a JF. Sozinho tu agora com os teus amigos já não. Depois é sempre ou com a JF, ou com os amigos da JF. Aliás tu és a personagem principal, tu e a JF. Por isso vão ter muitos.

LJ: Ele acha que ia ter um guião e que não ia ser assim improvisado.

Investigadora: Ah, achavas que ias ter as falas?

LJ: Sim, ia haver um guião.

Investigadora: Nós fizemos um guião, as falas é que foram improvisadas. Preferes quando tens um guião ou preferes improvisado?

LJ: Das duas maneiras.

Investigadora: Das duas maneiras?

LJ: Sim.

Investigadora: Mas sentiste-te melhor quando estavas a improvisar?

LJ: Senti-me melhor quando estava a improvisar.

Investigadora: Sentiste-te melhor quando estavas a improvisar porquê?

LJ: Porque podia dizer o que queria.

Investigadora: Porque podias dizer o que querias sem problema nenhum.

LJ: Sim.

CL: Acho que ele conseguia conduzi-los a falar mais abertamente.

Investigadora: Vocês conduziram bem porque havia uma pessoa que falava que era o personagem principal e que acabou por falar mais e depois daí desencadeava a conversa dos dois colegas e acho que conseguiram bem perceber o que é que queriam. Acho que as pessoas que estavam cá atrás das câmaras também acharam isso.

LO: Temos de ver o ladrão.

Investigadora: E tu LO, gostaste de improvisar ou preferes quando tens um guião?

LO: Assim mesmo.

Investigadora: A improvisar?

LO: Pois.

Investigadora: Porquê?

LO: Porque é mais fácil.

Investigadora: É mais fácil? Mas é mais fácil em que sentido?

LO: Eu não sei chegar lá.

Investigadora: Achas que é mais fácil porque tu consegues dizer o que queres ou às vezes isso também pode ser difícil porque ficas bloqueado?

LO: Fico perdido nas falas.

Investigadora: Ficas perdido, ok. Então e tu Humberto? Expectativas para a semana? Tens expectativas para a semana ou achas que vai ser tudo igual?

Humberto: Acho que vai ser igual.

Investigadora: Acharam aborrecidas as filmagens?

LO: Não.

CL: Não. Estava sempre com aquela vontade de vir cá para dentro para ser filmado.

Investigadora: É como disse, hoje não podemos gravar mais porque a maior parte das coisas é lá fora e se falta a personagem principal, que é a JF.

SJ: Também ainda não choveu até agora.

Investigadora: Pois, mas ia sempre faltar a JF.

CL: Já improvisámos alguma coisa.

Investigadora: Já fizemos aqui uma boa parte, se calhar o resto gravamos quase todo lá fora.

LO: Pois, lá fora.

CL: Também é bom para ter esta expectativa para quando for lá fora já estou menos nervoso com as coisas.

Investigadora: Exato, até porque lá fora podemos ter a situação de que pode haver uma pessoa ou outra a olhar quando vai a passar porque vai achar estranho as câmaras lá fora. Vamos ter sempre este pormenor de ter uma pessoa a olhar. Há pessoas que não se vão sentir muito bem e depois como já estivemos cá dentro a fazer a pessoa pode se sentir melhor. E tu SJ estás ansiosa para experimentar ser atriz ou mais ou menos? Como tu ao início não querias e agora já tens uma personagem que não fala muito. O que é que estás a sentir?

SJ: Bem, mais ou menos.

CL: Aqueles teus vídeos estavam engraçados, ficas à vontade.

SJ: Eu depois logo vejo se consigo.

Investigadora: Ainda estás com algum medo depois quando for a tua vez?

SJ: Sim, estou com um bocadinho de medo. Mesmo que não tenha de falar muito, mesmo só de dizer um “Olá” já fico com medo.

CL: SJ vê uma coisa, nós vamos todos ter como música de fundo quando estiver a dar o vídeo, vais falando abertamente e assim vai acenar o papel.

SJ: Sim, eu sei.

CL: Imagina o que é o papel e tenta fazer de acordo com esse papel, foi assim que eu fiz.

SJ: Está bem, eu vou tentar.

Investigadora: Nós depois experimentamos. Também vamos poder fazer várias vezes a mesma situação até ficar bem ou até acharmos que a pessoa se não está a fazer bem podemos voltar a fazer, se for preciso repetir mil vezes num dia, eu repito mil vezes num dia, se a pessoa achar que não está bem. O CL até se assustou quando eu disse mil vezes. Estou a exagerar.

CL: Estava a pensar naquela caixa da Singer para guardar as tintas era boa.

Investigadora: O quê?

CL: Aquela caixa da Singer era gira para guardar tinta.

Investigadora: Não sei é se a JF na altura depois vai ter mão para levar as tintas naquilo, tinha pensado numa mochila só.

CL: E então aquela mala preta própria mesmo para os desenhos?

Investigadora: Se quiseres trazer para a semana.

CL: Depois tenho de trazer alguma coisa minha, eu trago.

Investigadora: Pronto, nós pomos as coisas e as tintas na tua mala para a JF levar.

CL: Até tenho uma malinha que aproveitei de brinquedos, forrei toda com papel com desenhos e depois podemos usar isso com os desenhos lá dentro.

Investigadora: Ok, pronto. Eu queria era saber se vocês gostaram ou se acharam uma seca. Eu sei que também foi cá dentro, lá fora é sempre mais giro gravar, mas queria saber se vocês acharam realmente uma ou acharam que foi entusiasmante.

SJ: Eu gostei.

Investigadora: Claro que neste caso o LO, o LJ e o CL não tiveram nesta parte da câmara, mas se calhar já estão para a semana.

CL: Então vamos combinar uma coisa, que é quando estamos lá fora tentar focar a situação não tanto nas lentes porque estamos a filmar, mais no espaço para não apanhar tanto esses olhar das pessoas para ficar bem.

Investigadora: Sim, oca.

CL: Uma pessoa se apanhasse da cintura para baixo das pessoas e não apanhasse nada para cima, a forma como está a câmara posicionada a filmar.

Investigadora: CL, tu gostas mais de ser ator ou mais de realizador? Eu sei que ainda não foste ator a cem per cento.

CL: Pela minha vontade é ter a câmara na mão para ficar com a câmara para sempre. Todos se riem.

Investigadora: E tu MS, eu sei que ainda não experimentaste ser atriz?

MS: É diferente.

Investigadora: É diferente como?

MS: É indiferente.

Investigadora: Ah é indiferente. E tu Humberto?

Humberto: Eu ainda não experimentei nem uma coisa nem outra, deixa lá ver. Depois para a semana nós experimentamos.

CL: Nós depois fazemos uma coisa gira com ele, um avental todo branco, um chapéu de padeiro.

Investigadora: E tu LJ achas que gostas mais de ser ator ou achas que depois vais preferir estar na câmara?

LJ: A representar.

Investigadora: E tu LO?

LO: Também.

Investigadora: Também o quê?

LO: Isso de representar.

Investigadora: Mas achas que vais preferir ser ator ou estar aqui na câmara?

LO: Actor.

Investigadora: A SJ também já sei que vai ser atrás da câmara.

SJ: Sim.

Reunião de Grupo Focal – Sessão 12 (27/3/2018)

Investigadora: FV, vou começar por ti como nós vieste na semana passada, o que é que tu achaste agora que começámos a fazer as filmagens a sério, não foi como das outras vezes que estávamos só a testar o que é que tu achaste? Primeiro, o que é que tu sentiste no papel de ator?

FV: O que é que eu achei? Achei uma coisa diferente, que nunca fiz. Só fiz teatro normal na escola onde estava e achei espetacular porque nunca tive tanta coisa com as máquinas de filmar e de fotografar, nunca mexi e gosto de mexer também e filmar, mas gostei mais de interpretar.

Investigadora: Gostas mais de interpretar do que estar na câmara?

FV: Sim, gosto mais de interpretar. O pior é a minha voz que vai aparecer na interpretação, fica uma voz mais afeminada, mais criancinha e nesse termo não gosto tanto da voz, mas gosto de interpretar. Fazer interpretações.

Investigadora: Sentiste-te bem a interpretar? Neste caso, não gostaste de ouvir a tua voz, continuaste a não gostar?

Investigadora: Continuo.

Investigadora: Mas preocupaste-te?

FV: Não me preocupei.

Investigadora: Por exemplo, nas montagens queres ter a tua voz ou queres uma edição?

FV: Quero a minha voz.

Investigadora: Ok, isso é bom.

FV: Porque quero mostrar que nem todos aqueles que têm a voz como eu tenho que conseguem interpretar.

Investigadora: Ok, então e ao nível da câmara?

FV: Ao nível da câmara também gosto.

Investigadora: Gostas?

FV: Estar a filmar, a projeção com a objetiva e também a mexer nos botões.

Investigadora: Vocês, por exemplo no cinema nós temos de fazer muitas vezes a mesma ação em vários planos, põe aqui a câmara, põe ali a câmara. Gravar a mesma situação em vários planos e isso para vocês é uma seca? Acham que faz sentido?

CL: É mais divertido para nós.

Investigadora: Do que estar a câmara sempre no mesmo sítio e estarem sempre a gravar da mesma forma.

LJ: Nós temos de interagir mais.

Investigadora: Interagir mais, oca.

CL: Dão mais entusiasmado, porque temos de tentar ser mais criativos com as filmagens para apanhar os cenários nos vídeos. Só aquele papel que me pediu para fazer, depois quando vi que podia estar noutra ângulo sem apanhar vocês a filmar.

Investigadora: Oca, e CL a semana passada foste quase ator, nesta semana foste mais na câmara, qual gostaste mais? Ser ator?

CL: As duas coisas.

Investigadora: Gostas dos dois? Há algum que te sentes mais à vontade?

CL: Gosto dos dois.

Investigadora: Gostas dos dois?

CL: Sim. Estou entusiasmado em fazer aquilo que lhe falei, aquela peça que já vi há muito tempo, desde a infância que gosto muito de ver e gostava de pôr isso em palco, com pessoas e cenários e tentar fazer cada cena diferente que eu vejo no vídeo, devem ser para aí umas dez, contar uma história curta em cada um desses passos.

Investigadora: Houve alguma dificuldade que tiveste na câmara?

CL: Foi só aquela mobilidade de andar da esquerda para a direita.

Investigadora: Para fazer panorâmica para ti é um bocadinho mais difícil?

CL: Não é difícil, a câmara é que estava um bocado encravada, acho que era isso que se estava a passar porque com a outra não estava.

Investigadora: Também depende um bocadinho dos tripés.

CL: É só isso, tive de levantar a câmara e girar um bocadinho.

Investigadora: Foste criativo e arranjaste uma solução.

CL: Eu sou assim.

Investigadora: E tu Humberto?

Humberto: Gostei, foi a primeira vez. Nunca tinha feito de ator, foi a primeira vez.

Investigadora: Para a semana, se calhar é a tua vez de fazer a tua cena. Para a semana ou para a outra. Gostas de gravar? Sentes-te bem?

Humberto: Sim, já tinha gravado e gostei. Gostei de mexer.

Investigadora: E tu LJ?

LJ: Eu também nunca tinha mexido numa câmara, foi a primeira vez.

Investigadora: A primeira vez também? E tu gostaste mais de ser ator ou gostas mais de estar na câmara?

LJ: As duas coisas.

Investigadora: Gostas das duas coisas? Ah oca, como na semana passada tinhas dito que gostavas mais de ser ator, mas não tinhas experimentado ainda. Sentes que tiveste alguma dificuldade, que eu podia ter ajudado melhor em alguma coisa?

LJ: Não.

Investigadora: Vocês podem ser sinceros, acham que eu possa melhorar para o projeto e para vocês?

CL: Talvez os cenários, o ambiente. Até foi engraçado aquela coisa dele subir as escadas, descer as escadas.

Investigadora: Então achas que pudesse melhorar em que aspeto explica lá melhor.

CL: Escolher o sítio para estarmos mais à vontade.

Investigadora: Claro que há sítios mais bonitos em Setúbal, mas como é que podíamos ir oito pessoas num carro?

CL: Pois, não podíamos.

Investigadora: Claro que há sítios mais bonitos, mas às vezes temos de nos adaptar à nossa realidade.

FV: Sim.

Investigadora: Mas a sugestão era arranjar para a próximos sítios mais engraçados, mais criativos.

CL: Também a pensar na história que estamos a fazer. Depois de haver esses lugares da própria instituição ou mesmo aqui, que se enquadrem bem à história.

Investigadora: Achas que os cenários desta história se enquadram?

CL: Sim, é na rua.

Investigadora: Mas achas que havia sítios mais bonitos é isso?

CL: Não queria mexer tanto aí.

Investigadora: Não mas podes dizer, eu quero é ver o que é que se pode melhorar para uma próxima vez, só quero aprender.

CL: Eu sou mais imaginativo, sou mais criativo.

Investigadora: Podes explicar?

CL: Tentar enquadrar as coisas bonitas e as coisas feias.

Investigadora: As imagens que nós fizemos, achas que se estavam a enquadrar?

CL: Sim.

Investigadora: Era isso que queria perceber.

Reunião de Grupo Focal – Sessão 14 (10/4/2018)

Investigadora: Qual é a vossa opinião sobre a sessão de hoje?

JF: Eu tenho gostado, tenho-me divertido, hoje fiz uma experiência nova que foi filmar. Neste momento tenho sido sempre a protagonista e hoje filmei, também estive por trás das câmaras.

Investigadora: E gostas mais de ser a atriz ou de ser atrás das câmaras?

JF: Gosto das duas coisas, mas são experiências novas, mas estamos aqui para fazermos experiências.

Investigadora: E tu CL?

CL: Estou a gostar bastante.

Investigadora: O que vocês tinham imaginado nas gravações tem estado a corresponder às vossas expectativas ou achavam que ia ser pior?

JF: Eu achava que ia ser uma seca, mas depois percebi que não.

CL: Eu estou mais empenhado para fazer novos filmes porque já vou estar mais preparado para fazer tudo.

Investigadora: E as coisas no futuro ou agora?

CL: Tanto agora como no futuro.

JF: Eu estou ansiosa para ver o resultado. Acho que vai ficar muito giro.

FV: Tão ansiosa.

CL: Mesmo com aquela história que eu criei, que já está criada mas eu passei tudo a português, se as falas ficassem iguais eu ia ter uma forma de facilidade em incentivá-los a perceberem em como é que se fala e como se diz tudo. Está a perceber? Ia ser um

orientador, para que se orientassem a falar, como se prenunciam as falas, o texto e todas essas coisas ia dar muita prática a eles. Nesse sentido se não mudássemos tanta coisa, protagonizar a história para não ser coisas de atrás de reis e rainhas, coisas mais atuais.

Investigadora: Ah oca.

JF: Já agora gostava de perguntar ao LJ e ao LO o que eles acharam?

Investigadora: LJ e tu?

LJ: Acho que a improvisar tem sido bom.

Investigadora: Gostas de improvisar?

LJ: Sim.

Investigadora: E preferes improvisar ou decorar as falas?

LJ: Improvisar.

JF: Eu também concordo.

Investigadora: Gostam de ter um tema e improvisar ou de decorar falas?

SJ: Eu gosto de improvisar.

JF: Eu gosto de improvisar.

FV: Improvisar.

Investigadora: E tu CL?

CL: Não, mas aquele podemos improvisar. Quando nós conhecemos bem a história conseguimos improvisar.

Investigadora: Preferem improvisar.

JF: Prefiro e o que é que o LO acha?

Investigadora: E tu LO?

LO: Também, gostei de improvisar.

Investigadora: Tu estiveste um bocadinho tímido não falaste muito.

LO: Pois foi.

SJ: Ele é assim.

JF: É mesmo dele.

CL: É do seu sorriso, ele fica assim já não consegue mais esconder.

JF: O LJ foi dos últimos a entrar e entrou bem no grupo, não foi?

Investigadora: Tal como o Humberto. Houve pessoas que entraram mais a meio outras que estiveram aqui desde o início.

JF: É verdade, mas o que interessa é que somos todos bem-vindos.

Investigadora: E tu SJ, que eras a pessoa que menos queria estar à frente da câmara, como é que te sentiste quando estiveste a representar?

SJ: Bem, senti-me bem e ao mesmo tempo um bocadinho nervosa.

Investigadora: Mas é porque não te gostas de ver, mas porque realmente não gostas?

SJ: Não é porque não me gosto de ver, mas eu gosto mais de estar mais a gravar do que estar mesmo no vídeo, mas pronto.

Investigadora: Mas olha que para quem não gosta muito não se notou.

SJ: Não é que eu própria faço gravações em casa com o meu telemóvel e gravo-me a mim mesma por isso não me importo.

Investigadora: Preferes realmente estar aqui atrás da câmara, não é?

SJ: Sim.

JF: Eu sou ao contrário da SJ.

Investigadora: Preferes ser atriz?

JF: Estava à frente da câmara e gostava, mas hoje estive atrás da câmara e estava com medo no fim foi uma experiência nova.

Investigadora: Exato e vais ter mais oportunidades porque há partes em que tu não vais aparecer.

JF: Apesar do FV e da Rita me terem ajudado, mas foi gratificante, eu gostei.

Investigadora: Oca.

JF: Acho que temos estado a fazer experiências novas.

Investigadora: Ainda bem que estão a gostar. Era isso que queria saber.

Reunião de Grupo Focal – Sessão 15 (17/4/2018)

Investigadora: O que é que vocês estão a achar das gravações?

JF: Eu estou a gostar.

LO: Eu estou a gostar.

CL: Estou a gostar.

Investigadora: Vocês acham que este tipo de projetos é bom para vocês trabalharem as relações de amigos e de grupo?

JF: Sim, é muito importante.

Investigadora: E é porquê?

LJ: Porque nos ajudamos uns aos outros.

Investigadora: Ajudam-se como?

JF: Quando um colega precisa o outro vai lá e ajuda.

Investigadora: É isso LJ?

LJ: Sim.

Investigadora: E por exemplo em mim, em relação a vocês, acham que eu vos estou a ajudar? Acham que há alguma coisa que posso melhorar que vos possa ajudar ou outra coisa qualquer?

JF: Não, está a ajudar bastante.

Investigadora: Podem ser sinceros não vou levar a mal.

JF: Eu acho.

Investigadora: Por exemplo sem ser as questões de vocês se ajudarem uns aos outros, de serem amigos e se ajudarem, há mais outra coisa que vocês têm notado que este projeto vos tem ajudado enquanto amigos e grupo?

CL: Estamos mais autodidatas, mais criativos.

Investigadora: Acham que isto vos está a tornar mais criativos?

JF: Sim.

LJ: Improvisamos mais.

JF: E mais independentes.

Investigadora: Em que sentido JF?

JF: No sentido de que sabemos que temos de fazer aquilo e fazemos.

Investigadora: Oca e na questão criativos onde é que vocês vêm que estão a trabalhar a vossa criatividade CL?

JF: Pensamos como devemos dizer as coisas e dizemos.

Investigadora: E mais alguma coisa que vocês acham que trabalham a criatividade?

CL: Somos criativos quando estamos a representar, pensar o que é que havemos de fazer, como é que agimos, na representação.

Investigadora: Oca. Acham que são criativos aí? E noutras questões?

JF: Damos sempre ideias novas de sítios onde gravar.

Investigadora: Okay.

SJ: Ajudamos uns aos outros.

CL: A perspetiva da câmara, onde deve estar.

SJ: Onde se põe as coisas.

JF: Por exemplo onde se põe as cadeiras, se um quer gravar os outros estão a gravar por trás e outros estão a pôr as coisas, outros arrumam.

CL: Também notei que temos de estar sempre com o foco da câmara centrada no que estamos a filmar naquele quadrado, já reparei que tive de espalhar isso por todos para todos perceberem.

Investigadora: Oca. Isso é uma questão técnica.

CL: Mas ajuda para não haver erros.

Investigadora: Sim, e naquelas questões mais técnicas que nós aprendemos no computador dos planos e isso, ele lembra-se disso, não se lembram, lembram-se mais ou menos?

JF: Eu não me lembro muito bem.

SJ: Eu também não.

JF: Estou a fazer mesmo por improvisar.

Investigadora: Mas acham que era uma coisa que vocês acham que deviam de trabalhar mais ou gostam mais assim?

JF: Eu gosto.

CL: Talvez aquelas câmaras mais em cima a apanhar tudo sem ser preciso estar sempre a mudar tanto a câmara nos filmes reais era outra fantasia.

Investigadora: Pois, nós aqui estamos só a experimentar, quem sabe um dia não conseguimos fazer uma coisa muito mais a sério.

JF: Para mim assim está bom.

Investigadora: Oca, acham que a parte mais teórica para vocês não resulta?

JF: Não, não gosto.

Investigadora: Ou queriam aprender coisas mais importantes ainda ligadas ao cinema?

JF: Eu aprendo mais em prática no cinema do que em escrito.

CL: Mas o escrito por mim por exemplo é uma coisa maravilhosa porque tem poucas falas e não é preciso decorar tanto.

Investigadora: Mas na parte teórica, naquela parte em que nós aprendemos coisas de conceitos e isso acham que queriam aprender mais?

CL: Ajuda a desenvolver melhor para nós compreendermos como é que temos de estar enquanto estamos a ser filmados.

Investigadora: E tu Humberto, o que é que tens achado? O LJ e o Humberto não apanharam tanto a parte dos conceitos acham que queriam ter aprendido ou gostaram de passar logo para esta parte das gravações?

LJ: Gostámos de ter aprendido.

Investigadora: E tu Humberto?

Humberto: Gostei.

Investigadora: E tu LO?

LO: Eu gostei.

Investigadora: O que é que achaste de hoje ser ator?

LO: Foi bom.

Investigadora: Foi bom?

LO: Foi nesse aspeto.

Investigadora: Então? Gostas mais de estar na câmara, a manipular a câmara, ou ser ator?

LO: Já estou habituado.

Investigadora: Qual gostas mais?

LO: Das duas coisas.

Investigadora: Gostas das duas coisas? E tu JF?

JF: Eu gosto mais de estar atrás da câmara.

Investigadora: E tu Humberto? O Humberto ainda não experimentou bem o ator.

JF: Eu na outra vez disse que gostava de estar à frente da câmara, mas eu sinto-me um bocadinho mais exposta e atrás da câmara não.

Investigadora: E tu CL? Estás a gostar?

CL: Gosto mais de estar atrás da câmara porque gosto mais de controlar como é que está tudo e não estou a fazer nenhum erro e estou informado para não repetir tanto.

JF: A exposição é uma coisa que me incomoda bastante.

Investigadora: Não parece, quem vê. E tu MS gostas mais de mexer na câmara ou de ser atriz?

MS: As duas coisas.

Investigadora: E tu? A SJ também.

SJ: Já sei que vai dizer, não eu não gosto de estar à frente da câmara.

Investigadora: Deixem-me ouvir a SJ.

SJ: Eu sinto-me muito melhor atrás da câmara, do que em frente, mas se for uma coisa que é só passar ou palavrinhas pequeninas, tanto faz.

JF: Eu por exemplo, eu pareço toda espalhafatosa, que faço a festa, mas depois também tenho aqueles meus lados de ser tímida e de ser fechada.

Investigadora: Mas isso não se vê na câmara, vocês na câmara parece que se sentem muito à vontade com o estar a ser gravadas.

JF: É verdade.

Investigadora: E tu LJ, gostas mais de mexer na câmara ou de ser ator?

LJ: As duas coisas.

Investigadora: Das duas coisas. E digam-me uma coisa, por exemplo se houvesse outro projeto igual a este ou sobre fotografia, vocês gostavam de participar?

JF: Eu gostava.

CL: Eu fiz voluntariado de fotografia durante cinco meses na Hungria só que era com uma máquina a pilhas e só tinham uma máquina digital.

Investigadora: Mas aqui não era fotografar só por fotografar, era uma coisa mais profissional.

CL: Tenho de ter um significado.

Investigadora: Exatamente, ou gostavam de experimentar uma coisa de cinema, mas de uma forma diferente.

JF: Eu gostava de experimentar de fotografia, acho que é muito interessante.

Investigadora: Oca.

JF: E fotografar pessoas, fotografar-nos, mas em contextos diferentes, tristes, contentes.

Investigadora: E vocês antes de começarem este projeto, começámos em novembro, vocês aprenderam coisas, ou seja, vocês descobriram novos gostos ou continuam e quando acabarem isto já não querem saber de filmagens.

JF: Sim, descobri novos gostos. Eu gosto de cinema, mas não achava tão interessante como agora.

Investigadora: Porquê?

JF: Porque achava que era uma exposição, que era incómodo.

Investigadora: Mas tu o que costumavas fazer, vais ao cinema ou vês filmes em casa?

JF: Sim.

Investigadora: E agora que experimentaste fazer os filmes achas que foi só uma experiência para fazer uma vez?

JF: Não, se a Rita agora me voltasse a convidar para fazer outra coisa fotográfica ou cinema, eu aceitaria. Porquê? Porque é uma experiência espetacular. Eu aprendi a gostar e isso era uma das suas missões. Ao início não achava assim muita graça, mas com depois com o tempo comecei a ir gostando.

Investigadora: Mais ou menos, quando é que começaste a gostar, lembras-te?

JF: A partir de janeiro, porque as coisas foram avançando e à medida que iam avançando, nós íamos aprendendo mais e depois a Rita também nos foi começando a motivar explicando outras coisas. Quando era aquilo das fotografias só, eu não entendi bem porquê, mas eu gosto de fotografias de expressões, ou que está triste ou outros motivos ou paisagens também gosto.

Investigadora: E tu CL? Achas que este projeto, isto que temos estado a fazer levou-te a ter um gosto por alguma coisa, levou-te a querer fazer outras experiências?

CL: Sim, está-me a dar muita vontade de estar sempre a fazer filmes a toda a hora.

Investigadora: E tens feito isso, por exemplo, quando saís daqui tens essa vontade?

CL: Não, também porque não tenho um tripé, não tenho a câmara, mas tenho de ter o número de pessoas.

Investigadora: Mas tens vontade de experimentar, de fazer tu por ti, não é?

CL: Sim, mas de forma mais real como fosse participar numa novela, mesmo um filme a sério. Tinha de ter muita experiência que não tenho.

Investigadora: Oca.

JF: Também há uma coisa que eu acho muito gira, que é por exemplo, nós acabamos por quando isto acabar acabamos por ver o resultado e é giro. Porque de cinema eu não tinha experiência nenhuma, mas de teatro já tinha, já tinha feito várias personagens, já tinha escrito quando andava na escola éramos nós que escrevíamos os personagens, mas quando se improvisa é diferente. O teatro não é igual ao cinema. É bom ter duas experiências.

Investigadora: SJ, e tu? Achas que tens estado a ganhar gosto por isto? Achas que quando acabar isto nunca mais queres pegar em câmara?

SJ: Não, estou a toda a hora a pegar, no meu telemóvel é a toda a hora.

Investigadora: E tens ensinado algumas coisas à tua mãe? Coisas que aprendes aqui ou nem por isso?

SJ: Não, de momento não. Isto porque ainda não cheguei a gravar nada, também porque o telemóvel não está muito bom para gravar.

Investigadora: Mas tu, se pudesses ter uma câmara destas gostavas de fazer, era?

SJ: Sim.

Investigadora: E tu MS?

MS: Eu gostei muito.

Investigadora: Tens estado a gostar de mexer na câmara?

MS: Eu gosto de mexer na câmara e das coisas.

Investigadora: E gostavas de aprender mais alguma coisa?

MS: Não, é só isso.

Investigadora: E tu LJ?

LJ: É uma experiência nova.

Investigadora: É uma coisa que gostavas de repetir ou nem por isso?

LJ: Gostava de repetir.

Investigadora: Gostavas de repetir?

LJ: Sim.

Investigadora: E desta vez gostavas de estar no processo de criar a história e isso tudo? Vocês já entraram tínhamos tudo feito, gostava de passar por essa experiência de construir a história, de criar personagens?

LJ: Acho que não tenho muito jeito, não tenho ideias.

Investigadora: Tinhas receio de não ter ideias?

LJ: Sim.

Investigadora: Oca e tu Humberto?

Humberto: O que vou dizer? Uma pessoa vai sempre aprendendo.

CL: Podíamos cada um espalhar um sonho que temos e motivar esses sonhos todos juntos para criar uma história.

Investigadora: Sim, isso ideias é o que não falta. Pode ser um ponto de partida.

CL: É isso que eu estou a falar.

Investigadora: Sim, pode ser um ponto de partida. E tu LO?

LO: Também.

Investigadora: Tens estado a gostar de aprender?

LO: Também.

Investigadora: Gostavas de repetir um projeto destes ou nem por isso?

LO: Adorava.

Investigadora: E de fotografia?

LO: Também.

Investigadora: Fotografia ou vídeo, qual preferes?

LO: Pode ser as duas coisas.

CL: Pode ser um misto.

Investigadora: Pode ser uma coisa mista, porque não?

ANEXO VI – MODELO DE QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO NA PERSPETIVA DA EQUIPA TÉCNICA

Habilitações Académicas: _____

1. Para cada questão, assinale com um X na escala que melhor se adequa com a sua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
1.1. Desde que o grupo começou a participar neste projeto, relata regularmente o que fez ou aprendeu de novo e a experiência vivida.				
1.2. O grupo costuma falar com os restantes colegas, que não participaram no projeto, sobre o que aprenderam a fazer.				
1.3. Desde que o grupo começou a participar neste projeto, considera que despertou neles algum tipo de curiosidades para querer aprender mais sobre cinema ou uma temática relacionada				
1.4. É frequente o entusiasmo dos participantes nas atividades do projeto.				
1.5. Considera que o projeto tem melhorado a comunicação do grupo com os restantes colegas.				
1.6. Considera que o projeto melhorou o respeito entre os participantes.				
1.7. Considera que o projeto melhorou as relações interpessoais entre o grupo.				
1.8. Acha que este projeto permite uma melhoria do trabalho em equipa				
1.9. Considera que o projeto possibilita aos participantes poderem expressar o que pensam e o que sentem.				
1.10. Considera que o projeto possibilita desenvolver a criatividade e imaginação.				

2. No seu entender, notou alguma mudança no comportamento dos clientes no decorrer e/ou após a sua participação neste projeto? Por favor, especifique qual(is) o (s) cliente (s) e qual(is) a(s) mudança(a).

3. Que benefícios considera que este tipo intervenção trouxe para o desenvolvimento dos clientes do CAARPD?

4. Na sua opinião, qual foi o impacto deste projeto para a instituição?

5. Qual é a sua opinião sobre o envolvimento do grupo neste tipo de projetos (tais como: fotografia, cinema, teatro, música)?

6. Numa perspetiva de melhoria para futuros projetos, tem alguma crítica ou sugestão? Pode fazer a sua apreciação aqui.

Grata pela sua colaboração!

ANEXO VII – MODELO DE QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO NA PERSPETIVA DO CUIDADOR LEGAL

1. Para cada questão, assinale com um X na escala que melhor se adequa com a sua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
1.1. Desde que o seu filho/ neto começou a participar neste projeto, às terças-feiras, relata conta regularmente o que fez ou aprendeu de novo e a experiência vivida.				
1.2. O seu filho/ neto procura explicar os termos técnicos e os conceitos que tem aprendido.				
1.3. Em casa pede para utilizar a máquina fotográfica ou o telemóvel para fazer experiências com gravações.				
1.4. Pede ajuda à família para utilizar a máquina fotográfica ou telemóvel para fazer filmagens em casa.				
1.5. Em casa o seu filho/ neto procura no computador, ideias para fazer nas filmagens.				
1.6. Desde que o seu filho/ neto começou a participar neste projeto, considera que despertou nele algum tipo de curiosidade para querer aprender mais sobre cinema.				
1.7. É frequente o entusiasmo do seu filho/ neto na participação das atividades do projeto.				
1.8. Considera que o projeto tem melhorado a comunicação do seu filho/ neto com os outros colegas.				
1.9. Acha que este projeto permite uma melhoria do trabalho em equipa.				
1.10. Acha que o seu filho/ neto desde que começou a participar consegue expressar melhor aquilo que sente e pensa.				

1.11. Considera que este projeto possibilita as pessoas de melhorarem a criatividade e imaginação.				
--	--	--	--	--

2. No seu entender, notou alguma mudança no comportamento do seu educando (a) após a sua participação neste projeto? Qual (is)?

3. Que benefícios considera que este projeto trouxe para o desenvolvimento do seu educando?

4. Numa perspectiva de melhoria para futuros projetos, tem alguma crítica ou sugestão? Pode fazer a sua apreciação aqui.

5. Qual é a sua opinião sobre o envolvimento do seu educando neste tipo de projetos (tais como: fotografia, cinema, teatro, música)?

Grata pela sua colaboração!

ANEXO VIII – MODELO DE QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO NA PERSPETIVA DO PARTICIPANTE

Género: _____ Idade: _____

1. Gostaste de participar neste projeto de criação de um filme?

Não Mais ao Menos Sim

1.1. Porquê?

2. Qual foi a parte que mais gostaste? Numera por ordem de preferência, sendo que o 6 foi o que gostaste menos e o 1 o que gostaste mais.

Aprender técnicas de filmagem	<input type="checkbox"/>	Legenda: 1. Adorei 2. Gostei Muito 3. Gostei 4. Gostei Pouco 5. Gostei Muito Pouco 6. Não Gostei
Fazer experiências em vídeo	<input type="checkbox"/>	
Escrever a história	<input type="checkbox"/>	
Construir o <i>storyboard</i>	<input type="checkbox"/>	
Fazer as gravações finais	<input type="checkbox"/>	
Editar no computador	<input type="checkbox"/>	

2.1. Qual a parte que mais gostaste e porquê?

2.2. Qual a parte que menos gostaste e porquê?

3. Para cada questão, assinala com um X na escala que melhor se adequa com a tua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
3.1. A animadora explicou as ideias e técnicas de forma clara e simples.				
3.2. As sessões e atividades eram organizadas.				
3.3. As atividades eram bem dinamizadas.				
3.4. Gostarias de participar noutro projeto relacionado com o vídeo, mas sobre outro tema e outras atividades.				

4. O projeto correspondeu às tuas expetativas?

5. Para cada questão, assinala com um X na escala que melhor se adequa com a tua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
5.1. Costumas contar as atividades que fazes do projeto à tua família.				
5.2. Costumas contras as atividades que fazes aos teus colegas.				

5.3. Em casa costumava utilizar a máquina fotográfica ou o telemóvel para fazer experiências com gravações.				
5.4. Pedes ajuda à tua família para fazer filmagens em casa.				
5.5. Pedes ajuda aos teus amigos para fazer filmagens.				
5.6. Em casa procuras no computador ideias para fazer nas filmagens.				
5.7. Achas que o projeto te ajudou a melhorar a tua comunicação com os teus colegas.				
5.8. O projeto ajuda a melhorar o respeito pelos colegas.				
5.9. Achas que desenvolver um filme é bom projeto para melhorar o trabalho em equipa.				
5.10. Achas que este projeto te ajudou a seres mais criativo.				
5.11. Achas que o projeto ajuda as pessoas expressarem o que pensam e o que sentem.				
5.12. Achas que este tipo de projeto pode ajudar pessoas que sejam tímidas a ficarem menos tímidas.				
5.13. Achas que este tipo de projeto pode ajudar pessoas com pouca autoestima.				

6. Para ti qual foi a aprendizagem/ momento mais importante com este projeto?

7. Tens alguma sugestão ou ideia para melhorar futuros projetos? Se sim, qual?

Obrigada pela tua colaboração!

ANEXO IX – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DO GRUPO FOCAL

Tema	Categoria	Unidades de Registo	Unidade de Contexto
<p>Aprendizagem de Competências</p>	<p>Competências Tecnológicas</p>	<p>Assimilação de Conteúdos Teóricos e Práticos</p>	<p>«É mais uma arquitetura de nós olharmos, observarmos, como é que se faz, onde é que estamos, o que é que está primeiro, o que está depois, também para termos um comportamento melhor. Se saltássemos isto iria ser uma atrapalhação enorme a gente estar a tentar fazer o filme». (PCL, Sessão 8)</p> <p>«Também notei que temos de estar sempre com o foco da câmara centrada no que estamos a filmar naquele quadrado, já reparei que tive de espalhar isso por todos para todos perceberem». (PCL, Sessão 15)</p> <p>«Eu aprendo mais em prática no cinema do que em escrito». (PJF, Sessão 8)</p> <p>Quando era aquilo das fotografias só, eu não entendi bem porquê, mas eu gosto de fotografias de expressões, ou que está triste ou outros motivos ou paisagens também gosto». (PJF, Sessão 15)</p>
	<p>Competências Artísticas</p>	<p>Criatividade</p>	<p>«Eu sou muito criativa e adoro escrever. Como leio, escrevo. É uma maneira de eu expressar o que sinto». (PJF, Sessão 5)</p> <p>«Estamos mais autodidatas, mais criativos». (PCL, Sessão 15)</p> <p>«Dão mais entusiasmo, porque temos de tentar ser mais criativos com as filmagens para apanhar os cenários nos vídeos». (PCL, Sessão 12)</p>
		<p>Improvisação</p>	<p>«Senti-me melhor quando estava a improvisar porque podia dizer o que queria». (PLF, Sessão 11)</p> <p>«Porque é mais fácil (...) Fico perdido nas falas». (PLO, Sessão 11)</p>

			«Somos criativos quando estamos a representar com improviso, pensar o que é que havemos de fazer, como é que agimos, na representação. Damos sempre ideias novas de sítios onde gravar». (PCL, Sessão 15)
Participação	Autoestima	Complexos com a Voz	«A minha voz fica sempre um bocado ruim nas filmagens e nas gravações. Eu gosto de estar mais longe e sem apanhar a minha voz para poder estar a interpretar (...) Mais o corpo e não tanto a voz». (PFV, Sessão 5) «Não gosto de ouvir a minha voz. minha dizem que é de “maricas”». (PFV, Sessão 5) «Eu acho que a minha é de desenho animado. Já me disseram que é de desenho animado». (PSJ, Sessão 5)
	Interesse	Desempenho	«Eu vou-te deixar essas ideias todas apontadas com um PowerPoint e com um texto Word, tudo apresentado o melhor que eu puder». (PCL, Sessão 4) «Sempre desejei estar a gravar, estar por trás das câmaras. Gosto de estar por trás das câmaras. Sinto-me muito bem, gosto muito de estar a gravar o filme e estar focada». (PSJ, Sessão 5) «Eu gosto de cinema, mas não achava tão interessante como agora. (...) porque as coisas foram avançando e à medida que iam avançando, nós íamos aprendendo mais e depois a Rita também nos foi começando a motivar explicando outras coisas». (PJF, Sessão 15)
	Satisfação	Manuseamento dos Equipamentos Audiovisuais	«Foi giro. Gostei de mexer na câmara, de filmar, aproximar e afastar». (PMS, Sessão 2) «Achei interessante porque gosto de filmar e também de teatro. Aqui podia gravar à vontade, há sítios que vou com a minha mãe e não posso gravar à vontade». (PSJ, Sessão 2) «Eu gostei porque não sabia mexer nisso e tinha alguma curiosidade». (PJF, Sessão 2)

			<p>«Pela minha vontade é ter a câmara na mão para ficar com a câmara para sempre». (PCL, Sessão 11)</p> <p>«Achei uma coisa diferente, que nunca fiz. Só fiz teatro normal na escola onde estava e achei espetacular porque nunca tive tanta coisa com as máquinas de filmar e de fotografar, nunca mexi e gosto de mexer também e filmar». (PFV, Sessão 12)</p>
Relações Interpessoais	Trabalho em Equipa	Entreajuda	<p>«Foi um bocadinho morto (...) Porque não houve aquela alegria também, faltava um elemento essencial». (PLO, Sessão 3)</p> <p>«Porque nos ajudamos uns aos outros». (PLJ, Sessão 15)</p> <p>«Quando um colega precisa o outro vai lá e ajuda». (PJF, Sessão 15)</p> <p>«Acho que hoje foi mais criativo estarmos a fazer tudo isto em conjunto para dar uma elaboração melhor à história». (PCL, Sessão 6)</p>
Projeto	Interpretação	-	<p>«Eu gostei, por acaso não costumo gostar muito de ser a atriz, mas para além disso até gostei. Deixa-me desconfortável, não consigo». (PSJ, Sessão 3)</p> <p>«Eu não me sinto muito bem. Não é de me mostrar, pode-me mostrar à vontade, mas o problema é que não gosto muito de representar. Não me sinto bem a representar». (PSJ, Sessão 5)</p> <p>«Estou com um bocadinho de medo. Mesmo que não tenha de falar muito, mesmo só de dizer um “Olá” já fico com medo». (PSJ, Sessão 11)</p> <p>«Vai-me dar mais prazer aventurar-me a fazer os vídeos, a técnica que tenho de usar, a câmara. À frente da câmara não me sinto tão bem a ver-me a mim mesmo. Eu por trás da câmara sinto mais vontade de estar a realizar as coisas». (PSJ, Sessão 5)</p>
	Expetativas Face ao Projeto	Expetativas de Aprendizagem	«Eu gostava de aprender a mexer na máquina e saber organizar melhor com as máquinas, saber as técnicas para mexer na máquina. Sim, saber melhor mexer em

			<p>programas que eu não saiba. Para construir filmes e fazer pequenos filmes». (PFV, Sessão 4)</p> <p>«Achei isto muito interessante também porque quando estou a ver os filmes vai-me dar outras perspetivas, porque é que eu estou a ver, como é que tenho de focar». (PCL, Sessão 4)</p>
		Expetativas do Resultado	<p>«Eu gostei, achei que fizemos um trabalho bastante bom. Eu nunca tinha feito, visto que para mim foi uma primeira experiência foi especial. Acho que se continuarmos assim podemos fazer um trabalho bem giro». (PFV, Sessão 5)</p> <p>«Também há uma coisa que eu acho muito gira, que é por exemplo, nós acabamos por quando isto acabar acabamos por ver o resultado e é giro»». (PJF, Sessão 15)</p> <p>«A minha expetativa é que o filme fique giro, não digo espetacular porque somos amadores, mas desde que fique giro já dá aquela sensação na barriga de que fiz o que queria fazer». (PJF, Sessão 2)</p>
	Futuros Projetos	-	<p>«Estou entusiasmado em fazer aquilo que lhe falei, aquela peça que já vi há muito tempo, desde a infância que gosto muito de ver e gostava de pôr isso em palco, com pessoas e cenários e tentar fazer cada cena diferente que eu vejo no vídeo». (PCL, Sessão 12)</p> <p>«Eu estou mais empenhado para fazer novos filmes porque já vou estar mais preparado para fazer tudo». (PCL, Sessão 14)</p> <p>«Eu gostava de experimentar de fotografia, acho que é muito interessante. E fotografar pessoas, fotografar-nos, mas em contextos diferentes, tristes, contentes». (PJF, Sessão 15)</p> <p>«está-me a dar muita vontade de estar sempre a fazer filmes a toda a hora». (PCL, Sessão 15)</p>

ANEXO X – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DO DIÁRIO DE BORDO

Tema	Categoria	Unidades de Registo	Unidade de Contexto
Aprendizagem de Competências	Utilização da Tecnologia	<p>Manuseamento dos Equipamentos Audiovisuais</p>	<p>«Realizaram a atividade com grande facilidade e compreenderam facilmente o funcionamento da máquina». Sessão 2</p> <p>«Usavam o telemóvel sem parar as gravações (...) sem fazer cortes e sem pensar bem o que queriam, não tiveram muita estabilidade e não pensavam naquilo que queriam gravar» Sessão 1</p> <p>«Os clientes quando usaram a máquina com o tripé, associaram o tripé à estabilidade, a imagens estáticas, qual os movimentos eram registados mais com uma máquina fotográfica e não de filmar». Sessão 2</p>
		<p>Dificuldades de Compreensão dos Conteúdos</p>	<p>«Não chegaram propriamente ao objetivo que tinha traçado para esta sessão. Demonstraram algumas dificuldades em “sair” do personagem e dali criarem o seu próprio personagem (...) Estiveram muito colados ao personagem que escolheram não conseguindo afastar-se da personalidade e aspeto físico do mesmo». Sessão 6</p> <p>«Porém tenho-me apercebido que para eles é mais confuso gravar situações a meio do que se fosse do início ao fim, na cabeça deles é mais fácil haver um seguimento lógico do que andar a “saltar” de cena em cena». Sessão 14</p>
	<p>Competências Artísticas</p>	<p>Criatividade</p>	<p>«Os participantes mostraram-se bastante criativos e sem qualquer dificuldade a criar a história, facilmente têm ideias para criar e desenvolver a história, e quando bloqueiam basta eu dar um mote ou sugerir algo para que os participantes facilmente desbloqueiem o pensamento». Sessão 7</p>

			«Na realização dos desenhos para os sonhos quando pedi que desenhassem um sonho ou algo que gostassem de fazer no futuro, o HA, a MS e o LO bloquearam um pouco e tive de ajudar com algumas ideais (...) Tiveram mais dificuldades para pensar num sonho e desenhá-lo». Sessão 10
		Improvisação	«Tenho-me apercebido que todos têm tido uma grande capacidade de improviso enorme, para além de o conseguirem fazer diversas vezes sem se enganarem, também conseguem sem dificuldade». Sessão 15
Participação	Concentração	-	«Os clientes tinham pressa em gravar as cenas e os atores faziam as coisas a rir e não levaram muito a sério a história e as gravações». Sessão 3 «O FV estava sempre a interromper com exemplos de situações fora do contexto do projeto». Sessão 4 «O FV nesta sessão estava muito excitado e inquieto, não conseguia estar parado e em silêncio durante muito tempo». Sessão 13 «Quando o FV não está presente, os participantes conseguem concentrar-se mais facilmente e não há tantas interrupções». Sessão 15
	Motivação	Interesse	«(...) Mostraram-se sempre bastante curiosos e entusiasmados por nunca terem experimentado fazer filmagens no exterior e algo do género (...) Estiveram constantes a referir que o que estavam a fazer, segundo as suas palavras era giro e divertido». Sessão 2 «Já na ida para a sala, referiram com alguma tristeza que já não iam gravar mais nada, quando a SJ diz: ainda vai haver uma grande festa, vamos ver os filmes!». Sessão 2 «Os participantes de um modo geral foram bastante participativos e conseguiram compreender bem o que era um storyboard e como se construía. Todos queriam participar na construção, no entanto, como era apenas um guião, tinha de aguardar à vez». Sessão 9

			<p>«Na realização da pintura do cartaz, estavam sempre a mencionar que estavam entusiasmados para as filmagens e que ia ser emocionante». Sessão 10</p> <p>«Querem mostrar muito o que têm feito ao longo do projeto aos restantes colegas dado que eles têm falado muito e estão todos curiosos». Sessão 17</p>
	Incompreensão Inicial	-	<p>«Os clientes ficaram recetivos quando pedi que gravassem tudo o que quisessem livremente, sentiram-se desamparados, sem diretrizes e conselhos». Sessão 1</p> <p>«O LO, numa das suas gravações, decidiu filmar a casa-de-banho e a SJ perguntou ao colega o que achava de interessante em gravar uma casa-de-banho (...). Sessão 1</p> <p>«A SJ referiu que não queria ser filmada preferindo assim fazer na parte das gravações e da realização e não ser atriz». Sessão 5</p>
Relações Interpessoais	Trabalho em grupo	Entreajuda	«A atividade foi feita com empatia, cooperação, ajuda entre si como por exemplo: na escolha de locais para gravar ou qual o melhor plano de imagem, etc.». Sessão 2
		Respeito	«O FV interrompia constantemente para falar de outros assuntos que nada tinham a ver com a sessão mesmo tendo sido diversas vezes avisado (...). Sessão 5
		Comunicação	<p>«A MS e o LO pouco falaram, tendo diversas vezes de ser eu a puxar para que eles comunicassem fazendo-os participar na conversa». Sessão 4</p> <p>«O LO não teve uma participação muito ativa, foi um pouco abafado pelos colegas, ficou calado enquanto os outros mexiam na câmara». Sessão 5</p> <p>«Nestas sessões que têm ocorrido, a SJ tem se tornado menos tímida e desinibida. Tem comunicado cada vez mais comigo e os colegas (...) No início dizia que apenas queria realizar as filmagens, e de um momento para o outro, já estava a ponderar de alguma maneira querer ter um papel, mesmo que pequeno». Sessão 9</p>

			<p>«O CL foi bastante mediador e deu a sua perspectiva e sugestões de como poderiam ser gravadas algumas cenas juntamente com o FV». Sessão 9</p> <p>«O LO continua muito calado e concentrado no seu mundo. Mesmo na parte em que fez o papel de ator é muito tímido e sem conseguir produzir muitas falas, mesmo os colegas puxando por ele». Sessão 14</p>
Formadora	Resolução de Conflitos	-	«O FV e a JF entraram em conflito (...) Tentei servir de intermediária e tentar apaziguar a tensão, ao início resultou, no entanto, o FV decidiu abandonar a sessão e falar com a psicóloga». Sessão 8
	Adaptação às Adversidades	-	<p>«Os participantes juntam-se todos ao pé da câmara, tornando-se difícil para mim conseguir arranjar uma forma de fazer com que todos participem, mantendo a organização, a postura e a ordem». Sessão 5</p> <p>«Os participantes que estiveram nas gravações não participaram muito, a SJ foi a que mexeu mais na câmara enquanto os restantes olhavam. Não consegui gerir bem essa parte, acabei por fazer com que o HA, LJ e a MS não participassem ativamente». Sessão 11</p>

ANEXO XI – CARTA DE EXPLICAÇÃO DO ESTUDO E DO CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO: PARTICIPAÇÃO NUM PROJETO DE INVESTIGAÇÃO

Eu, Rita Assunção, matriculada no segundo ano do Mestrado de Intervenção e Animação Artísticas da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, sob a orientação dos professores doutores Carla Freire e Andrzej Kowalski, encontro-me a desenvolver um projeto de investigação designado de “Olho para a Coisa”.

Este estudo tem como principal objetivo compreender em que medida pode a utilização do audiovisual fomentar as relações interpessoais e contribuir para a promoção do bem-estar psicossocial.

Neste sentido, serão efetuadas sessões semanais que se realizarão durante o mês novembro de 2017 e terminarão, em princípio, em meados de maio de 2018. Estas sessões consistem na dinamização de atividades ao nível da criação de produtos de vídeo e multimédia, que serão divididas pelas seguintes etapas:

1. Etapa – Explicação do processo de filmes
2. Etapa – Elaboração de uma narrativa em grupo
3. Etapa – Elaboração de um *storyboard* sobre a mesma narrativa
4. Etapa – Organização e estruturação da gravação da narrativa
5. Etapa – Edição e montagem do vídeo em computador

Dependendo do desempenho e necessidades dos participantes, o projeto pode ser suscetível a mudanças ao longo da sua implementação, com vista à melhoria de práticas.

De forma a podermos documentar todo o processo, o projeto será alvo de avaliação científica com base em observação e entrevistas grupais, que serão realizadas no final de cada sessão.

A identidade dos participantes não será revelada, sendo para o efeito criado código de participante que permitirá preservar o seu anonimato. Os resultados, tratados de forma confidencial, serão utilizados apenas para efeitos do presente estudo e divulgados no projeto de mestrado e eventualmente em publicações de carácter científico. A participação neste estudo é voluntária e dependente do consentimento informado. Assim sendo, venho solicitar a sua participação neste projeto de investigação.

Se achar que algo não está claro ou para o caso de dúvidas futuras, não hesite contactar-me através do correio eletrónico: ritaassuncao54@gmail.com.

* * * * *

Os aspetos mais importantes deste estudo foram explicados ao participante ou ao seu representante, antes de solicitar a sua assinatura

Assinatura da Investigadora

_____/_____/_____

Data

CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

PARTICIPAÇÃO NUM PROJETO DE INVESTIGAÇÃO

Eu, _____, declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela investigadora. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, poder desistir de participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar voluntariamente no projeto de investigação “Olho para a Coisa”.

Assinatura do Participante

Assinatura do Representante Legal Participante

_____/_____/_____
Data

ANEXO XII – CARTA DE EXPLICAÇÃO DO ESTUDO E DO CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO: AVALIAÇÃO DO PROJETO

Título:

Avaliação do Projeto *Olho para Coisa* - utilização da linguagem audiovisual, com intuito de criação de filmes de animação e de ficção por parte dos clientes do CAARPD.

Investigadora:

Rita Assunção, mestranda de Intervenção e Animação Artísticas da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria.

Descrição do Projeto:

Olho para a Coisa é um projeto de intervenção artístico que utiliza as novas tecnologias e equipamentos de vídeo como meio de desenvolvimento de competências não só pessoais, como sociais e expressivas.

O projeto consiste numa série de atividades relacionadas com o processo de criação cinematográfica através da experimentação das diferentes fases de desenvolvimento de produtos audiovisuais. Esta intervenção tem como objetivos:

- Compreender algumas noções básicas e questões técnicas sobre a linguagem audiovisual;
- Participar ativamente no processo de criação de um filme;
- Melhorar as relações interpessoais;
- Desenvolver as capacidades de expressão e comunicação;
- Promover a criatividade.

Objetivos do Estudo:

Nesta fase final, gostaria de avaliar o impacto que este projeto teve na vida dos clientes do CAARPD, de forma a que se possam melhorar práticas e propor novas ações. Este estudo tem com objetivos:

- Identificar os aspetos mais positivos e menos positivos do projeto;

- Analisar em que medida a utilização de estratégias com recurso ao audiovisual permitem desenvolver, nos participantes, competências pessoais, sociais e expressivas.

Neste sentido, agradece a vossa colaboração no presente estudo.

Método:

O presente estudo é de carácter exploratório, com vista a avaliação da intervenção realizada no âmbito do Projeto *Olho para a Coisa*, relacionada com a utilização da linguagem audiovisual, como ferramenta de intervenção.

Para se compreender em que medida foram atingidos os objetivos previamente estabelecidos e se foram concluídos com sucesso, pretende-se utilizar como técnica de recolha de dados o inquérito por questionário, aplicado aos cuidadores (formais e informais) dos clientes, bem como, aos mesmos.

Participação e Confidencialidade:

A participação no estudo é totalmente voluntária. Os dados recolhidos, no âmbito do estudo, serão tratados de forma confidencial, sendo codificados e guardados à responsabilidade da investigadora. Os resultados obtidos nos questionários, serão apresentados posteriormente, não identificando os participantes individualmente.

Para qualquer questão relacionada com o estudo, pode contactar livremente a investigadora, com o intuito de esclarecer qualquer dúvida que subsista, através do correio eletrónico: ritaassuncao54@gmail.com

Desde já agradeço a colaboração e preenchimento do questionário.

A investigadora:

Rita Assunção

CONSENTIMENTO INFORMADO, ESCLARECIDO E LIVRE

Avaliação do Projeto *Olho para Coisa* - utilização da linguagem audiovisual.

Eu _____ declaro que os procedimentos da investigação, descritos na carta anexa, responderam de forma satisfatória às minhas questões. Compreendo as vantagens da minha participação neste estudo e considero que não apresenta qualquer potencial risco. Compreendo que tenho o direito de colocar qualquer questão relativa ao estudo, agora e durante o processo de desenvolvimento da investigação. Fui informado(a) sobre o sigilo dos dados colhidos e tratados posteriormente, que estarão protegidos pelos investigadores. Neste sentido, concordo com a minha participação voluntária neste estudo.

Data:

_____/_____/_____

Assinatura:

ANEXO XIII – DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE CEDÊNCIA DOS DIREITOS DE IMAGEM

Eu, _____, declaro que autorizo, a título gratuito, o uso dos direitos da minha imagem, quer seja, captada em fotografia ou vídeo, bem como, aceito a sua utilização, publicação ou reprodução apenas para fins do projeto de investigação “Olho para a Coisa” e na garantia de confidencialidade e anonimato.

Declaro, ainda, que é permitido filmar, gravar ou fotografar a minha imagem em tudo o que se relacione com gravações áudio e audiovisuais.

A investigadora garante que respeitará o direito de imagem, de tal forma que nenhuma das utilizações efetuadas possa vir a afetar a sua dignidade pessoal. Estas imagens não poderão, em caso algum, ser cedidas a terceiros sem expressa e prévia autorização do participante.

Assinatura do Participante

Assinatura do Representante Legal do Participante

_____/_____/_____

Data

ANEXO XIV – FOLHA DE REGISTO DE PRESENÇAS

DATA	SESSÃO	MS	SJ	JF	LO.	CL	FV	HA	LJ
28/11	1	X	X	X	X				
5/12	2	X	X	X	X				
12/12	3	X		X	X				
16/1	4	X		X	X	X	X		
23/1	5		X	X	X	X	X		
6/2	6	X	X	X	X	X			
20/2	7	X	X				X		
27/2	8	X		X			X		
6/3	9	X	X	X	X	X	X	X	X
13/3	10	X	X	X	X	X	X	X	X
20/3	11	X	X		X	X		X	X
27/3	12					X	X	X	X
3/4	13	X	X	X		X	X	X	X
10/4	14	X	X	X	X	X	X		X
17/4	15	X	X	X	X	X		X	x
24/4	16		X		X		X	X	x
8/5	17		X	X	X	X		X	x
16/5	18	X			X		X	X	
22/5	19			X	X	X	X	X	X
23/5	20	X		X	X		X	X	X

	Experimentação e exploração da câmara e aprendizagem de técnicas
	Construção da História
	<i>Storyboard</i>
	Construção Adereços
	Gravações Finais
	Avaliação
	Apresentação do Trabalho

ANEXO XV – BILHETE DE IDENTIDADE DE PERSONAGEM

Participante SJ



BILHETE DE IDENTIDADE

CARACTERÍSTICAS DO PERSONAGEM

Nome: Sakura

Idade: 23

Nacionalidade: portugal- lisboa

Profissão: vetermária

Cor de Olhos: azul

Cor da Pele: cor de pele

Cor do Cabelo: azul e roxo

Como é que se movimenta? marginalmente

Com quem vive? pais


O que faz para se divertir? cosplay, Ver anime, musica

Quais são os seus medos? mão a aceitar como ela é

Quais os seus sonhos? ir a um evento de anime
ir à dança

Participante LO

TE DE IDENTIDADE
ENHO DO PERSONAGEM



The image shows a worksheet for a drawing activity. In the top left corner, there is a small illustration of a mermaid with long brown hair and a dark tail. To the right of this illustration, the text "TE DE IDENTIDADE" and "ENHO DO PERSONAGEM" is printed. Below this text is a large rectangular box containing a child's drawing of a merman. The merman has a yellow hat, a pink body, and a blue tail. The drawing is simple and colorful, typical of a child's artwork.

BILHETE DE IDENTIDADE

CARACTERÍSTICAS DO PERSONAGEM

Nome: David

Idade: 40

Nacionalidade: Portugal

Profissão: GUARDIÃO DOS OCEANOS

Cor de Olhos: Castanhos

Cor da Pele: Branca

Cor do Cabelo: Loiro

Como é que se movimenta? Água


Com quem vive? Animais

O que faz para se divertir? Brimcar com os animais

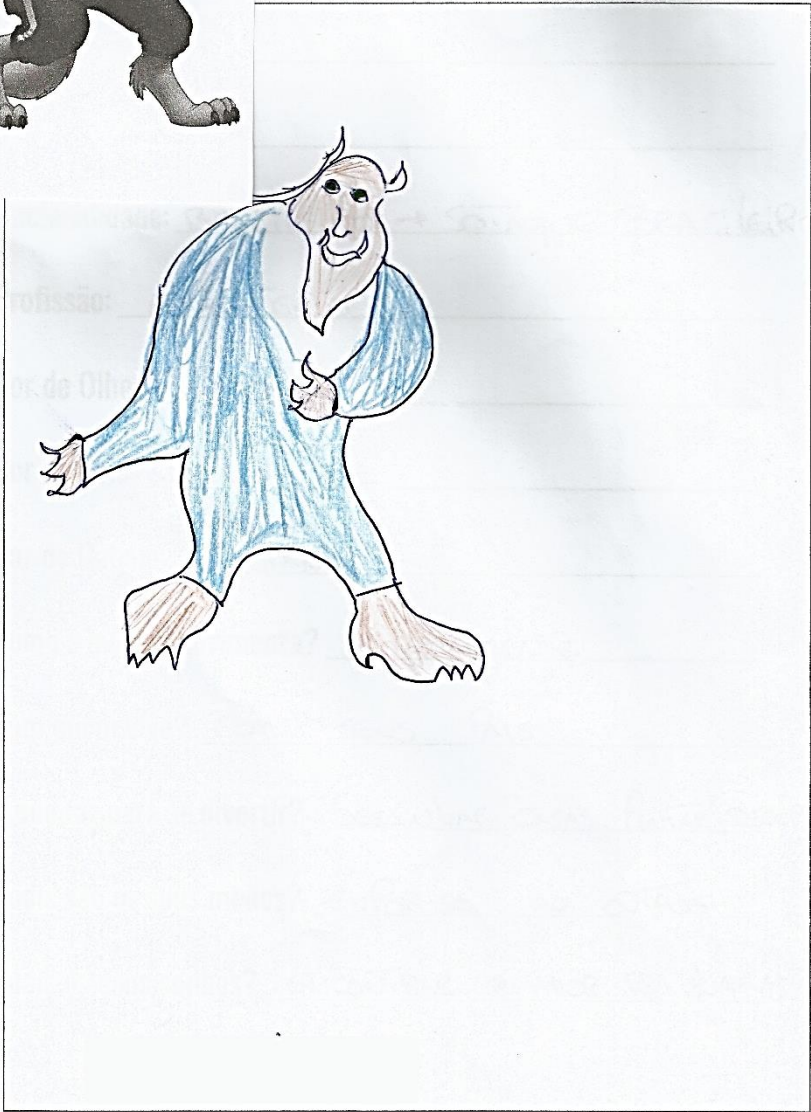
Quais são os seus medos? SER DESCOBERTO QUE ERA SEREÍ

Quais os seus sonhos? que fosse lua cheia todos os dias

Participante CL



FICHETE DE IDENTIDADE
DESENHO DO PERSONAGEM



The image shows a worksheet for a drawing activity. On the left, there is a reference illustration of the Beast from Disney's 'Beauty and the Beast', depicted in a dark suit with a white scarf. To the right of the reference image, the text 'FICHETE DE IDENTIDADE' and 'DESENHO DO PERSONAGEM' is printed. Below this text is a large rectangular box containing a hand-drawn sketch of the Beast. The sketch is drawn in blue and brown, showing the character's distinctive features like his horns and large hands. The background of the worksheet is light blue with faint horizontal lines.

BILHETE DE IDENTIDADE

CARACTERÍSTICAS DO PERSONAGEM

Nome: Piôre

Idade: 19

Nacionalidade: BRASILEIRO → SOTAQUE BRASILEIRO

Profissão: ARQUITECTO

Cor de Olhos: VERDES

Cor da Pele: COR DA PELE

Cor do Cabelo: CASTANHO

Como é que se movimenta? NORMALMENTE

Com quem vive? COM SEUS PAIS

O que faz para se divertir? DESENHAR CASAS, PINTAR, DECORAR



Quais são os seus medos? EXPOR-SE AO OUTROS

Quais os seus sonhos? ENCONTRAR O AMOR DA SUA VIDA

Participante JF

ALHETE DE IDENTIDADE

DESENHO DO PERSONAGEM



BILHETE DE IDENTIDADE

CARACTERÍSTICAS DO PERSONAGEM

Nome: Ariel

Idade: 18 anos

Nacionalidade: Brasil

Profissão: modelo

Cor de Olhos: verdes

Cor da Pele: branca

Cor do Cabelo: loiro loiro

Como é que se movimenta? mal

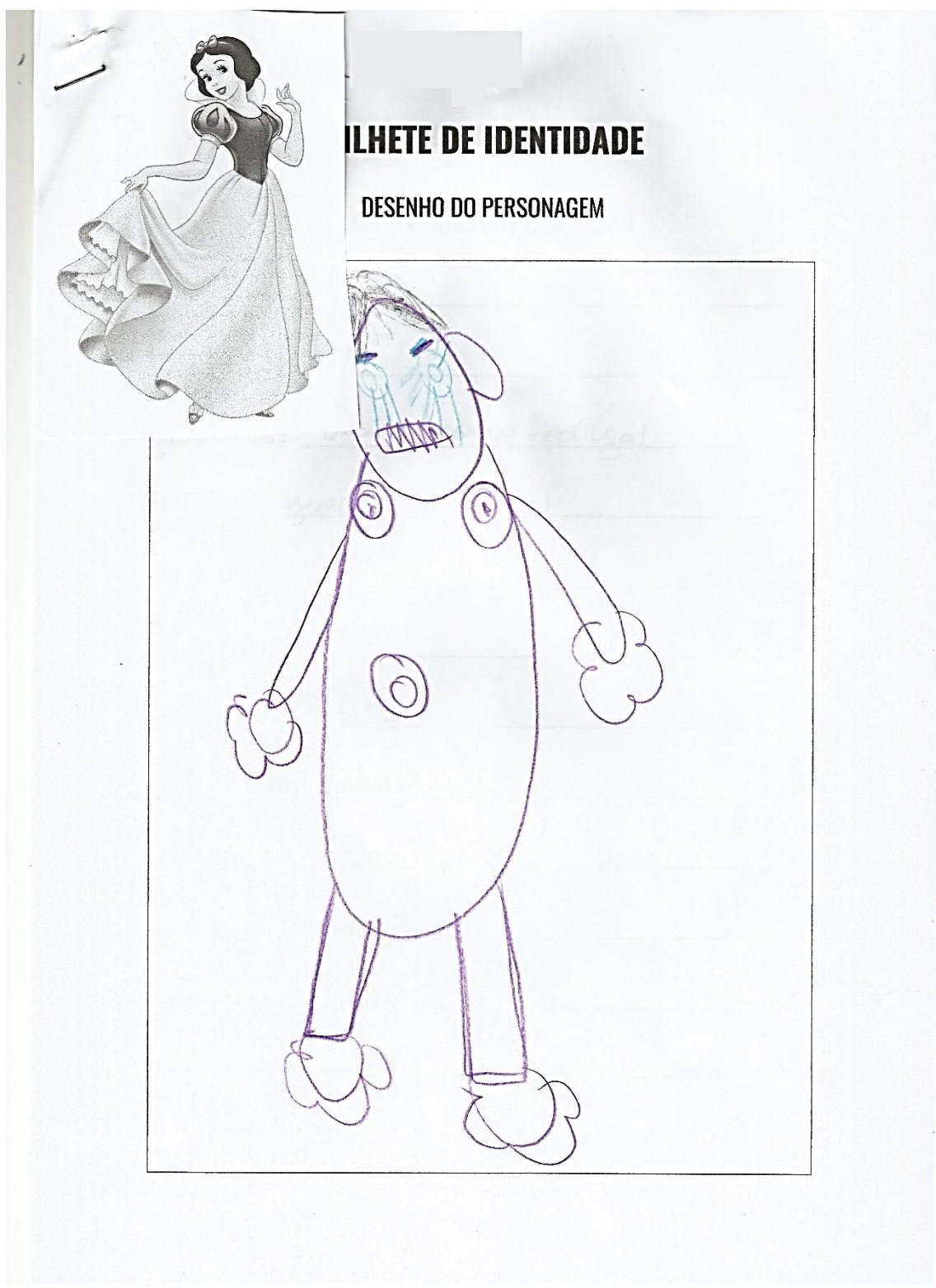
Com quem vive? com mãe, duas irmãs

O que faz para se divertir? estilo de cavalo

Quais são os seus medos? de aranhas

Quais os seus sonhos? ter um cão

Participante MS



BILHETE DE IDENTIDADE

CARACTERÍSTICAS DO PERSONAGEM

Nome: FRANCISCA

Idade: 50

Nacionalidade: Castelo Branco - Portugal

Profissão: guarda florestal

Cor de Olhos: azuis

Cor da Pele: branca

Cor do Cabelo: preto

Como é que se movimenta? correr

Com quem vive? sozinha na cidade

O que faz para se divertir? cantalar

Quais são os seus medos? animais

Quais os seus sonhos? ir para outra cidade

ANEXO XVI – HISTÓRIA ORIGINAL

Era uma vez um pequeno jovem que ainda se preparava para se o príncipe da corte real. E um dia ao perder a sua mãe ele mudou radicalmente de personalidade devido à educação que o pai lhe deu desde em diante e daí nunca mais soube o que era amar de verdade.

Passado alguns anos apareceu na vida deste rapaz uma linda menina que se chamava Ema. Logo nesse instante ela não lhe agradou, mas mesmo assim se fascinou com a beleza ela, e todos os dias ela aparecia em frente da sua casa deixando uma pintura.

Alguém recolhia sempre as pinturas mesmo não sabendo de onde vinham. Até que um dia o jovem príncipe depara-se com a beleza da sua casa e pergunta ao camareiro de quem eram todas aquelas pinturas, pois esse príncipe começava a fascinar-se com o mundo das artes.

A autora desse trabalhos foi chamada e quanto todas as pintoras descobriram que o presente final de ser encontrada pelo príncipe, a partir daí gerou-se uma enorme confusão pela qual o príncipe resolveu ver toda a vila e cada pintora deveria visitar a casa dele ficando três dias a pintar uma única tela, ao fim de um mês aparecia era a última rapariga de todas e com um ar meio tímido, mas com empenho que já tinha de tanto pintar, em uma só tela representou muitas características de muitas pinturas já antes feitas e daí o príncipe reparou como ela pintava e logo que ela parou de pintar essa tão apreciada tal ele ficou convencido que só poderia ser ela.

Passaram alguns dias e eles casaram-se como príncipe e princesa.

ANEXO XVII – HISTÓRIA “O DOM DE ARIEL”

Era uma vez uma jovem rapariga que tinha um talento inimaginável e que gostava muito de desenhar e pintar e para mostrar o seu talento utilizava o desenho para o mostrar. O seu talento era adivinhar e retratar os sonhos das pessoas. Trabalhava todos os dias no mesmo sítio, à hora do costume, sentava-se numa cadeira e quem passasse por ali e quisesse um desenho, ela com toda a sua paixão desenhava.

Um dia, tal como tantos outros, lá estava ela de novo, a fazer aquilo que mais gostava de fazer: desenhar e pintar. Até que de repente por ela passou um rapaz, que nunca tinha visto por ali passar. O rapaz olhou para ela, sorriu e seguiu caminho por ali fora em direção a uns prédios que eram usados como escritórios de arquitetura.

No dia a seguir, lá estava ela novamente, e novamente o rapaz passou por ela, mas desta vez não seguiu caminho como de antes. Parou e aproximou-se dela para lhe pedir que desenhasse. A rapariga olhou para ele e em poucos minutos começou a desenhar sem parar. Após fazer o desenho, o rapaz ficou encantado e ao mesmo tempo surpreendido por perceber que ela não desenhava apenas os retratos das pessoas, mas algo mais... os sonhos delas também. Ele agradeceu e seguiu rumo ao seu trabalho nos escritórios. No escritório, foi de imediato mostrar aos seus colegas o retrato que fizeram e da qual ficou tão fascinado. Mas... faltava-lhe algo.

Na manhã seguinte, o rapaz estava comprometido em querer saber mais sobre a jovem rapariga e o seu talento inato. Foi entanto que foi ter com ela, não para lhe pedir um novo retrato, mas sim, para saber o seu nome e perguntar se podia dar o seu contacto telefónico para poderem combinar um café no fim de semana. E a rapariga sem hesitar aceitou.

Mais tarde no mesmo dia, a rapariga, estava a passear com as suas amigas quando de repente recebeu uma chamada no telemóvel, era o rapaz, para saber se queriam ir ao café no dia a seguir para se conhecerem melhor. A jovem aceitou, e quando contou às amigas elas saltaram de alegria e ficaram muito contentes.

No domingo, combinaram encontrar-se num café para poderem saber mais um sobre o outro.

No dia seguinte, lá estava ela de novo na rua, até que tudo mudou... Uma pessoa tinha deixado cair a sua mala e ela por uns segundos saiu de perto dos seus desenhos para ajudar a pessoa quando passou um ladrão e levou todo o seu trabalho e materiais de desenho. Ao deparar-se com aquela situação, desesperada decidiu mandar uma mensagem ao seu amigo a pedir-lhe ajuda.

O rapaz, sem hesitar foi ter com ela para a poder amparar e ajudar. A jovem estava triste e muito em baixo com o facto de ter perdido tudo o que mais gostava. Mas este prometeu que a ia ajudar a encontrar a pessoa que lhe tinha roubado as coisas.


Passado uns dias, combinaram ir dar uma volta para ela poder espairecer um pouco, já que ainda não sabiam quem tinha sido o autor do roubo. Até que, num outro local, a jovem viu uma pessoa a vender alguns dos seus retratos na rua e foi ter com ela. Mas o ladrão conseguiu perceber e fugiu de imediato. Ambos ficaram contentes por ela ter recuperado o que era seu, apesar de não terem apanhado o ladrão.

Foi então que o rapaz decidiu fazer uma proposta à rapariga, se esta queria fazer uma exposição com as suas obras, ele conhecia algumas pessoas que a podiam ajudar. Ela sem hesitar aceitou a proposta.

Passado um mês, eles continuavam a falar e a passear juntos, e no dia da exposição. Algo inesperado aconteceu. O rapaz pediu-a em namoro, no dia mais importante da sua vida.

ANEXO XVIII – DADOS EM BRUTO DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS AOS PARTICIPANTES DO ESTUDO

Cuidador Legal do CL



IPL
Instituto Superior de Educação
e Ciências Sociais
e Tecnológicas

Código de Identificação do Participante (a preencher pela investigadora):

CL

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO NA PERSPETIVA DO CUIDADOR LEGAL

1. Para cada questão, assinale com um X na escala que melhor se adequa com a sua opinião.

Questão	Escala de importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
1.1. Desde que o seu filho/ neto começou a participar neste projeto, às terças-feiras, relata conta regularmente o que fez ou aprendeu de novo e a experiência vivida.				X
1.2. O seu filho/ neto procura explicar os termos técnicos e os conceitos que tem aprendido.				X
1.3. Em casa pede para utilizar a máquina fotográfica ou o telemóvel para fazer experiências com gravações.		X		X
1.4. Pede ajuda à família para utilizar a máquina fotográfica ou telemóvel para fazer filmagens em casa.		X		
1.5. Em casa o seu filho/ neto procura no computador, ideias para fazer nas filmagens.				X
1.6. Desde que o seu filho/ neto começou a participar neste projeto, considera que despertou nele algum tipo de curiosidade para querer aprender mais sobre cinema.				X
1.7. É frequente o entusiasmo do seu filho/ neto na participação das atividades do projeto.				X
1.8. Considera que o projeto tem melhorado a comunicação do seu filho/ neto com os outros colegas.				X
1.9. Acha que este projeto permite uma melhoria do trabalho em equipa.				X
1.10. Acha que o seu filho/ neto desde que começou a participar consegue expressar melhor aquilo que sente e pensa.				X
1.11. Considera que este projeto possibilita as pessoas de melhorarem a criatividade e imaginação.				X

CL

2. No seu entender, notou alguma mudança no comportamento do seu educando (a) após a sua participação neste projeto? Qual (is)?

Sim! uma maior disponibilidade
para este área

3. Que benefícios considera que este projeto trouxe para o desenvolvimento do seu educando?

Vários, boa disposição interesse no
projeto

4. Numa perspetiva de melhoria para futuros projetos, tem alguma crítica ou sugestão? Pode fazer a sua apreciação aqui.

Sinto que tem mais motivação para
a continuar novos projetos, tendo
fé em conduzir uma nova intervenção
num filme que de antes desdemonstrava

5. Qual é a sua opinião sobre o envolvimento do seu educando neste tipo de projetos (tais como: fotografia, cinema, teatro, música)?

Estão sido as áreas mais motivadoras
para o seu desenvolvimento nestes
filmes, muito bom para ele.

Grata pela sua colaboração!

Cuidador Legal do HA



Código de Identificação do Participante (a preencher pela investigadora):

HA

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO NA PERSPETIVA DO CUIDADOR LEGAL

1. Para cada questão, assinale com um X na escala que melhor se adequa com a sua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
1.1. Desde que o seu filho/ neto começou a participar neste projeto, às terças-feiras, relata conta regularmente o que fez ou aprendeu de novo e a experiência vivida.				X
1.2. O seu filho/ neto procura explicar os termos técnicos e os conceitos que tem aprendido.				X
1.3. Em casa pede para utilizar a máquina fotográfica ou o telemóvel para fazer experiências com gravações.		X		
1.4. Pede ajuda à família para utilizar a máquina fotográfica ou telemóvel para fazer filmagens em casa.				X
1.5. Em casa o seu filho/ neto procura no computador, ideias para fazer nas filmagens.	Porque ele gosta			
1.6. Desde que o seu filho/ neto começou a participar neste projeto, considera que despertou nele algum tipo de curiosidade para querer aprender mais sobre cinema.			X	
1.7. É frequente o entusiasmo do seu filho/ neto na participação das atividades do projeto.				X
1.8. Considera que o projeto tem melhorado a comunicação do seu filho/ neto com os outros colegas.				X
1.9. Acha que este projeto permite uma melhoria do trabalho em equipa.				X
1.10. Acha que o seu filho/ neto desde que começou a participar consegue expressar melhor aquilo que sente e pensa.				X
1.11. Considera que este projeto possibilita as pessoas de melhorarem a criatividade e imaginação.				X

HA

2. No seu entender, notou alguma mudança no comportamento do seu educando (a) após a sua participação neste projeto? Qual (is)?

Costei ter tempo mais o
ocupado e viver com colegas.

3. Que benefícios considera que este projeto trouxe para o desenvolvimento do seu educando?

~~Para minha mãe foi bom~~
Costava que houvesse mais
filmes para outras vezes.

4. Numa perspetiva de melhoria para futuros projetos, tem alguma crítica ou sugestão? Pode fazer a sua apreciação aqui.

Para a mãe foi muito bom
porque ele quando está em
casa não consegue mudar porque
tem a lombar que lhe apertava as
apertava desde o dia 24 de Abril.

5. Qual é a sua opinião sobre o envolvimento do seu educando neste tipo de projetos (tais como: fotografia, cinema, teatro, música)?

para eles é muito bom a
aprender.

Grata pela sua colaboração!

Cuidador Legal da JF



Código de Identificação do Participante (a preencher pela investigadora):

JF

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO NA PERSPETIVA DO CUIDADOR LEGAL

1. Para cada questão, assinale com um X na escala que melhor se adequa com a sua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
1.1. Desde que o seu filho/ neto começou a participar neste projeto, às terças-feiras, relata conta regularmente o que fez ou aprendeu de novo e a experiência vivida.				X
1.2. O seu filho/ neto procura explicar os termos técnicos e os conceitos que tem aprendido.				X
1.3. Em casa pede para utilizar a máquina fotográfica ou o telemóvel para fazer experiências com gravações.			X	
1.4. Pede ajuda à família para utilizar a máquina fotográfica ou telemóvel para fazer filmagens em casa.	X			
1.5. Em casa o seu filho/ neto procura no computador, ideias para fazer nas filmagens.	X			
1.6. Desde que o seu filho/ neto começou a participar neste projeto, considera que despertou nele algum tipo de curiosidade para querer aprender mais sobre cinema.				X
1.7. É frequente o entusiasmo do seu filho/ neto na participação das atividades do projeto.				X
1.8. Considera que o projeto tem melhorado a comunicação do seu filho/ neto com os outros colegas.				X
1.9. Acha que este projeto permite uma melhoria do trabalho em equipa.				X
1.10. Acha que o seu filho/ neto desde que começou a participar consegue expressar melhor aquilo que sente e pensa.				X
1.11. Considera que este projeto possibilita as pessoas de melhorarem a criatividade e imaginação.				X

JF

2. No seu entender, notou alguma mudança no comportamento do seu educando
(a) após a sua participação neste projeto? Qual (is)?

exato que sim: que ficou mais
atenta para as pessoas

3. Que benefícios considera que este projeto trouxe para o desenvolvimento do seu educando?

a pleneio a trabalhos com
valores

4. Numa perspetiva de melhoria para futuros projetos, tem alguma crítica ou sugestão? Pode fazer a sua apreciação aqui.

eu acho que esta tudo bem
a minha sugestão é de aqui
projetos assim

5. Qual é a sua opinião sobre o envolvimento do seu educando neste tipo de projetos
(tais como: fotografia, cinema, teatro, música)?

acho que neste projeto que
esta tudo bem

Grata pela sua colaboração!

Cuidador Legal do LJ



Código de Identificação do Participante (a preencher pela investigadora):

LJ

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO NA PERSPETIVA DO CUIDADOR LEGAL

1. Para cada questão, assinale com um X na escala que melhor se adequa com a sua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
1.1. Desde que o seu filho/ neto começou a participar neste projeto, às terças-feiras, relata conta regularmente o que fez ou aprendeu de novo e a experiência vivida.			X	
1.2. O seu filho/ neto procura explicar os termos técnicos e os conceitos que tem aprendido.			X	
1.3. Em casa pede para utilizar a máquina fotográfica ou o telemóvel para fazer experiências com gravações.		X		
1.4. Pede ajuda à família para utilizar a máquina fotográfica ou telemóvel para fazer filmagens em casa.		X		
1.5. Em casa o seu filho/ neto procura no computador, ideias para fazer nas filmagens.			X	
1.6. Desde que o seu filho/ neto começou a participar neste projeto, considera que despertou nele algum tipo de curiosidade para querer aprender mais sobre cinema.			X	
1.7. É frequente o entusiasmo do seu filho/ neto na participação das atividades do projeto.			X	
1.8. Considera que o projeto tem melhorado a comunicação do seu filho/ neto com os outros colegas.			X	
1.9. Acha que este projeto permite uma melhoria do trabalho em equipa.			X	
1.10. Acha que o seu filho/ neto desde que começou a participar consegue expressar melhor aquilo que sente e pensa.				X
1.11. Considera que este projeto possibilita as pessoas de melhorarem a criatividade e imaginação.				X

LS

2. No seu entender, notou alguma mudança no comportamento do seu educando (a) após a sua participação neste projeto? Qual (is)?

Sim, está mais ativo gost de
actividades e está a gostar muito

3. Que benefícios considera que este projeto trouxe para o desenvolvimento do seu educando?

Uma experiência boa que nunca
teve feito e está a gostar

4. Numa perspetiva de melhoria para futuros projetos, tem alguma crítica ou sugestão? Pode fazer a sua apreciação aqui.

Não.

5. Qual é a sua opinião sobre o envolvimento do seu educando neste tipo de projetos (tais como: fotografia, cinema, teatro, música)?

Está disponível para colaborar
desde que consigo fazer e
que tenha a fundo.

Grata pela sua colaboração!

Cuidador Legal do LO



Código de Identificação do Participante (a preencher pela investigadora):

LO

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO NA PERSPETIVA DO CUIDADOR LEGAL

1. Para cada questão, assinale com um X na escala que melhor se adequa com a sua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
1.1. Desde que o seu filho/ neto começou a participar neste projeto, às terças-feiras, relata conta regularmente o que fez ou aprendeu de novo e a experiência vivida.			X	
1.2. O seu filho/ neto procura explicar os termos técnicos e os conceitos que tem aprendido.		X		
1.3. Em casa pede para utilizar a máquina fotográfica ou o telemóvel para fazer experiências com gravações.		X		
1.4. Pede ajuda à família para utilizar a máquina fotográfica ou telemóvel para fazer filmagens em casa.		X		
1.5. Em casa o seu filho/ neto procura no computador, ideias para fazer nas filmagens.		X		
1.6. Desde que o seu filho/ neto começou a participar neste projeto, considera que despertou nele algum tipo de curiosidade para querer aprender mais sobre cinema.		X		
1.7. É frequente o entusiasmo do seu filho/ neto na participação das atividades do projeto.			X	
1.8. Considera que o projeto tem melhorado a comunicação do seu filho/ neto com os outros colegas.			X	
1.9. Acha que este projeto permite uma melhoria do trabalho em equipa.			X	
1.10. Acha que o seu filho/ neto desde que começou a participar consegue expressar melhor aquilo que sente e pensa.		X		
1.11. Considera que este projeto possibilita as pessoas de melhorarem a criatividade e imaginação.			X	

10

2. No seu entender, notou alguma mudança no comportamento do seu educando (a) após a sua participação neste projeto? Qual (is)?

Não, ele fica entusiasmado todos os dias que vai conviver no Campê com os seus pares.

3. Que benefícios considera que este projeto trouxe para o desenvolvimento do seu educando?

Tudo tem beneficiado no desenvolvi-
mento do meu filho, principalmente o convívio,
e o trabalho em equipa.

4. Numa perspetiva de melhoria para futuros projetos, tem alguma crítica ou sugestão? Pode fazer a sua apreciação aqui.

Não, continuarei todo e qualquer trabalho
com fôcos especiais e sempre uma mais
valia no apoio do desenvolvimento cognitivo
e psicológico.

5. Qual é a sua opinião sobre o envolvimento do seu educando neste tipo de projetos (tais como: fotografia, cinema, teatro, música)?

Acho bem, quanto mais projetos tiverem,
melhor será o seu desenvolvimento social
e cognitivo.

Grata pela sua colaboração!

Cuidador Legal do FV



Código de Identificação do Participante (a preencher pela investigadora):

FV

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO NA PERSPETIVA DO CUIDADOR LEGAL

1. Para cada questão, assinale com um X na escala que melhor se adequa com a sua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
1.1. Desde que o seu filho/ neto começou a participar neste projeto, às terças-feiras, relata conta regularmente o que fez ou aprendeu de novo e a experiência vivida.				X
1.2. O seu filho/ neto procura explicar os termos técnicos e os conceitos que tem aprendido.				X
1.3. Em casa pede para utilizar a máquina fotográfica ou o telemóvel para fazer experiências com gravações.				X
1.4. Pede ajuda à família para utilizar a máquina fotográfica ou telemóvel para fazer filmagens em casa.		X		
1.5. Em casa o seu filho/ neto procura no computador, ideias para fazer nas filmagens.				X
1.6. Desde que o seu filho/ neto começou a participar neste projeto, considera que despertou nele algum tipo de curiosidade para querer aprender mais sobre cinema.				X
1.7. É frequente o entusiasmo do seu filho/ neto na participação das atividades do projeto.				X
1.8. Considera que o projeto tem melhorado a comunicação do seu filho/ neto com os outros colegas.				X
1.9. Acha que este projeto permite uma melhoria do trabalho em equipa.				X
1.10. Acha que o seu filho/ neto desde que começou a participar consegue expressar melhor aquilo que sente e pensa.				X
1.11. Considera que este projeto possibilita as pessoas de melhorarem a criatividade e imaginação.				X

FV

2. No seu entender, notou alguma mudança no comportamento do seu educando (a) após a sua participação neste projeto? Qual (is)?

Processo educativo mais disperso e maior capacidade de interação / socialização com os colegas, uma vez que abraçou o projeto no momento em que acabou de integrar a APPACDM.

3. Que benefícios considera que este projeto trouxe para o desenvolvimento do seu educando?

Aprendizagem ao nível do relacionamento interpessoal, novas noções cognitivas sobre o espaço e a representação da imagem. Autoconfiança.

4. Numa perspetiva de melhoria para futuros projetos, tem alguma crítica ou sugestão? Pode fazer a sua apreciação aqui.

Não.

5. Qual é a sua opinião sobre o envolvimento do seu educando neste tipo de projetos (tais como: fotografia, cinema, teatro, música)?

FV diz que "sempre me sentibem, à frente das câmaras, atrás das câmaras". FV apresenta grande vontade em participar e contar a sua história. Considera que este tipo de projeto é visto por FV como um meio possível para passar a sua mensagem à sociedade.

Grata pela sua colaboração!



QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO NA PERSPETIVA DA EQUIPA TÉCNICA

Habilitações Académicas: Mestrado

1. Para cada questão, assinale com um X na escala que melhor se adequa com a sua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
1.1. Desde que o grupo começou a participar neste projeto, relata regularmente o que fez ou aprendeu de novo e a experiência vivida.			X	
1.2. O grupo costuma falar com os restantes colegas, que não participaram no projeto, sobre o que aprenderam a fazer.				X
1.3. Desde que o grupo começou a participar neste projeto, considera que despertou neles algum tipo de curiosidades para querer aprender mais sobre cinema ou uma temática relacionada			X	
1.4. É frequente o entusiasmo dos participantes nas atividades do projeto.				X
1.5. Considera que o projeto tem melhorado a comunicação do grupo com os restantes colegas.			X	
1.6. Considera que o projeto melhorou o respeito entre os participantes.			X	
1.7. Considera que o projeto melhorou as relações interpessoais entre o grupo.			X	
1.8. Acha que este projeto permite uma melhoria do trabalho em equipa				X
1.9. Considera que o projeto possibilita aos participantes poderem expressar o que pensam e o que sentem.			X	
1.10. Considera que o projeto possibilita desenvolver a criatividade e imaginação.				X

2. No seu entender, notou alguma mudança no comportamento dos clientes no decorrer e/ou após a sua participação neste projeto? Por favor, especifique qual(is) o (s) cliente (s) e qual(is) a(s) mudança(a).

Carlos Castro - mais motivado para uma atividade, embora motivasse comportamentos muito desajustados.

3. Que benefícios considera que este tipo intervenção trouxe para o desenvolvimento dos clientes do CAARPD?

Envolvimento num projeto onde foram envolvidos e puderam dar ideias e sentirem-se valorizados.

4. Na sua opinião, qual foi o impacto deste projeto para a instituição?

Permite dar-se a conhecer e crescer com novo projeto

5. Qual é a sua opinião sobre o envolvimento do grupo neste tipo de projetos (tais como: fotografia, cinema, teatro, música)?

Considero interessante no medida em que
permite ao grupo experimentar de
novo tipo de projeto que recorrem a
modelidades artísticas.

6. Numa perspetiva de melhoria para futuros projetos, tem alguma crítica ou sugestão? Pode fazer a sua apreciação aqui.

Grata pela sua colaboração!



QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO NA PERSPETIVA DA EQUIPA TÉCNICA

Habilitações Académicas: licenciatura

1. Para cada questão, assinale com um X na escala que melhor se adequa com a sua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
1.1. Desde que o grupo começou a participar neste projeto, relata regularmente o que fez ou aprendeu de novo e a experiência vivida.				X
1.2. O grupo costuma falar com os restantes colegas, que não participaram no projeto, sobre o que aprenderam a fazer.				X
1.3. Desde que o grupo começou a participar neste projeto, considera que despertou neles algum tipo de curiosidades para querer aprender mais sobre cinema ou uma temática relacionada				X
1.4. É frequente o entusiasmo dos participantes nas atividades do projeto.				X
1.5. Considera que o projeto tem melhorado a comunicação do grupo com os restantes colegas.			X	
1.6. Considera que o projeto melhorou o respeito entre os participantes.			X	
1.7. Considera que o projeto melhorou as relações interpessoais entre o grupo.			X	
1.8. Acha que este projeto permite uma melhoria do trabalho em equipa				X
1.9. Considera que o projeto possibilita aos participantes poderem expressar o que pensam e o que sentem.				X
1.10. Considera que o projeto possibilita desenvolver a criatividade e imaginação.				X

2. No seu entender, notou alguma mudança no comportamento dos clientes no decorrer e/ou após a sua participação neste projeto? Por favor, especifique qual(is) o (s) cliente (s) e qual(is) a(s) mudança(a).

Não. Tendo em conta o curto período de intervenção.

3. Que benefícios considera que este tipo intervenção trouxe para o desenvolvimento dos clientes do CAARPD?

Respecto aos clientes, o interesse pelo cinema e artes.

4. Na sua opinião, qual foi o impacto deste projeto para a instituição?

Não teve impacto ao nível da instituição, no entanto verificouse um impacto positivo no CAARPD aumentando a diversidade de intervenções.

5. Qual é a sua opinião sobre o envolvimento do grupo neste tipo de projetos (tais como: fotografia, cinema, teatro, música)?

O grupo esteve bastante envolvido, partilhando ideias entre si e com os técnicos.

6. Numa perspetiva de melhoria para futuros projetos, tem alguma crítica ou sugestão? Pode fazer a sua apreciação aqui.

O período para desenvolver o projecto é muito curto.

Grata pela sua colaboração!



QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO NA PERSPETIVA DA EQUIPA TÉCNICA

Habilitações Académicas: licenciatura

1. Para cada questão, assinale com um X na escala que melhor se adequa com a sua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
1.1. Desde que o grupo começou a participar neste projeto, relata regularmente o que fez ou aprendeu de novo e a experiência vivida.				X
1.2. O grupo costuma falar com os restantes colegas, que não participaram no projeto, sobre o que aprenderam a fazer.				X
1.3. Desde que o grupo começou a participar neste projeto, considera que despertou neles algum tipo de curiosidades para querer aprender mais sobre cinema ou uma temática relacionada				X
1.4. É frequente o entusiasmo dos participantes nas atividades do projeto.			X	
1.5. Considera que o projeto tem melhorado a comunicação do grupo com os restantes colegas.				X
1.6. Considera que o projeto melhorou o respeito entre os participantes.			X	
1.7. Considera que o projeto melhorou as relações interpessoais entre o grupo.			X	
1.8. Acha que este projeto permite uma melhoria do trabalho em equipa			X	
1.9. Considera que o projeto possibilita aos participantes poderem expressar o que pensam e o que sentem.			X	
1.10. Considera que o projeto possibilita desenvolver a criatividade e imaginação.			X	

2. No seu entender, notou alguma mudança no comportamento dos clientes no decorrer e/ou após a sua participação neste projeto? Por favor, especifique qual(is) o (s) cliente (s) e qual(is) a(s) mudança(a).

O respeito pelos outros, pelo
trabalho, foi uma melhoria
verificável

3. Que benefícios considera que este tipo intervenção trouxe para o desenvolvimento dos clientes do CAARPD?

O envolvimento dos jovens
facilitou a criação de
compartimentos para o
trabalho e o trabalho desenvolvido em
dele.

4. Na sua opinião, qual foi o impacto deste projeto para a instituição?

As vezes do universo individual
o projeto não teve grande impacto
uma vez que é bastante recente
quanto ao trabalho desenvolvido

5. Qual é a sua opinião sobre o envolvimento do grupo neste tipo de projetos (tais como: fotografia, cinema, teatro, música)?


O grupo manifestou-se bastante envolvido, sendo muito ativas durante a realização dos trabalhos e durante a apresentação.

6. Numa perspetiva de melhoria para futuros projetos, tem alguma crítica ou sugestão? Pode fazer a sua apreciação aqui.

Sugere-se o aumento do tempo do projeto.

Grata pela sua colaboração!

Participante CL

 **IPL**
Instituto Politécnico de Leiria
escola superior de educação
e ciências sociais
unidade pedagógica de arte

Código de Identificação do Participante (a preencher pela investigadora): CL

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO NA PERSPETIVA DO PARTICIPANTE

Género: MASCULINO Idade: 33

1. Gostaste de participar neste projeto de criação de um filme?
Não Mais ao Menos Sim

1.1. Porquê?
FIQUEI ENTUSIASMADO E COM VONTADE
DE TRABALHAR MUITAS MAIS VEZES COMO ACTOR. ..

2. Qual foi a parte que mais gostaste? Numera por ordem de preferência, sendo que o 6 foi o que gostaste menos e o 1 o que gostaste mais.

Aprender técnicas de filmagem	<input type="checkbox"/> 4
Fazer experiências em vídeo	<input type="checkbox"/> 1
Escrever a história	<input type="checkbox"/> 3
Construir o storyboard	<input type="checkbox"/> 5
Fazer as gravações finais	<input type="checkbox"/> 2
Editar no computador	<input type="checkbox"/> 6 ?

Legenda:
1. Adorei
2. Gostei Muito
3. Gostei
4. Gostei Pouco
5. Gostei Muito Pouco
6. Não Gostei

2.1. Qual a parte que mais gostaste e porquê?
FILMAR COM A CAMARA, CRIAR A HISTORIA
PORQUE DEU-ME ANIMO E INSPIRACAO.

2.2. Qual a parte que menos gostaste e porquê?
APENA A MINHA VOZ, NAO ME PARCEU
BOA, SO ISTO.

CL

3. Para cada questão, assinala com um X na escala que melhor se adequa com a tua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
3.1. A animadora explicou as ideias e técnicas de forma clara e simples.				X
3.2. A sessões e atividades eram organizadas.				X
3.3. As atividades eram bem dinamizadas.			X	
3.4. Gostarias de participar noutra projeto relacionado com o vídeo, mas sobre outro tema e outras atividades.				X

4. O projeto correspondeu às tuas expectativas?

→ NÃO

SIM E NÃO, DEBIS DA MUDANÇA, ALTERAÇÕES NA HISTÓRIA FIQUEI ESPANTADO COM O FILME, → SIM

5. Para cada questão, assinala com um X na escala que melhor se adequa com a tua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
5.1. Costumas contar as atividades que fazes do projeto à tua família.			X	
5.2. Costumas contras as atividades que fazes aos teus colegas.			X	
5.3. Em casa costumavas utilizar a máquina fotográfica ou o telemóvel para fazer experiências com gravações.				X
5.4. Pedes ajuda à tua família para fazer filmagens em casa.		X		
5.5. Pedes ajuda aos teus amigos para fazer filmagens.		X		

CL

5.6. Em casa procuras no computador ideias para fazer nas filmagens.				X
5.7. Achas que o projeto te ajudou a melhorar a tua comunicação com os teus colegas.				X
5.8. O projeto ajuda a melhorar o respeito pelos colegas.				X
5.9. Achas que desenvolver um filme é bom projeto para melhorar o trabalho em equipa.				X
5.10. Achas que este projeto te ajudou a seres mais criativo.				X
5.11. Achas que o projeto ajuda as pessoas expressarem o que pensam e o que sentem.			X	
5.12. Achas que este tipo de projeto pode ajudar pessoas que sejam tímidas a ficarem menos tímidas.			X	
5.13. Achas que este tipo de projeto pode ajudar pessoas com pouca autoestima.			X	

6. Para ti qual foi a aprendizagem/ momento mais importante com este projeto?

ESTAR DE VOLTA COM A CÂMARA DE FILMAR
 PARA QUE TUDO CORRE SE BEM.

7. Tens alguma sugestão ou ideia para melhorar futuros projetos? Se sim, qual?

~~AV~~ AVALIAÇÃO BEM TUDO ANTES DE COMEÇAR:
 • HORÁRIOS; • EQUIPAMENTO; (A HISTÓRIA DO PIOTRE);
 • CENÁRIOS; MÚSICAS;

Obrigada pela tua colaboração!

Participante LJ



Código de Identificação do Participante (a preencher pela investigadora):

LJ

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO NA PERSPETIVA DO PARTICIPANTE

Género: Masculino Idade: 30

1. Gostaste de participar neste projeto de criação de um filme?

Não Mais ao Menos Sim

1.1. Porquê?

Nunca tinha participado no filme só tinha feito um teatro e mais estava à espera de ter uma experiência como protagonista das Montanhas.

2. Qual foi a parte que mais gostaste? Numera por ordem de preferência, sendo que o 6 foi o que gostaste menos e o 1 o que gostaste mais.

Aprender técnicas de filmagem	<input type="text" value="2"/>	Legenda: 1. Adorei 2. Gostei Muito 3. Gostei 4. Gostei Pouco 5. Gostei Muito Pouco 6. Não Gostei
Fazer experiências em vídeo	<input type="text" value="2"/>	
Escrever a história	<input type="text" value="3"/>	
Construir o storyboard	<input type="text" value="2"/>	
Fazer as gravações finais	<input type="text" value="1"/>	
Editar no computador	<input type="text" value="6"/>	

2.1. Qual a parte que mais gostaste e porquê?

Foi a parte que fiz como ator e pude deslompilhar. Não receios e lompilhar.

2.2. Qual a parte que menos gostaste e porquê?

A parte de editar no computador que gostava de fazer e mais pude deslompilhar os meus colegas com histórias de informática.

LJ

3. Para cada questão, assinala com um X na escala que melhor se adequa com a tua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
3.1. A animadora explicou as ideias e técnicas de forma clara e simples.				X
3.2. A sessões e atividades eram organizadas.				X
3.3. As atividades eram bem dinamizadas.				X
3.4. Gostarias de participar noutro projeto relacionado com o vídeo, mas sobre outro tema e outras atividades.	X			

4. O projeto correspondeu às tuas expetativas?

Sem forte má ideia como da a ajuda a
começar com outras experiências

5. Para cada questão, assinala com um X na escala que melhor se adequa com a tua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
5.1. Costumas contar as atividades que fazes do projeto à tua família.			X	
5.2. Costumas contras as atividades que fazes aos teus colegas.			X	
5.3. Em casa costumás utilizar a máquina fotográfica ou o telemóvel para fazer experiências com gravações.		X		
5.4. Pedes ajuda à tua família para fazer filmagens em casa.		X		
5.5. Pedes ajuda aos teus amigos para fazer filmagens.		X		

LS

5.6. Em casa procuras no computador ideias para fazer nas filmagens.		X		
5.7. Achas que o projeto te ajudou a melhorar a tua comunicação com os teus colegas.				X
5.8. O projeto ajuda a melhorar o respeito pelos colegas.				X
5.9. Achas que desenvolver um filme é bom projeto para melhorar o trabalho em equipa.				X
5.10. Achas que este projeto te ajudou a seres mais criativo.	X			
5.11. Achas que o projeto ajuda as pessoas expressarem o que pensam e o que sentem.				X
5.12. Achas que este tipo de projeto pode ajudar pessoas que sejam tímidas a ficarem menos tímidas.			X	
5.13. Achas que este tipo de projeto pode ajudar pessoas com pouca autoestima.				X

6. Para ti qual foi a aprendizagem/ momento mais importante com este projeto?

O momento mais importante foi em tre ajuda com os colegas e aceitar todas as sugestões dos colegas.

7. Tens alguma sugestão ou ideia para melhorar futuros projetos? Se sim, qual?

Trabalhar num computador porque nunca aprendi a trabalhar numa gravação.

Obrigada pela tua colaboração!

Participante HA



Código de Identificação do Participante (a preencher pela investigadora):

HA

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO NA PERSPETIVA DO PARTICIPANTE

Género: Masculino Idade: 45 anos

1. Gostaste de participar neste projeto de criação de um filme?

Não Mais ao Menos Sim

1.1. Porquê?

gostei porque fazer de polícia
João um de tudo.

2. Qual foi a parte que mais gostaste? Numera por ordem de preferência, sendo que o 6 foi o que gostaste menos e o 1 o que gostaste mais.

Aprender técnicas de filmagem

3

Fazer experiências em vídeo

1

Escrever a história

5

Construir o storyboard

4

Fazer as gravações finais

2

Editar no computador

6

Legenda:

1. Adorei

2. Gostei Muito

3. Gostei

4. Gostei Pouco

5. Gostei Muito Pouco

6. Não Gostei

2.1. Qual a parte que mais gostaste e porquê?

gostei de filmar as pessoas
pessoas e etc.

2.2. Qual a parte que menos gostaste e porquê?

eu menos gostei estar
parado.

HA

3. Para cada questão, assinala com um X na escala que melhor se adequa com a tua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
3.1. A animadora explicou as ideias e técnicas de forma clara e simples.				X
3.2. A sessões e atividades eram organizadas.				X
3.3. As atividades eram bem dinamizadas.				X
3.4. Gostarias de participar noutro projeto relacionado com o vídeo, mas sobre outro tema e outras atividades.				X

4. O projeto correspondeu às tuas expetativas?

O projeto correspondeu a quem
quiser.

5. Para cada questão, assinala com um X na escala que melhor se adequa com a tua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
5.1. Costumas contar as atividades que fazes do projeto à tua família.		X		
5.2. Costumas contar as atividades que fazes aos teus colegas.		X		
5.3. Em casa costumavas utilizar a máquina fotográfica ou o telemóvel para fazer experiências com gravações.		X		
5.4. Pedes ajuda à tua família para fazer filmagens em casa.		X		
5.5. Pedes ajuda aos teus amigos para fazer filmagens.		X		

HA

5.6. Em casa procuras no computador ideias para fazer nas filmagens.		X		
5.7. Achas que o projeto te ajudou a melhorar a tua comunicação com os teus colegas.				X
5.8. O projeto ajuda a melhorar o respeito pelos colegas.				X
5.9. Achas que desenvolver um filme é bom projeto para melhorar o trabalho em equipa.				X
5.10. Achas que este projeto te ajudou a seres mais criativo.				X
5.11. Achas que o projeto ajuda as pessoas expressarem o que pensam e o que sentem.				X
5.12. Achas que este tipo de projeto pode ajudar pessoas que sejam tímidas a ficarem menos tímidas.				X
5.13. Achas que este tipo de projeto pode ajudar pessoas com pouca autoestima.				X

6. Para ti qual foi a aprendizagem/ momento mais importante com este projeto?

foi tudo,

7. Tens alguma sugestão ou ideia para melhorar futuros projetos? Se sim, qual?

talvez outros projetos,

Obrigada pela tua colaboração!

Participante MS



Código de Identificação do Participante (a preencher pela investigadora):

MS

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO NA PERSPETIVA DO PARTICIPANTE

Género: feminino Idade: 28

1. Gostaste de participar neste projeto de criação de um filme?

Não Mais ao Menos Sim

1.1. Porquê?

sim, para mexer na máquina, de se
também atriz.

2. Qual foi a parte que mais gostaste? Numera por ordem de preferência, sendo que o 6 foi o que gostaste menos e o 1 o que gostaste mais.

Aprender técnicas de filmagem

2

Fazer experiências em vídeo

4

Escrever a história

5

Construir o storyboard

3

Fazer as gravações finais

1

Editar no computador

6

Legenda:

1. Adorei
2. Gostei Muito
3. Gostei
4. Gostei Pouco
5. Gostei Muito Pouco
6. Não Gostei

2.1. Qual a parte que mais gostaste e porquê?

porque mexer na câmara para filmar

2.2. Qual a parte que menos gostaste e porquê?

porque não chegamos a fazer

3. Para cada questão, assinala com um X na escala que melhor se adequa com a tua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
3.1. A animadora explicou as ideias e técnicas de forma clara e simples.				X
3.2. A sessões e atividades eram organizadas.				X
3.3. As atividades eram bem dinamizadas.				X
3.4. Gostarias de participar noutro projeto relacionado com o vídeo, mas sobre outro tema e outras atividades.				X

4. O projeto correspondeu às tuas expetativas?

Sim, porque foi igual o que achas

5. Para cada questão, assinala com um X na escala que melhor se adequa com a tua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
5.1. Costumas contar as atividades que fazes do projeto à tua família.				X
5.2. Costumas contras as atividades que fazes aos teus colegas.				X
5.3. Em casa costumavas utilizar a máquina fotográfica ou o telemóvel para fazer experiências com gravações.		X	X	
5.4. Pedes ajuda à tua família para fazer filmagens em casa.		X		
5.5. Pedes ajuda aos teus amigos para fazer filmagens.		X		

Código de Identificação do Participante (a preencher pela investigadora):

MS

5.6. Em casa procuras no computador ideias para fazer nas filmagens.		X		
5.7. Achas que o projeto te ajudou a melhorar a tua comunicação com os teus colegas.				X
5.8. O projeto ajuda a melhorar o respeito pelos colegas.				X
5.9. Achas que desenvolver um filme é bom projeto para melhorar o trabalho em equipa.				X
5.10. Achas que este projeto te ajudou a seres mais criativo.				X
5.11. Achas que o projeto ajuda as pessoas expressarem o que pensam e o que sentem.				X
5.12. Achas que este tipo de projeto pode ajudar pessoas que sejam tímidas a ficarem menos tímidas.				X
5.13. Achas que este tipo de projeto pode ajudar pessoas com pouca autoestima.		X		

6. Para ti qual foi a aprendizagem/ momento mais importante com este projeto?

fui grava e filmar

7. Tens alguma sugestão ou ideia para melhorar futuros projetos? Se sim, qual?

Obrigada pela tua colaboração!

Participante JF



Código de Identificação do Participante (a preencher pela investigadora):

JF

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO NA PERSPETIVA DO PARTICIPANTE

Género: masculino Idade: 24 anos

1. Gostaste de participar neste projeto de criação de um filme?

Não Mais ao Menos Sim

1.1. Porquê?

Porque foi uma experiência nova e a Rita sempre explicou todo muito bem e sempre foi muito profissional e conhecida.

2. Qual foi a parte que mais gostaste? Numera por ordem de preferência, sendo que o 6 foi o que gostaste menos e o 1 o que gostaste mais.

Aprender técnicas de filmagem	1	Legenda: 1. Adorei 2. Gostei Muito 3. Gostei 4. Gostei Pouco 5. Gostei Muito Pouco 6. Não Gostei
Fazer experiências em vídeo	1	
Escrever a história	3	
Construir o storyboard	3	
Fazer as gravações finais	1	
Editar no computador	1	

2.1. Qual a parte que mais gostaste e porquê?

Eu adorei fazer gravações e escrever a história

2.2. Qual a parte que menos gostaste e porquê?

Após gostei muito de escrever o storyboard achei um pouco sei lá

JF

3. Para cada questão, assinala com um X na escala que melhor se adequa com a tua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
3.1. A animadora explicou as ideias e técnicas de forma clara e simples.				X
3.2. A sessões e atividades eram organizadas.				X
3.3. As atividades eram bem dinamizadas.				X
3.4. Gostarias de participar noutro projeto relacionado com o vídeo, mas sobre outro tema e outras atividades.				X

4. O projeto correspondeu às tuas expetativas?

Sim porque ao principio não teve muito entusiasmo
mas depois os Rito começaram a motivar e começaram a
ver o quanto se gostava.

5. Para cada questão, assinala com um X na escala que melhor se adequa com a tua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
5.1. Costumas contar as atividades que fazes do projeto à tua família.			X	
5.2. Costumas contras as atividades que fazes aos teus colegas.				X
5.3. Em casa costumavas utilizar a máquina fotográfica ou o telemóvel para fazer experiências com gravações.			X	
5.4. Pedes ajuda à tua família para fazer filmagens em casa.	X			
5.5. Pedes ajuda aos teus amigos para fazer filmagens.		X		

JF

5.6. Em casa procuras no computador ideias para fazer nas filmagens.			X	
5.7. Achas que o projeto te ajudou a melhorar a tua comunicação com os teus colegas.				X
5.8. O projeto ajuda a melhorar o respeito pelos colegas.	X			
5.9. Achas que desenvolver um filme é bom projeto para melhorar o trabalho em equipa.				X
5.10. Achas que este projeto te ajudou a seres mais criativo.				X
5.11. Achas que o projeto ajuda as pessoas expressarem o que pensam e o que sentem.				X
5.12. Achas que este tipo de projeto pode ajudar pessoas que sejam tímidas a ficarem menos tímidas.				X
5.13. Achas que este tipo de projeto pode ajudar pessoas com pouca autoestima.				X

6. Para ti qual foi a aprendizagem/ momento mais importante com este projeto?

*foi as gravações e o escolher das músicas e aprendi
 a trabalhar em grupo.*

7. Tens alguma sugestão ou ideia para melhorar futuros projetos? Se sim, qual?

*acho que devia haver mais projectos como estes.
 porque acho as pessoas a expressar.*

Obrigada pela tua colaboração!

Participante FV



Código de Identificação do Participante (a preencher pela investigadora):

FV

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO NA PERSPETIVA DO PARTICIPANTE

Género: MASCULINO Idade: 28

1. Gostaste de participar neste projeto de criação de um filme?

Não Mais ao Menos Sim

1.1. Porquê?

Senti-me feliz e alegre com os meus colegas, mas como estavam atrás e à frente da câmara

2. Qual foi a parte que mais gostaste? Numera por ordem de preferência, sendo que o 6 foi o que gostaste menos e o 1 o que gostaste mais.

Aprender técnicas de filmagem	<input type="checkbox"/> 2	Legenda: 1. Adorei 2. Gostei Muito 3. Gostei 4. Gostei Pouco 5. Gostei Muito Pouco 6. Não Gostei
Fazer experiências em vídeo	<input type="checkbox"/> 1	
Escrever a história	<input type="checkbox"/> 5	
Construir o storyboard	<input type="checkbox"/> 4	
Fazer as gravações finais	<input type="checkbox"/> 3	
Editar no computador	<input type="checkbox"/> 6	

2.1. Qual a parte que mais gostaste e porquê?

Senti-me bem e seguro atrás das câmaras porque a Rita ensinou

2.2. Qual a parte que menos gostaste e porquê?

a parte que menos gostei foi Editar no Computador

FV

3. Para cada questão, assinala com um X na escala que melhor se adequa com a tua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
3.1. A animadora explicou as ideias e técnicas de forma clara e simples.				X
3.2. A sessões e atividades eram organizadas.				X
3.3. As atividades eram bem dinamizadas.				X
3.4. Gostarias de participar noutro projeto relacionado com o vídeo, mas sobre outro tema e outras atividades.				X

4. O projeto correspondeu às tuas expectativas?

Obviamente, foi um vídeo perfeito, pensei que fosse sair mais ao menos mal e acabou bem

5. Para cada questão, assinala com um X na escala que melhor se adequa com a tua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
5.1. Costumas contar as atividades que fazes do projeto à tua família.			X	
5.2. Costumas contar as atividades que fazes aos teus colegas.			X	
5.3. Em casa costumavas utilizar a máquina fotográfica ou o telemóvel para fazer experiências com gravações.				X
5.4. Pedes ajuda à tua família para fazer filmagens em casa.		X		
5.5. Pedes ajuda aos teus amigos para fazer filmagens.				X

FV

5.6. Em casa procuras no computador ideias para fazer nas filmagens.			<input checked="" type="checkbox"/>	
5.7. Achas que o projeto te ajudou a melhorar a tua comunicação com os teus colegas.			<input checked="" type="checkbox"/>	
5.8. O projeto ajuda a melhorar o respeito pelos colegas.			<input checked="" type="checkbox"/>	
5.9. Achas que desenvolver um filme é bom projeto para melhorar o trabalho em equipa.				<input checked="" type="checkbox"/>
5.10. Achas que este projeto te ajudou a seres mais criativo.			<input checked="" type="checkbox"/>	
5.11. Achas que o projeto ajuda as pessoas expressarem o que pensam e o que sentem.			<input checked="" type="checkbox"/>	
5.12. Achas que este tipo de projeto pode ajudar pessoas que sejam tímidas a ficarem menos tímidas.				<input checked="" type="checkbox"/>
5.13. Achas que este tipo de projeto pode ajudar pessoas com pouca autoestima.				<input checked="" type="checkbox"/>

6. Para ti qual foi a aprendizagem/ momento mais importante com este projeto?

Seu Comp. de fazer este filme - ta
de com. com. e de actor

7. Tens alguma sugestão ou ideia para melhorar futuros projetos? Se sim, qual?

Ter um Musical incluir dança.

Obrigada pela tua colaboração!

Participante LO



Código de Identificação do Participante (a preencher pela investigadora):

LO

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO NA PERSPETIVA DO PARTICIPANTE

Género: Masculino Idade: 20

1. Gostaste de participar neste projeto de criação de um filme?

Não Mais ao Menos Sim

1.1. Porquê?

Gostei porque trabalhamos muito foram
muitos dias.

2. Qual foi a parte que mais gostaste? Numera por ordem de preferência, sendo que o 6 foi o que gostaste menos e o 1 o que gostaste mais.

Aprender técnicas de filmagem	1	Legenda: 1. Adorei 2. Gostei Muito 3. Gostei 4. Gostei Pouco 5. Gostei Muito Pouco 6. Não Gostei
Fazer experiências em vídeo	3	
Escrever a história	4	
Construir o storyboard	2	
Fazer as gravações finais	1	
Editar no computador	5	

2.1. Qual a parte que mais gostaste e porquê?

Gostei muito das gravações finais porque
foram muitos dias e muitas horas.

2.2. Qual a parte que menos gostaste e porquê?

Gostei menos de editar no computador.

LO

3. Para cada questão, assinala com um X na escala que melhor se adequa com a tua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
3.1. A animadora explicou as ideias e técnicas de forma clara e simples.				X
3.2. A sessões e atividades eram organizadas.				X
3.3. As atividades eram bem dinamizadas.				X
3.4. Gostarias de participar nouro projeto relacionado com o vídeo, mas sobre outro tema e outras atividades.				X

4. O projeto correspondeu às tuas expetativas?

Sim porque gostei muito de fazer filmes.

5. Para cada questão, assinala com um X na escala que melhor se adequa com a tua opinião.

Questão	Escala de Importância			
	Não sei/ Não tenho opinião	Nunca	Algumas Vezes	Muitas Vezes
5.1. Costumas contar as atividades que fazes do projeto à tua família.			X	
5.2. Costumas contras as atividades que fazes aos teus colegas.		X		
5.3. Em casa costumás utilizar a máquina fotográfica ou o telemóvel para fazer experiências com gravações.			X	
5.4. Pedes ajuda à tua família para fazer filmagens em casa.		X		
5.5. Pedes ajuda aos teus amigos para fazer filmagens.				X

LO

5.6. Em casa procuras no computador ideias para fazer nas filmagens.		X		
5.7. Achas que o projeto te ajudou a melhorar a tua comunicação com os teus colegas.				X
5.8. O projeto ajuda a melhorar o respeito pelos colegas.				X
5.9. Achas que desenvolver um filme é bom projeto para melhorar o trabalho em equipa.				X
5.10. Achas que este projeto te ajudou a seres mais criativo.				X
5.11. Achas que o projeto ajuda as pessoas expressarem o que pensam e o que sentem.				X
5.12. Achas que este tipo de projeto pode ajudar pessoas que sejam tímidas a ficarem menos tímidas.			X	
5.13. Achas que este tipo de projeto pode ajudar pessoas com pouca autoestima.				X

6. Para ti qual foi a aprendizagem/ momento mais importante com este projeto?

Foi as filmagens.

7. Tens alguma sugestão ou ideia para melhorar futuros projetos? Se sim, qual?

Sim. Mais projetos destes.

Obrigada pela tua colaboração!

ANEXO XIX – REGISTOS FOTOGRÁFICOS DO PROJETO



Figura 13 - Etapa 1: Sessão de Aprendizagem dos Planos de Enquadramento de Imagem

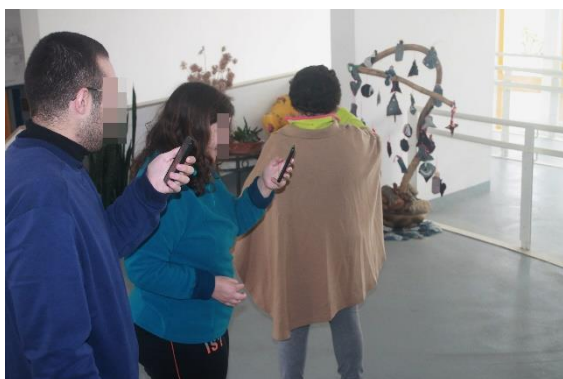


Figura 13 - Etapa 1: Exercícios de Exploração da Câmara



Figura 14 - Etapa 1: Exercícios de Exploração da Câmara

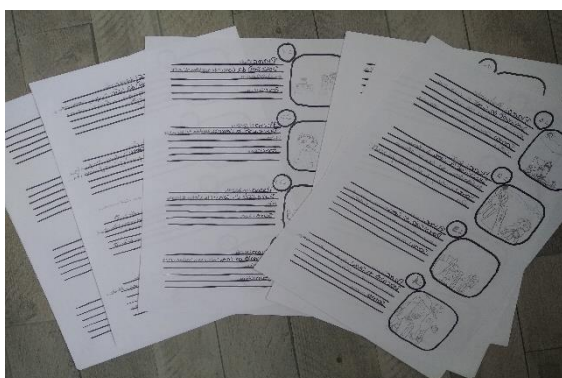


Figura 15 - Etapa 3: Storyboard

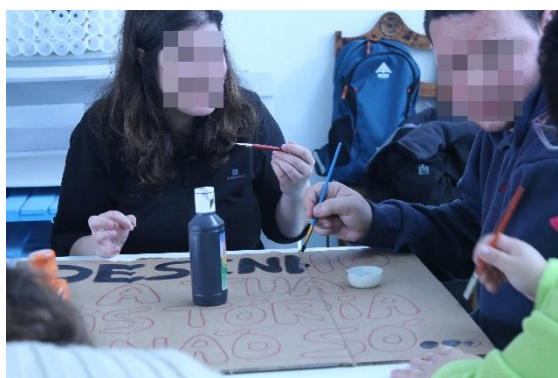


Figura 16 - Etapa 4: Construção dos Adereços



Figura 17 - Etapa 4: Construção dos Adereços (Sonhos)



Figura 18 - Etapa 4: Sonhos da História



Figura 19 - Etapa 5: Filmagens da História



Figura 20 - Etapa 5: Filmagens da História



Figura 21 - Etapa 5: Filmagens da História



Figura 22 - Etapa 5: Filmagens da História



Figura 23 - Etapa 5: Filmagens da História



Figura 24 - Etapa 5: Filmagens da História

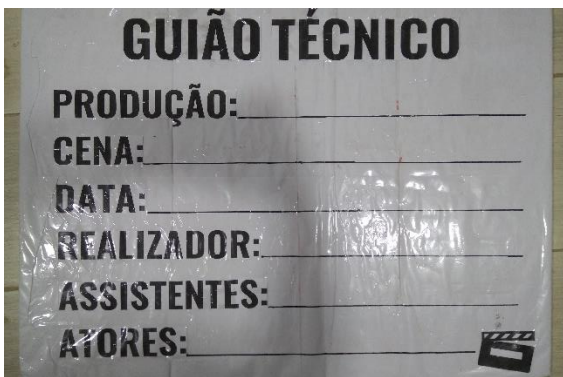


Figura 25 - Etapa 5: Claquete



Figura 26 - Etapa 5: Participante a escrever na claquete



Figura 27 - Apresentação Pública do Projeto



Figura 2 - Apresentação Pública do Projeto